

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: Lições Pedagógicas de Maria Lacerda
de Moura (1887-1945)**

CAMPINA GRANDE – PB
JULHO DE 2012

DENISE CRISTINA FERREIRA

**EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: Lições Pedagógicas de Maria Lacerda
de Moura (1887-1945)**

CAMPINA GRANDE – PB
JULHO DE 2012

DENISE CRISTINA FERREIRA

**EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: Lições Pedagógicas de Maria Lacerda
de Moura (1887-1945)**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

Orientador: Dr. Rogério H. Z. Nascimento

CAMPINA GRANDE – PB
JULHO DE 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

F383e Ferreira, Denise Cristina.
 Educação e sociedade: lições pedagógicas de Maria Lacerda de Moura
(1887-1945) / Denise Cristina Ferreira. – Campina Grande, 2012.
 108f. : il.

 Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de
Campina Grande, Centro de Humanidades.
 Orientador: Prof. Dr. Rogério H. Z. Nascimento.
 Referências.

 1. Sociedade - Mulher. 2. Educação. I. Título.

CDU 305-055.2 (043)

DENISE CRISTINA FERREIRA

**EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: Lições Pedagógicas de Maria Lacerda
de Moura (1887-1945)**

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Dr^o Rogério Humberto Zeferino Nascimento (UACS-UFCG)
(Orientador)

Prof^o Dr^o José Benjamim Montenegro (UAHG/UFCG)
(Examinador)

Prof^o Dr^o Celso Gestermeier do Nascimento (UAHG/UFCG)
(Examinador)

Prof^o Dr^o Sebastian Sanchez Martín (UEPB)
(Examinador)

CAMPINA GRANDE – PB
JULHO DE 2012

À todos que desejam a liberdade...
*Às **mulheres** audaciosas, destemidas e*
de personalidade...
*À minha **Voinha** (materna), **Mãe** e **Tias***
*Ao meu **pai**, um guerreiro.*

AGRADECIMENTOS

Nesse momento quero agradecer a todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para a elaboração dessa pesquisa. A essas pessoas, sempre presentes, seja mim orientando academicamente ou mesmo na vida pessoal, terei de ser, para sempre, grata.

Agradeço a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa concedida para a realização dessa pesquisa, sem a mesma não seria possível. A todo corpo docente do programa de pós-graduação em ciências sociais. Em especial a **Rogério Humberto Zeferino Nascimento**, pelo apoio, dedicação, paciência e carinho em me orientar para a realização dessa pesquisa. Ainda a ele, por ter me disponibilizado do seu acervo pessoal materiais para análise pesquisa, leituras, críticas e sugestões para a realização dessa dissertação, agradeço de todo coração pela sua inteira compreensão e amizade ao longo desses seis anos de convivência e aprendizado. Outros professores importantes para meu amadurecimento intelectual e pessoal contribuindo com o processo de escrita a professora **Mércia Rejane Rangel Batista** (UASA/UFCG), **Gabriel Corrêa** (UASA/UFCG) pela expressão de carinho e diálogos nos corredores, com orientações a pesquisa e colaborando na minha vida pessoal nos momentos em que mais precisei. A professora **Magnólia Gibson** (UASA/UFCG) pela delicadeza me disponibilizando seus livros, ajudando-me na leitura sobre procedimento de pesquisa com sociologia da literatura, e ainda por ser solidária também nos momentos de aflições nos corredores. Aos professores da banca em especial a **José Benjamim Montenegro** (UAHG/UFCG), **Sebastian Sanchez Martín** (UEPB) pela disponibilidade e paciência em ler meu trabalho contribuindo com ricas sugestões. As mulheres que compõem minha formação educacional a minha Voinha **Maria Josefa de Souza** (materna), pela sabedoria e pela experiência de vida com frases curtas, porém sábias para minha caminhada. A minha mamãe **Josefa Maria Ferreira** por caminhar comigo numa incessante luta tentando me ajudar nos estudos, mesmo tendo que enfrentar a enfermidade constante do meu pai. Ao meu pai **Daniel Ferreira de Maria** um homem de admirável postura, muito importante para a formação da minha personalidade e caráter, me ensinou muito durante o

tempo que podíamos nos manter em constante diálogo. Ainda a ele, pelo carinho e força, mesmo na situação em se encontra, demonstrando através do seu olhar afeto e força para que eu possa continuar. Ao meu pai por ter sempre acreditado na minha vida acadêmica e por deveras às vezes ter sorrido para mim nas minhas madrugadas de estudo... As minhas tias pelo exemplo, em especial a paciência de **Maria José de Sousa Liberal** pelas ajudas na leitura e correção do meu trabalho. Ao meu irmão **Dennis Cláudio Ferreira** pela sua pouca paciência comigo nos momentos mais difíceis da minha pesquisa. A minha prima **Mônica Souza** que mesmo distante me ajuda com seu afeto. Aos meus amigos pelo carinho e paciência em me manter no ciclo de amizade mesmo na total ausência **Adriana, Carol Diniz, Gabi, Geysa, Issac Macêdo, Kaio Diniz, Micheline, Nildo, Rosana, Soraia Ferreira, Wilton Freitas e Yuri Fox**. A amiga do mestrado **Monalisa** a quem aprendi a admirar e respeitar como pessoa de uma personalidade contagiante, figura vigorosa sempre com muito axé, alegria e companheirismo. Agradeço também e não poderia deixar de mencionar aqueles que me despertaram o sentimento de repudia e aversão, contribuindo decisivamente no meu progresso mental. Agradeço a todos que de uma forma ou de outra me fazem refletir sobre as questões sociais e me inquietam. Enfim, agradeço a uma fé que me liberta a cada dia emanando como sentimento positivo, dando-me força e resistência para sempre continuar.

*Só Para Amar foi feita a vida
(Maria Lacerda de Moura)*

RESUMO

Apresento nesse trabalho breves considerações do pensamento político e intelectual de Maria Lacerda de Moura (1887-1945). Nascida em Minas Gerais, foi professora, escritora e militante do movimento operário. Analiso seu pensamento a partir de fontes primárias e secundárias. Das diversas obras publicadas pela autora, escolhi para análise "*Lições de Pedagogia*" (1925), por ser, dentre seus livros, o que trata do tema educação. A autora participou de um período de efervescência política, social e econômica no Brasil. Suas reflexões se inserem num campo multidisciplinar perpassando diversos campos de saberes. Dentre uma variedade de conhecimentos a autora fala da educação a partir da sociologia, antropologia, filosofia, anatomia, biologia, geografia, política, entre outros. Essa escritora "desconhecida" nos meios acadêmicos contemporâneos nos ajuda a compreender sob outra visão, aspectos de uma época. Analisar seu pensamento sobre educação é importante por nos fazer refletir sobre questões atuais. Temas relacionados ao educador, educando, família e sociedade, são discutidos pela mesma, dentro de um campo relacional, que tem haver com a formação do indivíduo. Pesquisar o pensamento de Maria Lacerda de Moura foi desafiante e ao mesmo tempo instigante, no que se refere à contribuição de um tratado sociológico para as discussões sobre educação.

Palavras Chaves: Mulher, Educação, Sociedade.

ABSTRACT

I present in this work brief considerations of the political and intellectual thoughts of Maria Lacerda de Moura (1887- 1945). Borned in Minas Gerais, she was a teacher, writer and militant from the labour movement. Her thoughts were analyzed from primary and secondary sources. From the variety of published works by the author, the chosen one for the appreciation was “*Lições de Pedagogia*” (1925), for been the most important to the educational extent. The author took part in a period of political, social and economic unrest conditions in Brazil. Her reflections insert in a multidisciplinary field in which cross many fields of knowledge in an attempt to explain social issues. Among a variety of knowledge the author speaks of education from sociology, anthropology, philosophy, anatomy, biology, geography, politics, and so forth. That "unknown" writer helps us to understand in another point of view, aspects of an age and a society that prepared future generations. To analyze her thoughts about education was important to make us reflect about current issues. Theme related to the educator, student, family and society, are discussed by her, within a relational field, which has an intrinsic relationship with the formation of the individual. To search the thought of Maria Lacerda de Moura was challenging and at the same time it was exciting, in regard to the contribution of a sociological treaty for discussions about education.

Keywords: Women, Education, Society.

Figura: fotografia de Maria Lacerda de Moura, em 1925.



Fonte: LEITE, Miriam Lifchitz Moreira **A outra face do feminismo**: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984. pag.12

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	14
1.1- Os caminhos para o campo de estudo	14
1.2- A Pesquisa	17
2– O ANARQUISMO	
2.1- Anarquismo e Anarquia.....	21
2.2- Surgimento dos pressupostos anarquistas.....	24
2.3- Anarquismo e educação.....	27
3 – EDUCAÇÃO E ANARQUISMO NO BRASIL DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX	30
3.1 – O contexto sócio-político brasileiro.....	30
3.2 – Educação e o movimento operário.....	32
3.3 – A educação no Brasil.....	39
3.3.1 – João de Camargo Penteado: Breves apontamentos sobre Educação.....	42
3.3.2 – Primitivo Raymundo Soares (Florentino de Carvalho): críticas ao ensino oficial.....	49
3.3.3 – Adelino Tavares de Pinho professor da Escola Moderna Nº 02.....	55
3.4 – A sociedade e a Mulher.....	58
4 – MARIA LACERDA DE MOURA: VIDA E OBRA	62
4.1 – Trajetória social, política e intelectual no contexto Brasileiro.....	63
4.2 – Breve discussão de algumas das suas obras: Atuação intelectual.....	67
4.2.1 – Renovação.....	68
4.2.2 – Porque Vence o Porvir?.....	69
4.2.3 – A Fraternidade e a Escola.....	70
4.2.4 – “A Mulher é uma Degenerada”.....	71
4.2.5– Clero e Estado.....	72
4.2.6– Civilização tronco de escravos.....	72

4.2.7 – Serviço Obrigatório Militar Para Mulher? Recuso-me! Denuncio!.....	73
5– LIÇÕES PEDAGÓGICAS DE MARIA LACERDA DE MOURA.....	76
5.1 – Pedagogia, educação, Sociedade.....	78
5.2 – A escola, o pedagogo, o Educador	80
5.3 – Ciências, Filosofia, Artes, Educação, Pedagogia.....	83
5.4 – Família, Mulher e Criança.....	85
5.5 – Co-educação das classes sociais.....	87
5.6 – A educação relacional: junção entre as dimensões física, moral e intelectual.....	88
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS	103

1- INTRODUÇÃO

1.1- Os caminhos para o campo de estudo

Esse trabalho apresenta o pensamento social e educacional de Maria Lacerda de Moura (1887-1945), escritora, professora e militante do movimento operário no Brasil no início do século XX. Suas reflexões trazem uma importante contribuição para a contemporaneidade, como veremos no decorrer desse estudo. A constituição da sua escrita perpassa os mais variados campos de saberes. Seu pensamento ajuda a compreender uma época com um posicionamento divergente da intelectualidade oficial do período. Maria Lacerda de Moura foi figura de projeção social e política na sua época. Hoje se encontra esquecida nos meios acadêmicos. Mas, desde a década de 1980 as pesquisas sobre o pensamento libertário vêm tomando proporção, inclusive sobre a referida autora.

Esses estudiosos realizam suas pesquisas tendo como ponto de partida questões relacionadas a gênero, trajetória intelectual, biografia entre outros. Já a minha pesquisa foi realizada a partir da análise do pensamento social de Maria Lacerda de Moura relacionado à educação. A minha preocupação foi compreender a contribuição do seu pensamento social em relação a educação.

Por que escolher Maria Lacerda de Moura, uma mulher desconhecida nas ciências sociais? Faço essa pergunta, pois ela me é apresentada com frequência quando comento sobre a minha pesquisa no meio acadêmico. Essa pergunta será respondida nesse trabalho ao tornar visível as peculiaridades da autora. Logo, estudar seu pensamento foi desafiante e instigante por conta de sua atuação no movimento operário. Além do mais foi uma das propulsoras das questões feministas no Brasil, no início do século XX. Hoje não é lembrada e nem reconhecida pelas discussões de gênero.

Maria Lacerda de Moura viveu num período político marcado por adversidades sociais, principalmente, para a mulher, para as classes trabalhadoras e enfim para àqueles contrários à política autoritária da época. Um período marcado por preconceitos e autoritarismos surge uma figura feminina como Maria Lacerda de Moura imersa no contexto social de turbulências. De forma audaciosa e destemida apresentou sua indignação na intenção de despertar a sociedade e a mulher de um “sonno letárgico” (MOURA, 1919, p.24). Esse termo foi usado pela autora como uma

inquietação para deslocar a sociedade por melhores condições de vida. Mais adiante, será mencionada a importância de se estudar o pensamento social de uma escritora como Maria Lacerda de Moura, com ênfase às suas particularidades e à sua contribuição para a nossa contemporaneidade.

Como graduada do curso de ciências sociais, constatei a necessidade de pesquisar aspectos ligados à figura de gênero na sociedade. Durante a graduação, desenvolvi pesquisas sobre a figura feminina, fui bolsista PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) de 2006 a 2009. Já no primeiro ano, tive Maria Lacerda de Moura como a primeira proposta de pesquisa, com o título “Maria Lacerda de Moura: mulher que formulou um novo pensar social feminino” (2007) a qual resultou num artigo com breves apontamentos sobre o pensamento social da escritora.

Depois desse trabalho, desenvolvi outro estudo sobre a participação feminina na imprensa anarquista. Um trabalho sobre a presença da mulher na imprensa operária no início do século XX. De modo meticoloso, esse estudo foi feito a partir da leitura de alguns artigos¹, do jornal *A Plebe* Nele foram analisados artigos sobre a participação feminina nos embates sociais da época. A finalização dessa pesquisa resultou em outro artigo intitulado, “A Mulher operária: a contribuição feminina na imprensa anarquista no Brasil em início do século XX” (2008). E por fim, a última pesquisa resultou numa análise sobre a educação libertária no Brasil no início do século XX, com o título “Educação e sociedade: uma análise do pensamento anarquista no Brasil no início do século XX” (2009).

Dos nomes presentes nessa pesquisa, encontrei Adelino de Pinho, Florentino de Carvalho, João Penteadó e Maria Lacerda de Moura, e, a partir daí, surgiu o interesse pela questão educacional. Dessa análise com os artigos do jornal *A Plebe*, descobri as mais variadas participações de professores, militantes operários e mulheres, no que diz respeito à educação.

A partir dessa apreciação, surgiu o interesse de estudar o pensamento educacional de Maria Lacerda de Moura, sendo desafiante por ela ter sido uma mulher e por ter vivenciado uma ambiência de extremas adversidades sociais, políticas, culturais entre outras. Além do contexto hostil, a escritora nasceu numa cidade conservadora e patriarcal, Manhuaçu – MG, mas aos sete anos foi morar em

¹ Esses artigos foram fotografados nos arquivos públicos de São Paulo e digitalizados em CD pelo orientador da pesquisa, Rogério Humberto Zeferino Nascimento (Antropólogo- UFCG).

Barbacena e construiu sua vida e suas relações nessa sociedade. Aos trinta e quatro anos vai morar em São Paulo e posteriormente no Rio de Janeiro. Seus últimos momentos de contribuição intelectual e social foram no Rio de Janeiro.

Além de ser um desafio estudar uma figura feminina, é de fundamental importância levar em consideração seu posicionamento anarquista. Num período de efervescência política, social, econômica e religiosa, eram inúmeras as barreiras para a propagação de um pensamento contrário à época. Mesmo com as resistências políticas do momento, essa escritora teve projeção, tanto no Brasil, como em alguns países da Europa.

Foram intensas as contribuições da autora além de a autora lidar com as questões sobre educação, versava também sobre sexualidade, mulher, maternidade consciente, criança, escola, preconceito racial, sociedade, movimento operário, guerras, animais, entre outros temas. E para perpassar esses temas mencionados, a autora caminhou pelos mais variados campos de saberes, como: sociologia, antropologia, filosofia, política, biologia, anatomia, geografia, psicologia, literatura entre outros. Esse particular da autora foi um dos desafios a serem superados no desenvolvimento da pesquisa, uma vez que, minha formação esteve atravessada por um olhar unilinear sobre os fenômenos sociais e centralizador das questões sociais. Já Maria Lacerda de Moura, com um posicionamento multifacetado, apresenta os fenômenos sociais associados a um campo relacional próprio de alguns anarquistas da sua época, explicando a vida social a partir de uma composição de conhecimento que envolve as relações.

Contudo, essa pesquisa foi conduzida pela vontade de identificar e fazer emergir o pensamento social de Maria Lacerda de Moura, no que tange à esfera da sociedade e da educação no Brasil no período já mencionado. A importância aqui é apresentar sua contribuição reflexiva e atuante sobre a sociedade e a educação diante dos problemas sociais.

Como método de análise, esse trabalho consistiu numa apreciação minuciosa de fontes primárias e secundárias, considerando um conjunto de obras, selecionadas entre artigos e conferências sobre a educação no pensamento da autora, sem deixar de levar em consideração outros temas importantes. Diante desses instrumentos, minha intenção, nesse trabalho, é apresentar a autora sem ser centralizadora, a ponto de analisá-la sob o ponto de vista da minha formação, na

tentativa de expor as considerações sobre a mesma sem colocar minha formação como centro da análise.

1.2- A Pesquisa

Evidentemente que são várias as dificuldades para construir uma bibliografia sem lacunas, principalmente se levarmos em conta o fato de muitas das edições serem reduzidas e corresponderem a folhetos que raramente se conservaram principalmente porque, quer o Brasil, quer Portugal, atravessaram vários períodos de ditadura e de governos autoritários que reprimiam violentamente o anarquismo e o movimento operário, apreendendo e destruindo livros e bibliotecas (GONÇALVES, SILVA, 2001, p. 7-8).

Adelaide Gonçalves e Jorge Silva (2001) realizaram uma pesquisa importante com o título “*A bibliografia Libertária*”. Esse estudo esboçou um levantamento bibliográfico sobre a contribuição dos libertários no Brasil. Sabendo da resistência enfrentada pelo pensamento anarquista, esses autores fizeram um apanhado sobre a expressiva contribuição deixada através da imprensa, livros e conferências, por esses militantes. Como a própria citação aponta, foram várias as dificuldades para se construir a bibliografia dos anarquistas no Brasil, principalmente pela perseguição enfrentada, mas que isso não impossibilita a análise do pensamento, pois ainda existe uma vasta memória a ser analisada.

Essa dissertação apresenta apreciação de um pensamento libertário marcado pela repressão social e política da época. Os libertários, nessa época, resistiram às investidas autoritárias, uns sobreviveram à época e outros ficaram apagados na história. Maria Lacerda de Moura, pela sua projeção intelectual, deixou uma contribuição muito importante. Uma das pesquisas pioneiras sobre seu pensamento foi de Miriam Moreira L. Leite (1984). A pesquisa de Miriam foi realizada a partir do levantamento de dados relacionados a temas, conteúdos, cartas e outros materiais de pesquisa da autora.

Já para a realização dessa dissertação foi feita uma revisão da literatura especializada e em seguida uma breve consideração de algumas das suas obras. De modo geral dentre as diversas temáticas tratadas pela autora, entre livros e

conferências, estão: *Em Torno da Educação*² (1918), *Renovação* (1919), *A Fraternidade e a Escola* (1922), *A Mulher Hodierna e o Seu Papel na Sociedade* (1923); *A Mulher é Uma Degenerada?* (1924), *Lições da Pedagogia* (1925), *Religião do Amor e da Beleza* (1926) *De Amundsen a Del Prete* (1928), *Han Ryner e o amor no plural* (1929), *Civilização, tronco de Escravos* (1931) *Amai-vos e não vos multipliqueis* (1932) *Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denúcio!* (1933), *Clero e Fascismo, horda de embrutecedores* (1934), *Fascismo – filho dileto da Igreja e do Capital* (1934), *O Silêncio* (1944), entre outros.

E, dessas publicações entre os anos de 1919 a 1944, escolhi a obra *Lições de Pedagogia de 1925*, para análise. Foi uma obra publicada pela editora TYP- Paulista com 260 páginas divididas em quatro capítulos. O capítulo primeiro intitulado como – preliminares; o segundo – educação física, o terceiro – educação dos sentidos e o quarto e ultimo como crescimento físico. O critério para a escolha dessa obra foi por ela ter abordado como tema central a educação. Essa obra representa um tratado com lições sobre a formação educacional do indivíduo relacionada ao físico, moral e intelectual, desde a infância até a fase adulta. São diversos os temas encontrados nessa obra: o papel do professor, a postura do aluno, mulher, criança, família, sociedade, educação, escola, pedagogia, saúde mental, corpo, ciências entre outros. Esses e outros temas serão discutidos no capítulo III, desse trabalho.

Ao se referir sobre o papel da educação a autora mencionou inúmeras ciências. Como um dos pontos fundamentais a autora mencionou a importância das ciências auxiliares da pedagogia em contribuição a formação da educação do indivíduo como: antropologia, anatomia, biologia, estética, fisiologia, higiene, lógica, ortopedia, orthoperenia³, pedologia⁴, pediatria, psicologia, sociologia, tipologia e historia das civilizações. A educação para Maria Lacerda de Moura deveria ser pensada como aquela que buscar desenvolver os órgãos, fortificando e fortalecendo a ação da vontade do indivíduo preparando-o para a vida.

Além dessa obra como principal fonte de pesquisa, foram também observados alguns artigos publicados em jornais. Esse e outros instrumentos de pesquisa sobre libertários fazem parte do acervo⁵ encontrado nos arquivos públicos de São Paulo -

²Esse livro não foi analisado por falta de arquivo.

³Análise das faculdades mentais.

⁴Ciência experimental preocupada com a criança e seus diferentes aspectos.

⁵ Os livros de Maria Lacerda de Moura foram copiados dos acervos públicos dos anarquistas em São Paulo, situados em Campinas, no arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp⁵, na Biblioteca Municipal Mario de Andrade e

SP que me foram disponibilizados pelo orientador da pesquisa por meio de cópias. Esses arquivos anarquistas são considerados um dos maiores do Brasil. Além dos maiores acervos, existem também, outros como é o caso núcleos de sociabilidade libertária - Nu-sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) PUC - SP. Existe de fato, nesses lugares, uma concentração maior de pesquisas libertárias e de arquivos sobre libertários que fizeram parte da trajetória política da sociedade brasileira, em inícios do século XX.

Essa pesquisa foi desafiante por ser um tema pouco estudado em relação a contribuição de Maria Lacerda de Moura sobre educação. No entanto, cabe ressaltar uma dissertação de Maria Aparecida de Lima, intitulada por *O espírito da Educação - Maria Lacerda Moura, 1999*⁶. Desse modo, trata-se ainda de um vasto campo a ser pesquisado.

Para estudar o pensamento de Maria Lacerda de Moura fiz um levantamento bibliográfico sobre sua trajetória política e intelectual. Foram consultadas também algumas pesquisas sobre a autora. Uma das pesquisadoras de maior notabilidade sobre Maria Lacerda de Moura até o presente momento, como já havia citado anteriormente foi Miriam Lifchitz Moreira Leite⁷, na sua tese de doutorado "*Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura (1984)*". Em sua tese, Leite registra o levantamento de dados para o estudo sobre vida e obra da autora. Realizado através da análise da documentação oficial e pessoal, incluindo registros da imprensa operária de São Paulo, Rio de Janeiro e Barbacena, além de serem utilizados alguns depoimentos de pessoas que conviveram com a autora.

A compilação de Leite está organizada num acervo documental incluindo cartas pessoais, produção jornalística, apontamentos, referências impressas e depoimentos escritos e gravados, e foram todos entregues ao CEDEM (Centro de documentação e memória da UNESP). Vejamos como a autora menciona a construção da memória de Maria Lacerda de Moura na sua tese de doutorado.

ainda no setor de história da USP. E, me foram disponibilizados pelo acervo pessoal do professor orientador, Rogério Humberto Zeferino Nascimento (Antropologia – UFCG).

⁶ Não foi possível a leitura desse trabalho por não ter sido disponível o acesso aos arquivos eletrônicos da Unicamp – SP.

⁷ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1947), graduação em Historia Econômica pela Universidade de São Paulo (1983).

O processo de recuperação das lutas de Maria Lacerda de Moura com o contexto social e político em que viveu passa por mediações de tradição oral, de preconceitos sociais e religiosos, de hierarquização de saber e poder mal reconhecidos, de história do cotidiano e da mulher, e de mitificação da ciência ou da política partidária (LEITE, 1984, p. VI).

Nessa citação, Leite enfatiza o pensamento da autora atravessado por mediações referentes a uma época marcada por preconceitos sociais. Diante dessa consideração, notamos já a audácia de Maria Lacerda de Moura em resistir aos aspectos autoritários da época.

Enfim, esse trabalho foi pensando em seis momentos. O primeiro já foi apresentado como o contato com a escolha da pesquisa, parte da introdução do trabalho. O segundo momento tenho a preocupação em fazer uma breve apresentação sobre o anarquismo como uma corrente de pensamento em que Maria Lacerda de Moura dialogava. Já o terceiro momento retrata os aspectos políticos e sociais do Brasil, no início do século XX, no período de vivência e escrita de Maria Lacerda de Moura, tecendo sua contribuição junto ao movimento operário e incluindo no debate as péssimas condições de vida da mulher operária no Brasil no início do século XX. No quarto momento, enfatizo o pensamento e a obra da professora Maria Lacerda de Moura, apresentando sua trajetória política e social no contexto brasileiro, logo depois, fazendo breve apanhado sobre algumas das suas obras e em seguida, dando visibilidade as questões relacionadas à educação no Brasil, nesse mesmo período. O quinto momento expõe o pensamento educacional da autora e está sub-dividido em tópicos que ajuda a correlacionar os temas abordados. Os temas seguem a ordem cronológica, adotando a seqüência das ideias da época. Por fim, o sexto momento trás as considerações finais e ainda uma reflexão acerca da atualidade do pensamento da autora.

2- O ANARQUISMO

2.1- Anarquismo e Anarquia

Mudanças de formas de governos, de partidos, de homens, de leis, nada adianta se os costumes ficarem os mesmos, se os corações permanecerem vazios de ideais, se as consciências se não afuzilam aos golpes fortes da educação racionalista, penetrante, tenaz (MOURA, 1919, p.252).

Essa epígrafe de Maria Lacerda de Moura registra a aproximação do seu pensamento com o anarquismo. Suas recusas as formas de autoritarismo, a preocupação com uma educação racional priorizando as vontades dos indivíduos, a recusa das leis, marca algumas dessas aproximações. Esse momento contempla breves elucidações sobre o pensamento anarquista. A importância nesse instante é situar a corrente de pensamento que atravessa as obras da autora.

A palavra anarquismo é constituída por uma dupla raiz grega denominada como sem governante. Esse termo nos aponta à recusa de uma autoridade centralizadora. Essa nomenclatura é usada para designar um grupo de estudiosos e militantes que almejavam uma sociedade sem governo. E desejar uma sociedade deste tipo não foi tarefa fácil com um cenário de governos autoritários, principalmente durante o século XIX. O anarquismo foi por muito tempo, e ainda é, tratado com alguns termos no sentido pejorativo, em relação ao seu posicionamento social. São muitas as interpretações feitas ao movimento anarquista. As leituras, sobre essa corrente são superficiais e as definições acabam projetando olhares preconceituosos em relação ao pensamento (WOODCOCK, 1977).

O anarquismo é diferente de anarquia. O primeiro termo é uma derivação da anarquia, mas é importante apontar algumas diferenças. O anarquismo nasceu da necessidade de se criar um sistema filosófico que pudesse abarcar os desejos das revoltas sociais. A criação desta corrente se deu por homens que se sentiram sufocados pelo ambiente social no qual eram obrigados a permanecer. Esses homens insatisfeitos perceberam que boa parte do sofrimento e das injustiças não eram fruto das leis naturais ou sobrenaturais, mas pelo contrário, eram fruto das

relações sociais. É a partir deste instante que entendemos o anarquismo como método para se chegar a uma anarquia (MALATESTA, 2009). Portanto, podemos entender que a doutrina preconizada pela anarquia é o anarquismo.

Já a anarquia é a forma como a sociedade se organiza sem governo, isto é o estado de uma sociedade sem autoridade centralizadora. É importante lembrar o fato desta palavra ter sido, e ainda é usada para designar desordem, confusão. Ainda hoje este termo é adotado desta maneira por muitos que não entendem o pensamento, ou querem mesmo distorcer seu sentido. Como por exemplo, percebemos que determinados autores usam a palavra anarquia, dando-lhe o sentido de desorganização (COMTE, s/a). A condição de anarquia é entendida a partir da idéia de uma sociedade organizada sem autoridade, entendendo-se a autoridade como faculdade de impor a própria vontade. O termo anarquia, ainda pode ser entendido como uma expressão no seu sentido negativo pela ausência de governo, mas pode ser positiva quando o uso do governo é desnecessário para a preservação da ordem.

Levando em consideração estas argumentações, Sébastien Faure, no seu texto *Anarquia – Anarquista*, menciona que o pensamento anarquista trata da existência de um grupo de doutrinas gerais, conceitos fundamentais e aplicações práticas, onde foi estabelecido um consenso entre indivíduos cujo pensamento é contrário a autoridade. E que lutam de forma coletiva ou isoladamente pela recusa a autoridade e repressão sejam elas: políticas, econômicas, intelectuais ou morais. Ao mesmo tempo pode haver muitos tipos de anarquismo, mas uma única característica os une e os distingue: “O ponto de união é a negação do princípio da autoridade nas organizações sociais e o ódio a tudo que origina instituições baseadas neste princípio. Portanto, quem nega a autoridade e luta contra ela é um anarquista” (FAURE, 1907, *apud*, WOODCOCK, 1977, p.58).

A corrente anarquista é entendida por alguns como um pensamento destrutivo, ou ainda como uma corrente que busca a des(ordem). Toda desordem é entendida por nossa sociedade como algo ruim. Estas interpretações sobre o anarquismo estão presentes em processos atuais da nossa dinâmica social. Por isso, se formos falar no período da formação escolar das pessoas, iremos perceber que os próprios livros didáticos de ensino médio, quando citam o anarquismo, é feito de modo obsoleto. Isso, se mencionarem a corrente, mas mesmo quando, algum autor a menciona, fala mais das suas projeções particulares do que da própria corrente. Por

essa razão, as informações e a apresentação do anarquismo, se faz de modo banalizado o que permite às pessoas não entenderem o pensamento e acabarem projetando certos preconceitos.

Essas maneiras de perceber o anarquismo dificulta a compreensão do seu sentido. A priori podemos dizer que se trata de um pensamento em busca da constituição de uma sociedade, justa e igualitária, sem a presença da autoridade centralizadora. O fato das pessoas estarem tão acostumadas com uma direção e controle e ainda da naturalização do Estado, faz do anarquismo, um pensamento da chamada desordem, por estes negarem a autoridade (KROPOTKIN, 2007, p.45). Aprendemos a naturalizar ao longo da nossa vida, a necessidade de um governo para mediar as nossas relações sociais. E o fim do governo representaria o fim dos privilégios. Esse fator pode ser um dos motivos de alguns associarem o anarquismo à desordem (PETTA, 2004).

No texto *Definição de Anarquia* de Errico Malatesta, são apresentadas breves questões relacionadas ao entendimento de anarquia e ainda aponta as confusões feitas pela sociedade em relação ao anarquismo. Primeiro, o autor remete a questão da capacidade de adaptação do ser humano ao ambiente. Essa sua colocação se refere à maneira como o ser humano se habituou a viver sob o poder do Estado e do governo ao ponto de acreditar que a escravidão era algo essencial a vida. E diz que a dificuldade dos anarquistas em propagar seu pensamento, não está na escolha do nome do movimento, ou por que é entendido de modo pejorativo, mas a questão é a maneira, como as pessoas entendem a necessidade do Estado ou de qualquer forma de governo (MALATESTA, 1977).

Cabe aos anarquistas também, a tentativa de superar as desigualdades, baseadas nas injustiças. Foi pensando nestas questões que formularam a autogestão ou autogerenciamento. Porém, antes de falarmos sobre esta forma de gerir as questões sociais, pois a autogestão⁸ seria usada em toda dinâmica da vida social, é importante refletir sobre algumas indagações: será que uma corrente que busca a equidade, deve ficar no esquecimento? Ou ainda devemos deixar de compreender o anarquismo porque em sua etimologia, nós encontramos algo que aos nossos ouvidos a entonação não é bem vida?

⁸ Por autogestão entendemos no campo do anarquismo uma forma de gestão da vida de modo geral como forma horizontal.

Pensando nestas questões e tendo a curiosidade de conhecer e escrever na intenção de responder a essas e outras indagações, que este momento da dissertação caminha para esclarecer, através de pensadores com a mesma preocupação que a nossa, o que seja o anarquismo. Desde a década de 80 o anarquismo vem sendo recuperado por alguns estudiosos. Entretanto, percebemos que alguns destes escritores, falam mais da formação deles, do que da própria corrente. Podemos lembrar, que ultimamente a pesquisa sobre temáticas envolvendo o movimento anarquista têm aparecido com freqüência nos meios acadêmicos. Porém, são pesquisas ou leituras marcadas pelo liberalismo ou marxismo (NASCIMENTO, 2009).

Depois do exposto, entendo o anarquismo como um pensamento livre, dinâmico e diverso. Como mencionou (WOODCOCK, 1977), o pensamento anarquista é característico por sua diversidade na forma de pensamento.

2.2-Surgimento dos pressupostos anarquistas

Após esta breve apresentação sobre os apontamentos do termo anarquismo e suas implicações em relação a sua etimologia, tentaremos situá-lo, a partir da Europa no século XIX. Nesse momento ainda iremos falar sobre seus objetivos e propostas para a formação da sociedade. Iniciaremos a exposição sobre o surgimento anarquismo a partir do olhar de Max Heinrich Reinhardt Nettlau, alemão (1865- 1944), este foi considerado como o primeiro e talvez o maior historiador do anarquismo. Para a constituição da história anarquista, o autor trabalhou com jornais, manifestos, folhetos e cartazes. Nettlau, procurou em seu trabalho falar do anarquismo desde suas primeiras formas de aparição. Bem, antes do século XIX, como algumas bibliografias apresentam o surgimento do anarquismo. Em contraposição, Nettlau faz uma reconstituição da história dos movimentos sociais e aponta algumas insatisfações, já como práticas anarquistas.

A importância da contribuição de Nettlau consiste em um debate o qual nos ajuda a entender, a partir de sua ótica, a relevância do aparecimento do anarquismo, desde a constituição da chamada civilização humana. Quando falamos em

anarquismo ou quando lemos alguns autores sobre o anarquismo, nos parece uma corrente propriamente do século XIX, ou seja, um pensamento surgido pela necessidade daquele tempo. Entretanto, Max Nettlau propõe a desconstrução deste ideário, apresentando práticas deste movimento em outros momentos da história da humanidade. Vejamos nesta citação como as práticas anarquistas são antigas, de acordo com o autor, e como a cada época as lutas sempre tiveram um cunho de libertação ou a busca da liberdade:

Uma história da idéia anarquista é inseparável da história de todas as evoluções progressivas e das aspirações à liberdade. É preciso, pois, procurar estudar o momento histórico favorável em que surge essa consciência de uma existência livre pregada pelos anarquistas, cuja garantia só intervém após a supressão completa dos fundamentos autoritários, e sob a condição de que, paralelamente, os sentimentos sociais de solidariedade, reciprocidade, abnegação etc., tenham se desenvolvido o suficiente, adquirindo a mais ampla expansão (NETTLAU, 2008, p.27).

O autor é enfático neste momento quando se refere à história do anarquismo como aquela atrelada a busca pela liberdade. Por isso, a história do anarquismo não pode ser mencionada sem falar nas lutas instauradas por melhores condições de vida e pela necessidade da liberdade. Nettlau faz uma exposição do anarquismo partindo da história e da filosofia, na intenção de nos incitar o fato de que já no período grego, existiam práticas anarquistas. As lutas instauradas, no período grego, eram investidas na intenção da busca da liberdade. Um particular visto por Nettlau, é que os movimentos em busca por esta liberdade é que podem ser caracterizadas como um pensamento anarquista.

Outro pensamento sobre a constituição do anarquismo foi com o Francês Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) que chama para si o título de anarquista. E foi a partir dele que o anarquismo foi considerado uma doutrina do paradoxo⁹. Woodcock registra em seus escritos que alguns dos escritores rejeitam a tradição anarquista e poucos se preocuparam com suas raízes. Portanto, se pode falar do anarquismo como uma doutrina surgida ou própria apenas do século XIX. “Mas, as raízes dessa árvore genealógica que não pára de crescer são demasiado frágeis para a quantidade de ramos que devem sustentar (WOODCOCK, 2002, p.40)”.

⁹ Termo usado por Woodcock para designar as contradições colocadas por Pierre Proudhon, quando este escreve suas principais obras.

É importante levarmos em consideração alguns acontecimentos sociais que se destacaram na formação do chamado anarquismo propriamente dito. Para Woodcock o iluminismo no século XVIII foi considerado uma revolução no pensamento ocidental, e o rompimento com as condições metafísicas e teológicas para se pensar na razão. Um outro acontecimento foi a revolução industrial, no século XVIII na Inglaterra e o conseqüentemente aparecimento do operariado; do trabalho assalariado e nestas transformações as insatisfações sociais se tornavam eminentes, em virtude das mudanças nas técnicas de trabalho. Esses dois movimentos foram importantes para culminar o anarquismo do século XIX.

Primeiro, porque os artesãos nesta época não podiam mais concorrer com as fábricas, e ainda o fato dos camponeses terem sido expulsos da terra devido o aparecimento das técnicas de produção capitalista.

Por exemplo, o cercamento de terras dos campos, processo ocorrido na Inglaterra, na transição da idade Média para a idade moderna, que acabou com a agricultura de subsistência, expulsou os camponeses dos mansos servis e transformou as propriedades em pastos para a criação de ovelhas (PETTA, DELFINI, 2004, p. 13).

Essas mudanças ocasionaram muitas insatisfações sociais, esses assalariados passariam agora a enfrentar um novo contexto social e também uma nova forma de vivência e é nessa ambiência que surge as doutrinas sociais e o anarquismo (PETTA, DELFINI, 2004).

Após estas alusões, é preciso entender que o anarquismo enquanto, um movimento ativista, com a intenção de mudar a sociedade por métodos coletivos, compete exclusivamente ao século XIX e início do XX. O século XIX foi um período marcado por acontecimentos de cunho revolucionário, pertinente para a formação e consolidação do anarquismo. Até 1840, muitos não se intitulavam anarquistas e é com Pierre – Joseph Proudhon (1809-1865), o primeiro pensador a chamar para si o título de anarquista. Como diria Kropotkin é a partir de Proudhon que o anarquismo começa a tomar corpo (KROPOTKIN, 2007). E é a partir dele que podemos pensar o anarquismo, como uma doutrina social e política, pois, foi neste momento que começou a travar-se uma luta em busca da equidade e liberdade. Proudhon ficou conhecido pela sua participação na Revolução de 1848, ocorrida na França. E foi por parte de sua influência que mais tarde aconteceria A Primeira Internacional (1864), um ano antes da sua morte (WOODCOCK, 1977).

Feitas estas considerações podemos nos debruçar em outras questões que foram surgindo no decorrer da formação do anarquismo. Como por exemplo, suas principais características: a eliminação do Estado, a organização de um regime de autogestão¹⁰, estabelecimento de uma sociedade sem classes entre outros. Falando destas questões é importante mencionarmos como os anarquistas faziam para propagar seu pensamento. Foi a partir do desenvolvimento de uma cultura própria na intenção de propagar seus ideais e ainda de apresentar a construção de uma sociedade ácrata¹¹ que os anarquistas se colocavam diante das questões sociais. Quando falamos em cultura, podemos entender, como uma forma de proporcionar um conjunto de elementos próprios a fim de expor o que estamos almejando. Portanto, por meio de jornais, revistas, poesias, literaturas, festas, teatro e ainda pela educação os anarquistas propagaram seus ideais.

Os jornais foram importantes veículos de difusão do pensamento anarquista e ainda na consolidação de uma cultura operária. Através da poesia os trabalhadores expressavam seus sentimentos e questões relacionadas a violência e maus tratos. Pelas festas e pelas encenações teatrais as questões sociais eram também debatidas. Mas, a educação recebeu um lugar especial entre os anarquistas. Para eles, a melhor maneira de se construir uma sociedade àcrata seria por meio da educação, tanto para se chegar a ela como também para que pudesse manter esta sociedade almejada pelos anarquistas.

2.3- Anarquismo e educação

Muitos dos que lêem o anarquismo tendem a fazer uma leitura que ou passam rapidamente por ele, sem se importar em conhecer com detalhes suas prioridades, ou falam do pensamento, imbuído por preconceitos, ideologias que não permitem o conhecimento sobre a corrente. Como já foi apresentado, mas tendo aqui um caráter de ratificação o anarquismo começa a tomar suas formas mais concretas a partir do século XIX. Até o presente momento existiam certas peculiaridades do pensamento

¹⁰ Idem. Pag 23.

¹¹ O ideário da construção de uma sociedade sem a imposição da autoridade centralizadora das demais relações.

que eram entendidas como anarquista, mas é mesmo partir de Proudhon que a corrente se firma.

O movimento anarquista no século XIX, em especial na Europa, se ocupou em tratar de alguns questionamentos como: indagar a ordem social da época, depois em pensar na nova ordem para essa sociedade e por fim os elementos de manutenção desta nova sociedade. Um destes elementos para a manutenção desta sociedade seria a educação. Por isso, para a manutenção de uma sociedade chamada de àcrata seria necessária uma educação adequada às perspectivas libertárias de vivência. Não estamos aqui dando maior grau de elevação a educação, mas estamos apontando como uma das preocupações dos anarquistas para a manutenção de uma sociedade àcrata a formação educacional do indivíduo. A preocupação dos anarquistas com a educação é por eles perceberem neste processo um dos meios necessários para a transformação social. Os anarquistas percebiam a educação como um poderoso instrumento para influenciar na formação do comportamento social. Além do mais, poderia ser através da educação o despertar dos estímulos a livre consciência, sem a qual seria impossível perceber mudança na sociedade.

Uma pergunta muito recorrente nos meios dos especialistas é a de, como vivenciar uma educação nos planos anarquistas numa sociedade extremamente capitalista? Esta é uma pergunta feita de modo muito corriqueiro para os pesquisadores que tem a curiosidade de estudar a educação nos planos do anarquismo. A resposta pode ser que sim, concordamos no que diz respeito as dificuldades em implantar uma educação libertária, enquanto somos obrigados a seguir um programa político nacional. Mas, nada nos impede de pesquisar práticas e discussões pertinentes no que nos auxilia a pensar sobre a formação do indivíduo. E ainda refletir sobre os aspectos sociológicos destes, que foram por muitas vezes resistentes as investidas políticas de repressão e autoritarismo.

Pode parecer ousadia pensar em práticas de uma educação libertária nos ditames na atualidade. Só que para muitos que não se dedicam a pensar ou pesquisar os anarquistas podemos falar de um tema de imensas discussões na atualidade que é a educação integral. A educação integral a qual remete o MEC (Ministério da Educação) e de preocupação e discussão dos especialistas não é a

mesma que os anarquistas debateram no século XIX. Pensadores como Bakunin, Paul Robin em especial, não tinham uma visão de instrução integral como esta colocada pelo MEC¹². A instrução integral pensada pelos anarquistas contempla a junção entre os aspectos físico, moral e intelectual. Então, as particularidades previstas no pensamento destes libertários nos ajuda a pensar sobre questões da educação atual.

¹² Ministério da Educação. Educação Integral: texto referência para o debate nacional, - Brasília: MEC, Secad, 2009. 52p. Série Mais Educação.

3 – EDUCAÇÃO E ANARQUISMO NO BRASIL DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

3.1– O contexto sociopolítico brasileiro.

O contexto social no qual Maria Lacerda de Moura está inserida trata-se do início do século XX, mais precisamente, entre os anos de 1918 até 1945. Esse período demarca sua atuação intelectual, momento conhecido como Brasil República marcado por intensas transformações. Em contrapartida, foi um período de concretizações de algumas experiências libertárias, sendo estas formadas através de organização operária ou por meio da educação.

Antes de adentrar no debate sobre educação, é importante apontar sobre a condição social, política e econômica do Brasil no início do século XX. Um dos primeiros acontecimentos marcantes foi à abolição da escravatura. Além desse fato, o fim do império e início da república também modificou as relações sociais do país. No entanto, com a abolição da escravidão decretada através da Lei Áurea pela Princesa Isabel, em 13 de maio de 1888, iniciava-se muitas mudanças na sociedade. Alguns dos escravos libertos começavam a procurar outras formas de trabalho, como o trabalho assalariado.

A procura pelo trabalho assalariado era uma constante no Brasil no início do século XX. Devido a isso, seguia-se também uma grande parcela de imigrantes para as cidades na intenção de atuarem nas fábricas. Nesse período, a maior concentração de trabalhadores estava no eixo Rio - São Paulo. Em tais estados se aglomeravam uma camada de imigrantes vindos da Europa e das diversas regiões do país com o objetivo de ocupar vagas nessas fábricas, momento criado devido às propagandas feitas sobre o Brasil, como um país tropical, em crescimento e necessitando de mão de obra. Entre esses trabalhadores incluíam-se homens, mulheres e crianças, com jornadas de trabalho de doze, quatorze e até dezesseis horas por dia, todos em péssimas condições de trabalho e de vida (JOMINI, 1990).

Essas péssimas condições de trabalho culminaram na aglomeração de trabalhadores revoltosos. Por isso, conhecemos tantas revoltas no Brasil durante esse período, como a Revolta da Chibata e da Vacina ocorridas nas primeiras décadas do século XX, essas revoltas demonstravam resistência e insatisfação com

a política da época. Esses fatores contribuíram mais tarde para a formação do movimento operário. Logo, esses eventos colaboraram para formação de um operariado urbano organizado em associações de classe. E ainda contribuiu na criação de escolas, bibliotecas, grupos de teatro, entre outros.

Uma sociedade marcada por uma política extremamente nacionalista e de repressão às práticas divergentes aos ditames oficiais da época. Mesmo num período conturbado foram muitos os registros de libertários contrários à política da época. Preocupados com as questões sociais, esses libertários contribuíam na imprensa e na luta operária. Dos vários nomes da época estão Florentino de Carvalho, Adelino de Pinho, João de Camargo Penteado, Gigi Damiani, Efrém de Lima, José Oiticica, Alexandre Cherchiai, Francisco Cianci, Edgar Leuenroth, Neno Vasco, Zenon Almeida, Lima Barreto, Domingos Ribeiro Filho, Antonio Noronha dos Santos, Domingos Passos, Hermínio Marcos, Gigi Daminani, Angelina Soares, Antonia Soares, Polydoro Santos, Fredrich Kniessedt, Isa Ruti, Isabel Silva, Rodolfo Felipe, Maria Lacerda de Moura, entre outros militantes. Entre esses nomes importantes Maria Lacerda de Moura teve uma significativa projeção social e política, sendo considerada também como pioneira do debate sobre o feminismo no Brasil.

Ao falar em educação nessa época, sabe-se dos intensos conflitos vividos pela sociedade. Existem registros da presença de escolas confessionais. Essas escolas tinham uma educação autoritária sendo mediada apenas para a burguesia. Esse período autoritário e exclusivista vivido pela sociedade brasileira causou impactos na formação da família, da classe operária e também na própria educação.

O processo acelerado de urbanização no Brasil, principalmente no eixo Rio - São Paulo, foi fundamental para a centralização de muitas discussões em torno da condição do operário, da mulher e da sociedade. Priorizo essas cidades por terem sido grandes centros urbanos de desenvolvimento industrial e por ter proporcionado uma ambiência favorável à formação do movimento operário. O crescimento vegetativo, o fenômeno do êxodo rural, a libertação dos escravos e a implantação de grandes conglomerados urbanos alteravam de forma rápida a vida da sociedade. Esses fatores marcaram as primeiras décadas do Brasil no início do século XX.

A constituição da história dos libertários foi atravessada por dificuldades, como mencionado sobre o contexto social. Entretanto, apesar das dificuldades enfrentadas pelos libertários, a educação foi pensada e experimentada por eles. Existe um registro de Sanchez (1991) na sua tese sobre a fundação de uma escola racionalista

em São Paulo por Maria Lacerda de Moura. Esse assunto será apresentado e discutido no próximo capítulo. Todavia, essa menção é para mostrar como os libertários participaram ativamente das questões sociais da época. A projeção dessa mulher brasileira foi bastante intensa, uma vez que, suas obras eram esperadas tanto no Brasil como em alguns países europeus, tema que também será discutido no capítulo subsequente.

A educação, nesse período, estava restrita para algumas classes. As poucas escolas existentes atendiam as classes mais favorecidas. As elites tinham total acesso á essas escolas, ficando uma grande parcela da sociedade sem educação, a exemplo dos filhos dos operários. Algumas escolas existentes junto às fábricas atendiam aos interesses dos patrões, domesticando os operários ao invés de instruí-los.

Nesse contexto, alguns libertários pensaram na realização de um projeto pedagógico no Brasil no início do século XX, e, foi o que aconteceu nesse período sobre o registro de muitas escolas modernas instauradas no Brasil sob a influência do espanhol Francisco Ferrer Y Guardia¹³ (1859-1909). Por fim, o cenário da Primeira República foi marcado por inúmeras transformações, e conseqüentemente, essas transformações impulsionaram a formação do movimento operário brasileiro, tema do próximo tópico.

3.2 - Educação e o movimento operário.

Aqui será apresentada a importância do movimento operário, visto que as mudanças políticas, sociais e econômicas ocorridas no Brasil foram cruciais para despertar a insatisfação do trabalhador. Além disso, as péssimas condições de vida, atreladas aos maus tratos e às injustiças incitaram os trabalhadores a lutarem por uma condição mais humana de vida. A partir daí, começaram a se organizar em associações e agremiações para lutarem de forma mais organizada em busca de melhores condições de vida.

¹³ Nasceu em Barcelona, família de camponeses católicos militou em movimentos anti-clericais, tendo participado de movimento da anti-monarquia em 1886, é obrigado a ficar exilado e junta-se em Paris aos meios anarquistas. A escola Moderna pensada por Ferrer tinha como elementos, uma educação sem diferenças científica, laica e com uma co-educação do sexos e das classes.

Devido a isso, o movimento operário não poderia deixar de ser mencionado nesse trabalho, uma vez que, os grandes impulsos políticos de apoio à educação tiveram como base os trabalhadores. Sem deixar de mencionar o fato de que muitos dos trabalhadores atuavam também na imprensa operária e tinham como uma das principais preocupações a educação. Portanto, dedicarei esse instante para a importância do movimento operário nos debates sobre educação.

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas pelos anarquistas para propagar a educação libertária no início do século XX, alguns países chegaram a conhecer algumas práticas do projeto pedagógico, como é o caso das Escolas Modernas de Ferrer (1859-1909)¹⁴, instaladas no Brasil (LIPIANSKY, 2007). A chegada de alguns anarquistas ao Brasil por volta desse início do século XX esteve associada à imprensa e ao movimento operário.

Devido a isso, o anarquismo foi uma corrente de influência no movimento operário e causava irritabilidade à classe dirigente. Os anarquistas, junto ao movimento operário, pensavam na ação direta¹⁵, apoio mútuo, autogestão e propaganda para expor suas expectativas pedagógicas. A proposta dos libertários junto aos operários era a de criar uma educação voltada para o desenvolvimento das mentalidades e habilidades dos trabalhadores (JOMINI, 1990: 121).

Os meios propalados pelos anarquistas como a ação direta, o apoio mútuo e a autogestão criavam formas de organização dos trabalhadores. Pensar nessa autogestão, tanto na forma de produção como na vida social, causava desconforto à elite dirigente. A partir daí, o movimento operário começou a se organizar na intenção de despertar a sociedade e os trabalhadores, emancipando as mentes. Com essa visão, os laços entre educação e vontade revolucionária se uniram. A maioria dos trabalhadores no Brasil via a imprensa como principal instrumento de participação e propagação do pensamento libertário. Por isso, não se pode falar de movimento operário sem fazer referência à importância da imprensa.

Nesse momento, surgiu também o anarco-sindicalismo, como um segmento atrelado à indústria e aos trabalhadores. E, a partir dele mantinha as escolas, centros de cultura, universidade popular e outros. No Brasil, nesse período, os projetos pedagógicos estiveram vinculados ao movimento operário e aos libertários.

¹⁴ Espanhol nascido em Barcelona de família de camponeses católicos. Trabalhou como agricultor e depois numa fábrica de tecidos.

¹⁵ Significa no campo dos anarquistas o próprio financiamento das escolas, associações, agremiações entre outros.

Porém, nas leituras oficiais, desse período, não vemos registros sobre a participação e influência dos libertários no debate sobre educação no Brasil.

O pensamento de Maria Lacerda de Moura esteve marcado no início do século XX, pelas concepções propostas por Francisco Ferrer. Inclusive seu pensamento foi muito propalado por alguns libertários brasileiros e pela imprensa anarquista, como cita Jomini (1990), quando menciona Adelino de Pinho e Florentino de Carvalho, dois professores da escola moderna nº1 e nº2, levando seus alunos para uma movimentação dos trabalhadores. Essas programações realizadas pelos professores das escolas modernas para incentivar os alunos a participarem das questões operárias eram registradas pela imprensa anarquista.

Portanto, com métodos contrários à época, os libertários pensavam numa educação com respeito à liberdade, individualidade e a livre expressão de todos. A questão seria preparar os indivíduos através da educação para atuarem na sociedade. Compete ainda mencionar a educação no Brasil da Primeira República como exclusivista e separatista. Já os libertários, ao contrário, pensavam numa educação com princípios voltados para a co-educação do sexo e das classes, tendo como objetivo principal o ensino racional e integral,¹⁶ com o respeito à liberdade dos indivíduos.

As experiências libertárias estiveram vinculadas ao movimento operário e à imprensa anarquista. Maria Lacerda de Moura contribuiu na imprensa operária e criticou a pedagogia tradicional, tecendo comentários em relação a escola. Vejamos um de seus apontamentos no jornal *A Plebe*, sobre os efeitos da escola na formação do indivíduo. “A escola asfixia... distribue diplomas de eunucos mentaes. Os educadores de todos os crédos, cada qual se julga o detentor da verdade” (MOURA, 1933, p.01)¹⁷.

É importante ainda compreender o esforço da autora, em despertar, tanto a mulher como o trabalhador para sua emancipação social. Os anarquistas, junto ao movimento operário pensavam numa ação através da união. Essa junção de esforços deveria estar atrelada às escolas, aos jornais, aos centros de estudos sociais, à militância e à panfletagem. O fazer pedagógico dos libertários deu subsídios a própria pedagogia conhecida na nossa atualidade.

¹⁶ O termo integral está relacionado a junção entre o manual e intelectual a idéia é integralizar esses fatores.

¹⁷ MOURA, Maria Lacerda de Moura. Espiral. 17/12/1932 **A Plebe** São Paulo –SP 30/12/1933.

A imprensa no Brasil foi crucial para a propagação dos ideais educacionais dos libertários. Por meio da ação direta, os libertários recusavam qualquer forma de imposição, tanto da igreja como do Estado. O trabalho da professora Maria de Nazareth Ferreira em “*A imprensa Operária no Brasil*” (1978), retrata uma compilação do pensamento anarquista sobre a imprensa operária, apontando a riqueza de informações produzidas pelos libertários. Os pesquisadores brasileiros devem a Ferreira o primoroso trabalho de organização do arquivo de Edgard Leuenroth, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas.

Seu trabalho representou a contribuição do movimento operário no Brasil na Primeira República brasileira. Para o Brasil, no início do século XX, a imprensa não foi a única, mas foi uma das fontes principais cuja finalidade era questões sociais da época. Seu registro sobre a contribuição dos libertários foi feito a partir da análise da contribuição da classe operária no início do século XX, na cidade de São Paulo, conforme Maria de Nazareth:

A utilização do jornal operário como principal fonte de documentação histórica mostrou-se altamente eficiente, sendo o material disseminado pelos antigos militantes do movimento operário necessita ser inclusive melhor aproveitado, tal riqueza e complexidade: “Ao seguir as pegadas deixadas pelos militantes operários, ao reler seus chamamentos e manifestos, aparecem as razões dos progressos que marcaram as etapas do movimento operário (FERREIRA, 1978, p.13).

A formação da imprensa operária se deu pela necessidade da luta contra as péssimas condições de vida dos operários. Aqui, Ferreira fala da sua preocupação em pensar na contribuição do trabalhador gráfico como agente comunicador. “A utilização do jornal como veículo de comunicação foi de grande proveito para a organização da classe trabalhadora brasileira” (FERREIRA, 1978, p.15). Pode-se compreender, desse modo, que foi a partir desse registro que a imprensa adquiriu importância na organização social e cultural da classe operária.

Os congressos operários, no início do século XX no Brasil abordaram diversas temáticas incluindo as condições de vida e de trabalho dos operários, a forma de se organizar, a educação, a imprensa, entre outros. Em relação à educação discutiam propostas sobre ensino, conteúdo, postura do educador etc. Devido a isso, os congressos operários foram importantes para a educação e para

as lutas sindicais. De acordo com Rodrigues (1970), os sindicatos operários de vínculo anarquista, eram vistos como puro ou apolítico, sem influência partidária.

Para o militante consciente, o sindicalismo, no seu todo, era uma forma de doutrina que despertava e estimulava o aperfeiçoamento profissional, o interesse pela cultura social e geral; humanizava pelo despertar da sensibilidade, através do apoio mútuo e do amor fraterno em contra-posição aos organismos criados pelos “Estados”, onde os trabalhadores, associados obrigatoriamente deixavam de ser homens pensantes, para serem instrumentos paralisados, surdos aos acontecimentos, cegos à realidade do seu mundo – do mundo produtor (RODRIGUES, 1970, p. 20).

Os debates operários se instauraram nos eixos Rio - São Paulo. A localização geográfica do Estado de São Paulo favorecia esses debates devido ao fato de existir nesse estado uma maior concentração de fábricas e de grandes conglomerados urbanos. Esse Estado também foi o de maiores registros de repressão aos militantes do movimento operário.

O Primeiro Congresso Operário Brasileiro ocorreu em 1906, no Rio de Janeiro. Nessa época, o jornal “*A terra Livre*” dirigido por Neno Vasco, uma das figuras mais eminentes do movimento anarquista vindas de Portugal para o Brasil, registrou muitas das lutas desses trabalhadores. A primeira conferência, de modo sucinto, apresentava a forma como estes se organizavam para lutar em prol dos seus interesses. Todas as questões operárias eram pensadas de modo coletivo, sem hierarquias, onde todos participavam e contribuía com os debates.

Vejamos a seguir, uma proposta operária na liga de Campinas: “18º artigo proposto sobre educação no congresso foi: é necessária a fundação de um jornal de formato regular que não seja filiado a nenhum partido político, e que trate somente da defesa dos interesses da classe e do movimento operário internacional?” (RODRIGUES, 1970, p. 25).

A intenção de fundar uma imprensa própria seria para propagar suas intenções e propostas, uma vez que, para justificar a classe burguesa e as instituições constituídas, já existiam diversos jornais e revistas diárias. Depois de refletir sobre a imprensa, os libertários apontavam a questão da educação. Vejamos o item subsequente ao 18º artigo: o que nos diz: 22º “- É útil a fundação de escolas suburbanas e a organização de conferências libertárias, etc.?” (RODRIGUES, 1970, p.26).

Os trabalhadores tinham a preocupação de fundar uma escola própria para atender aos interesses da classe operária. Nessa época, além da burguesia usufruir dos privilégios do dinheiro sobre a miséria do trabalhador, ainda gozavam do direito de estudar nas escolas do Estado. Os operários, além de não poderem sustentar os seus filhos nas escolas, por falta de recursos, não sobravam vagas nas escolas do Estado. Por isso, esses operários viam a necessidade de fundar e sustentar as escolas com seus poucos recursos.

Essas discussões instauradas pelos trabalhadores, na 1ª Primeira Conferência Estadual de São Paulo, foram importantes por fornecerem subsídios pertinentes para a aprovação das normas do 2º Congresso de operários, realizado no ano de 1908, no intuito de alargar as decisões tomadas no 1º Congresso Operário. Motivados e entusiasmados com os debates acontecidos nas conferências e congressos apresentados anteriormente, os debates sobre educação tomavam maiores proporções. Vejamos uma das propostas em relação a uma Universidade Operária:

7º - Não será de utilidade a criação de uma Universidade Operária para a ilustração e educação do proletariado? Aprovado: "O congresso aceitando por principio a utilidade de uma Universidade Operária, opina que os sindicatos operários procurem auxiliar o desenvolvimento intelectual do operariado aproveitando os meios ao seu alcance, organizada nos limites do possível, um ciclo de conferências científicas" (RODRIGUES, 1970, p. 29).

Depois de se questionar sobre a criação de Universidades Operárias, debateram também sobre a importância de fundar escolas. Nesse item os operários aprovam a abertura de escolas livres. Nessa época, as escolas livres eram as escolas de Francisco Ferrer Y Guardia. Nessas escolas, os operários deveriam ter a autonomia de decidir sobre seu funcionamento interno.

Rodrigues (1970) registra uma maior concentração dos debates operários nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, porém, existiam também movimentações operárias em outros Estados, como o Rio Grande do Sul, onde sediaram muitas organizações operárias. De acordo Rodrigues (1970), o Rio Grande do Sul foi um Estado marcado pela presença de imigrantes vindos da Alemanha, Rússia, Polônia, e Itália. Essas influências foram pertinentes para as lutas operárias. Mesmo com governos repressivos e autoritários, esses operários conseguiram resistir e expor

suas propostas. Esse período foi bastante conturbado para aqueles contra a oficialidade.

Foi, portanto, em meio a um ambiente hostil que o trabalhador estrangeiro pregou suas idéias, organizou suas idéias, organizou associações de classe, chegando à criação de “Associações Operárias”, inicialmente baseadas no apoio mútuo e, logo depois, na luta de classes e nos princípios da ação direta. Suas doutrinas provinham de diversas escolas. A princípio, as que melhor frutificaram no Brasil foram as idéias de Robert Owens, Charles Fourier, Peter Kropotkine, Miguel Bakunine, Malatessa, Rossi, Reclus e Sebastião Faure – expoentes das lutas sociais, que, nos congressos da Europa, ganhavam projeção, a partir da “Primeira Internacional dos Trabalhadores”, (AIT), chegando ao Brasil sob denominação de “Sindicalismo Revolucionários”, ou “Anarcosindicalismo”, como muitos preferiam chamá-lo (RODRIGUES, 1970, p. 96).

O 3º Congresso sediado no Rio de Janeiro em 1920 tinha como finalidade fortalecer e firmar princípios e ideias capazes de conduzir o trabalhador para um caminho justo e humano. As notas sobre educação também foram pauta da preocupação dos trabalhadores, nesse congresso.

Esses eventos fizeram parte da história do movimento operário no Brasil. Foram abordados diversos temas nos congressos, inclusive sobre educação. O movimento operário abria espaço para a educação nas suas discussões. Jomini (1990)¹⁸ registra fatos curiosos da participação efetiva de alunos provenientes das Escolas Modernas nas greves e ainda nas reuniões dos sindicatos. Além desses eventos relacionados aos congressos, comemoravam também o 1º de maio, dia do trabalhador, e as reivindicações sobre a morte de Ferrer. Esses e outros acontecimentos eram registrados pelo movimento operário na imprensa. Portanto, é possível perceber como a educação esteve presente nas propostas dos operários. E, Maria Lacerda de Moura, como contribuinte da imprensa anarquista influenciou de modo incisivo as lutas operárias.

¹⁸ JOMINI, Maria Celia Mazoni. **Uma educação para a solidariedade**. Editora: Pontes, 1990. Pag. 64.

3.3– A educação no Brasil.

A ênfase, nesse instante, será as discussões sobre a educação no Brasil no século XX, levando em consideração o contexto político e social e as propostas educacionais de alguns libertários contemporâneos a Maria Lacerda de Moura. Primeiramente, cabe ressaltar algumas limitações em relação à construção da história da educação no Brasil, uma vez que, algumas pesquisas dentro de uma discussão oficial não mencionam a participação e ação dos libertários, nesse período. São pesquisas com limitações acerca da construção social da história da educação no Brasil. E, mesmo quando citam algo sobre os libertários é feito de modo rápido ou mesmo centralizador, sem se importar em conhecer com mais propriedade as propostas e contribuições desses autores, projetando leituras preconceituosas, apoiados em ideologias, impossibilitando compreender o anarquismo.

Na introdução de uma coletânea organizada por Costa e Barroso (1983), intitulada por “*Mulher Mulheres*” veja como elas recuperam a contribuição do artigo de Leite. “Miriam Moreira Leite, em “*Maria Lacerda de Moura, imagem e reflexo*” recupera a trajetória desta escritora briguenta e sugere as razões que podem ter contribuído para seu esquecimento” (COSTA, BARROSO, 1986, p.14). Esse é um dos exemplos de como algumas pesquisas remetem à leitura de um libertário, nesse caso, Maria Lacerda de Moura.

A discussão sobre educação no Brasil esteve marcada pela contribuição e participação dos libertários. A maioria deles recebeu influências dos clássicos do anarquismo nas suas propostas educacionais, o que auxiliou, de modo breve em saber que o movimento anarquista tomou suas formas mais concretas no século XIX, em especial na Europa. Essa concepção se ocupou em indagar a ordem social da época, depois em pensar na nova ordem para essa sociedade e, por fim, nos elementos de manutenção dessa sociedade por meio da Escola. Por isso, para a manutenção de uma sociedade chamada de àcrata¹⁹ seria necessária uma educação adequada às perspectivas libertárias. Estou aqui dando maior grau de elevação à educação, todavia, aponto para uma das preocupações dos anarquistas com a manutenção de uma sociedade livre de autoritarismos.

¹⁹ Construção de uma sociedade sem a imposição da autoridade centralizadora nas demais relações.

A preocupação dos anarquistas com a educação, assim como a de Maria Lacerda de Moura, era compreendida como um dos processos necessário para a transformação social. Os anarquistas percebiam a educação como um poderoso instrumento influenciador na formação do comportamento social. Além do mais, seria através da educação o despertar dos estímulos, como a livre consciência, sem a qual seria impossível perceber alguma mudança na sociedade.

De modo geral, no século XIX, existiu uma intensa preocupação dos libertários em relação às questões da educação. Além de existir toda uma preocupação teórica por parte dos libertários, também foi realizado experimentos. Foram vários os nomes dos pensadores clássicos, entre eles e suas respectivas obras mais importantes no âmbito da educação, estão: Johan Kaspar Schmidt (1806-1856), filósofo alemão, atendido com o pseudônimo Max Stirner²⁰, que deixou uma expressiva contribuição no seu artigo. O falso princípio da nossa educação em 1979; Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), filósofo, político e economista francês, contribuiu com a sua discussão sobre educação politécnica; Mikhail Aleksandrovitch Bakunin (1814-1876) anarquista russo que atuou em muitas barricadas, contribuiu também com a sua concepção sobre instrução integral; Jean-Jacques Élisée Reclus (1830-1905), foi um geógrafo e anarquista e no seu trabalho O Homem e a Terra, apresentou a sua contribuição na relação, educação, homem e natureza; por fim, Piotr Alexeyevich Kropotkin na junção do trabalho cerebral e do trabalho braçal.

Sobre os experimentos libertários existem registros da contribuição de Paul Robin (1837-1912), de nacionalidade francesa. Este fundou o Orfanato de Cempuis (1880-1894); Francisco Ferrer Y Guardia (1859-1909) e a Escola Moderna de Barcelona fundada, primeiramente, na Espanha em 1901 e no Brasil em 1909 aproximadamente; e finalmente a contribuição de Sébastien Faure (1858-1942), francês pedagogo e poeta, por meio de seu experimento chamado de La Ruche – A Colméia (1904-1917). Esses pensadores citados influenciaram a formação do pensamento libertário no Brasil e conseqüentemente as ideias de Maria Lacerda de Moura.

Após esse panorama geral sobre a contribuição dos clássicos, retornarei à constituição da história da educação no Brasil. Esse país desde a chegada dos portugueses foi marcado pelo controle, principalmente, no que diz respeito à

²⁰ Foi um libertário reconhecido e influenciou o pensamento de Maria Lacerda de Moura, no que concerne a importância de uma educação pela vontade.

educação. Quando menciono a educação nesse período, penso logo na educação jesuítica como fora chamada, no momento da chegada dos portugueses. A educação jesuítica foi imposta aos índios com o objetivo de catequizá-los, a fim de torná-los mais dóceis, disciplinados e “civilizados”. Essa maneira de educar dos jesuítas seria uma forma de controlar os índios. Devido a isso, foram praticamente 300 anos da educação nas mãos da companhia de Jesus. Essa tratava-se de uma companhia responsável pela formação dos índios e colono. De acordo com Lima (s/a) era como se fosse uma companhia privada e o rei dava poderes de empresa pública autônoma, hoje atribuímos o nome de Fundação (LIMA, s/a).

A educação no Brasil na Primeira República (1889-1930) é pouco mencionado nos livros oficiais, talvez seja, pelo fato da educação ter sido restrita apenas para a classe média. Pois, trata-se de um período de intensos conflitos políticos e sociais. Na análise do livro de Maria Lacerda de Moura Lições de Pedagogia (1925) existem ressalvas sobre as dificuldades em propagar a educação nessa época.

A literatura oficial sobre os registros da história da educação no Brasil omite a intensa participação dos operários e dos libertários na construção da educação. E, ao estudar os registros dos libertários encontramos uma evidente participação política e social nos acontecimentos da época, inclusive na educação. Todavia, são muitos os materiais disponíveis para pesquisa nessa área. Assim como Maria Lacerda de Moura e seus contemporâneos suas obras eram esperadas, tanto no Brasil, como fora dele. Sanchez registra “[...] desarrolló una intensa actividad propagandística, escribiendo y pronunciando conferencias por Brasil, Argentina Y Uruguay” (SANCHEZ, 1991, p. 438). As discussões sobre educação foram importantes pelo vínculo com o movimento operário e com o seu fortalecimento, principalmente no início do século XX.

Nessa época alguns contemporâneos de Maria Lacerda de Moura também se preocupavam com a teoria e prática da ação pedagógica libertária. Por isso, quando se refere ao período de atuação intelectual de Maria Lacerda de Moura é importante situá-la junto à atuação dos seus contemporâneos. Os contemporâneos citados posteriormente se apoiavam nas propostas da Escola Moderna de Ferrer²¹. Refletindo sobre a preocupação da autora com as escolas modernas de São Paulo,

²¹ Idem, sobre a escola moderna e Ferrer na pág 24 nota de rodapé.

é que farei breves apontamentos sobre três contemporâneos da sua época, militantes e professores da Escola Moderna. Sendo eles João de Camargo Penteado (1874-1943), Primitivo Raymundo Soares (1883-1947), Adelino de Pinho (s/a). estes acompanhavam e contribuíram veementemente nas discussões sobre educação e no movimento operário.

3.3.1- João de Camargo Penteado: Breves apontamentos sobre Educação.

João de Camargo Penteado (18 foi professor, libertário, nascido em Jaú - São Paulo. Sobre sua trajetória política e social, o trabalho de Barbosa (2008)²² nos ajuda a compreendê-lo melhor. Esse trabalho remete ao olhar cultural dos movimentos anarquistas no Brasil, no início do século XX. Este trabalho apresentou aspectos da vida e obra do referido autor e sua atuação em Jaú – São Paulo.

João Penteado foi uma figura importante devido a sua participação efetiva nos movimentos operários, enfrentando a estrutura repressiva política e social da época. Assim como Maria Lacerda de Moura em Barbacena, João Penteado participou de uma sociedade patriarcal e conservadora. Na época vivida por Penteado, a cidade de Jaú estava atravessando um período de intensos conflitos políticos. No início do século XX, existiu a prática da legalização das terras pelo Estado e ainda o uso do coronelismo. Os apadrinhados pela classe dominante eram indicados a ocuparem cargos públicos importantes como delegados, juiz de paz e juiz municipal. Geralmente era notado o casamento consanguíneo como estratégia para assegurar a propriedade de terras pela junção de heranças (BARBOSA, 2008, *apud*, OLIVEIRA, 1999).

João de Camargo Penteado, nascido em quatro de agosto de 1877, era da classe média de Jaú. Sua família era parte das raízes dos Almeida Prado. Filho de um funcionário público, cujo nome era Joaquim de Camargo Penteado. Um dos primeiros empregos de João Penteado foi no comércio e depois na lavoura. Após esses trabalhos, lecionou em Jaú (1908-1910). Já em 1911 ele estava em São Paulo para lecionar na escola libertária Moderna nº01, situada em Belenzinho, uma vila

²² BARBOSA, Daniel da Silva. João Penteado entre o movimento libertário paulista e o tradicionalismo jauense – Polo Jaú. Trabalho de conclusão de curso apresentado nas faculdades integradas de Jaú, 2008.

operária da capital. Sua participação na Escola Moderna já pressuponha seu envolvimento com a concepção racionalista. Seu contato com Oresti Ristori²³ e sua aproximação com a articulação anarquista em São Paulo transformou sua vida. Participou de alguns periódicos anarquistas como: *A guerra Sociale*, *A lanterna* e *A Plebe*. Seu otimismo em relação ao ensino racionalista era latente, considerava esse método como um alicerce para a transformação social. Na época existiam três concepções de escolas: a escola jesuítica, a escola nova e a escola moderna. A escola moderna nº 01 é a mais interessante para a nossa discussão. Essa foi inaugurada dia doze de maio de 1912. Seu surgimento se deu em Barcelona por volta de 1873, com o objetivo de neutralizar a influência da igreja na educação e foi a partir daí a que se intensificou a disseminação do ensino racionalista no Brasil (BARBOSA, 2008).

Outro trabalho sobre Penteado desenvolvido por Santos (2009)²⁴ foi realizado a partir de fontes primárias, incluindo uma coletânea de textos produzidos durante a vida de João Penteado a qual, nos ajuda também a compreendê-lo melhor, sendo importante considerar o período de atuação de João Penteado e de Maria Lacerda de Moura como um momento de exclusão de algumas classes no campo da educação. Entretanto, a educação da época mencionada estava restrita às cidades mais urbanizadas e as camadas privilegiadas da sociedade. Vejamos como menciona Santos:

Dessa forma, era comum, na época correspondente a infância e juventude de João Penteado, que as pessoas das classes mais populares cursassem o ensino primário e ingressassem diretamente no mundo do trabalho, recorrendo, concomitante a esse, ao estudo autodidático (SANTOS, 2009, p. 141).

Além das suas experiências como educador, também contribuiu com a imprensa anarquista publicando diversos artigos na imprensa operária. As formas encontradas por João Penteado para propagar suas ideias foram a educação e a imprensa. O trabalho de Santos foi desenvolvido a partir da análise do arquivo pessoal de João Penteado, situado no centro de Memória da Educação (da

²³ (1874-1943) foi jornalista, militante anarquista italiano. Chegou ao Brasil por volta de 1904, foi contribuinte na implantação das escolas libertárias, seguindo o modelo das Escolas propostas por Francisco Ferrer.

²⁴ SANTOS, Luciana Eliza dos. **A trajetória anarquista do educador João Penteado: Leituras sobre educação, Cultura e Sociedade.** Dissertação apresentada na Faculdade de Educação de São Paulo, 2009.

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo), desde março de 2005. Santos faz referências importantes sobre a trajetória social de João Penteado. São relatos sobre o seu posicionamento como diretor e educador da escola moderna chamada de nº01²⁵. Essa escola era diferente das oficiais da época pautadas no conservadorismo e autoritarismo. De acordo com Santos (2009), João Penteado foi influenciado por vários pensadores do anarquismo, entre tantos, Tolstói (1828-1910)²⁶, e a linha do espiritismo. De acordo com a autora, esta última concepção, foi referenciada em seus escritos, lutando contraponto ao império católico. João de Camargo Penteado pensou numa educação espiritual atuando na orientação da autonomia do indivíduo. “João de Camargo Penteado, pode-se supor, foi um homem plural, a frente de seu tempo, que buscou formas possíveis de se libertar de certos paradigmas, sendo anarquista, espiritualista e internacionalista” (SANTOS, 2009, p.149).

A participação de Penteado na imprensa política foi significativa para o movimento libertário. Seus artigos recebiam pseudônimos devido a repressão da época. Alguns de seus pseudônimos era João Pinto, João Pacheco, João Campos, João Petinato, Joca Penteado, entre outros. Santos (2009) ainda faz referência a identificação de João Penteado com o comunismo libertário²⁷ – provavelmente, diz a autora, por ter sido o mais difundido no Brasil. O trabalho de João Penteado na Escola Moderna nº01 estava sendo referenciado quando este passou a ser acusado pelo Ministério Federal de propagar ideias anarquistas e ainda indiciado pela tentativa de implantar o regime comunista (SANTOS, 2009).

Essa ressalva permite compreender as perseguições no Brasil no início do século XX. Essas eram tão incisivas a ponto de perseguir e fechar escolas contrárias às expectativas políticas autoritárias e conservadoras da época. A Escola Moderna representava uma afronta e um perigo para o Estado. Mesmo com o fechamento da Escola Moderna, João Penteado prosseguiu com suas concepções educacionais, porém, não mais como na escola moderna. Fundou a Escola Nova, em 1920, usando práticas diferentes das modernas, por está sendo submetida às visitas dos fiscais do Estado.

²⁵ A escola moderna foi fundada em dezembro de 1918, em São Paulo, fechada pelo ministério federal em 1919.

²⁶ Léon Tolstói, russo ficou conhecido pela sua expressiva contribuição na literatura e na participação do anarquismo.

²⁷ Representado por Kropotkin, Reclus e pelo cristianismo de Tolstói (SANTOS, 2009, p.151).

Datas comemorativas, como havia antes, tais como a comuna de Paris, o dia do trabalhador e a morte de Ferrer não eram mais referências. Logo depois, a Escola Nova foi substituída pela Academia de Comércio “Saldanha Marinho”, onde João de Camargo Penteado foi também diretor de um instituto para cegos. Essa instituição tinha o objetivo de cuidar da reabilitação social de cegos através da instrução e pelo trabalho, na intenção de tirá-los da condição de excluídos da sociedade. Sendo, a partir de agora a Escola Moderna só funcionaria sob a intervenção das leis do Estado, recebendo visitas de inspetores toda semana (SANTOS, 2009).

Depois de apresentar um pouco da história política e social da cidade de João de Camargo Penteado, Jaú – São Paulo, com o trabalho de Barbosa, faço ressalvas sobre a contribuição de Peres (2010)²⁸ em sua tese de doutoramento sobre o pensamento de João Penteado. Esse trabalho apresenta um enfoque diferente dos mencionados, pois terá mais centralidade no envolvimento de João Penteado com a doutrina espírita.

A ideia de revisitação usada por Peres (2010) está relacionada à continuação da sua dissertação defendida em 2004 cujo título foi “Estratégias de aproximação: um outro olhar sobre a educação anarquista em São Paulo na Primeira República”. Peres (2010) ao ler a dissertação de Mestrado de Tatiana Calsara (2004). Essa pesquisadora motivou Peres a realizar outra pesquisa quando registrou a possibilidade das Escolas Modernas de Ferrer não terem acabado em 1919 e ratificou a colaboração de outras escolas, mediadas por João de Camargo Penteado Mas, além dessa efetiva participação de João Penteado nessas escolas, Peres (2010) faz questão de registrar seu envolvimento com a doutrina espírita e ainda mencionar a influência dessa doutrina num determinado momento do campo de atuação dos libertários, assim como Maria Lacerda de Moura, João Penteado foi simultaneamente anarquista e espírita, envolvido numa ambiência de favoritismo para a expansão dessa doutrina. O Brasil nesse período favoreceu muitas mudanças políticas, sociais, econômicas e religiosas.

²⁸ PERES, Fernando Antonio. Revisitando a trajetória de João Penteado: o discreto transgressor de limites. (Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo), 2010.

O que me propus a fazer foi revisitar João Penteadado, buscando outras de suas faces menos conhecidas, e como elas foram se formando, para além do fato de ter sido diretor da mais importante escola anarquista de São Paulo, procurando retirá-las da penumbra e buscando compreendê-las em sua complexidade, diante do quadro geral da educação brasileira (PERES, 2010, p. 11).

As discussões de Peres vislumbram a formação de João de Camargo Penteadado a partir de uma vivência social. Essa ambiência contribuiu para a formação política e social da atuação de João de Camargo Penteadado Peres faz alusão a essa ambiência influenciadora a partir de valores sociais, políticos, culturais e psicológicos. Além disso, define a participação dos libertários e suas propostas importantes para a formação da sociedade na época.

[...] que esses propunham era contribuir para desencadear a mudança nas condições de vida- tanto materiais quanto mentais – livrando a humanidade da necessidade e do dogma, ligados tanto à organização social capitalista quanto aos assim chamados “preconceitos” religiosos. Daí a importância das ações educativas (PERES, 2010, p. 15).

As preocupações de João Penteadado com a educação ocupou todo seu período de vida. Mesmo com o fechamento das Escolas Modernas no Brasil, ele ainda procurou trabalhar em escolas na intenção de propagar seus ideais libertários. De acordo com Peres (2010) João Penteadado escreveu bastante preocupado com a instrução da sociedade. Além disso, sua participação na imprensa operária era uma das suas marcas. Existia nas Escolas de João Penteadado uma preocupação com a participação e colaboração das crianças. “João Penteadado colaborou também com pelo menos duas publicações espíritas, ambas vinculadas às iniciativas educacionais de Anália Franco: Natalício de Jesus e Nova Revelação” (PERES, 2010: 24).

Por fim, segundo Peres (2010) a contribuição de João de Camargo Penteadado no Brasil foi marcada por muitas questões sociais. Ao longo da sua trajetória, foi autodidata, leitor, tipógrafo, conferencista, militante anarquista, professor, diretor de escola, ativista de entidades sindicais, espírita. No que diz respeito às influências espíritas, o trabalho de Peres (2010) nos ajuda a compreender a relação da dimensão religiosa no pensamento de João de Camargo Penteadado.

Dando continuidade às questões da educação, a instrução para João Penteado era um importante instrumento para o progresso da sociedade. Através da educação, as pessoas poderiam adquirir a capacidade para compreender tanto a liberdade quanto a vida, e assim garantir seu sustento. A leitura de Peres (2010) em relação a João Penteado apresenta uma visão entusiástica da educação. Essa referência dada ao pensamento de João Penteado é atribuída ao mesmo tempo por questões relacionadas à sua ambiência. Trata-se de uma visão própria de quem estava atravessando um Brasil no início da República até a Era Vargas.

Depois dessa breve apresentação a partir de fontes secundárias sobre o pensamento de João de Camargo Penteado, farei uma exposição de alguns dos seus artigos, sobre a educação. Na ordem o artigo *Instrução e Problema social* (PENTEADO, 1912), retrata aspectos precisos, unindo questões relacionadas à instrução e ao social. É um artigo preocupado em expor à sociedade a importância da instrução para o meio social. A priori, o artigo menciona a importância da instrução para a reforma social. Fala da instrução como base para a formação da sociedade fazendo um parâmetro com o edifício.

A Escola Moderna Nº 01 foi fundada, no Brasil, em 1912, e a publicação desse artigo é do mesmo ano. Embasado na história da torre de Babel, mostra as condições sociais como sendo atrelada à educação. Nessa comparação, menciona o edifício (sociedade) como um ideal libertário, que é capaz de abranger a humanidade inteira sem distinções, nem privilégios. O edifício (sociedade) deve ser construído por alicerces firmes, lançados sobre as rochas, para não ceder às temperaturas reacionárias. A base alicerçada, referida por ele estar relacionada à educação.

[...] a instrução é o caminho que nos conduzirá ao grande objetivo, que só alcançaremos pela revolução. Mas essa precisa ser feita mais pela inteligência e pelo coração que pelos cegos instintos, a menos que não queiramos perder a oportunidade de uma completa e decisiva vitória (PENTEADO, 1912, p. 01).

A instrução seria o caminho mais apropriado, visto por João Penteado para se chegar à revolução social. Ele atribui a Escola Moderna Nº 01 como fundamental para essa instrução. A escola moderna tinha uma educação pautada na racionalidade e cientificidade, na intenção de tornar as pessoas livres, conscientes e emancipadas dos preconceitos de religião e de pátria, sendo capazes de reivindicar

seus próprios interesses. A formação da criança sobre esses ditames colocados por Penteado, impediria o aumento de seres ignorantes, influenciados pelo meio.

Apoiado numa passagem de um convite feito a Ferrer para a ocupação de uma diretoria na Escola Moderna por Mlle, Henriette Meyer diz que a educação como uma maneira de transformar a humanidade. Todos os movimentos, como cita Penteado, são frutos de uma classe que dirige as demais sem instrução.

Pessoas instruídas saberiam conduzir uma revolução contribuindo para uma sociedade mais justa. Por isso, reforma social e instrução deveriam caminhar juntas na intenção de conseguir maiores ideais. João de Camargo Penteado atribuía à ignorância vivida pela sociedade todas as injustiças sofridas pela sociedade. Ele chamou a atenção na época para a criação de mais escolas laicas²⁹ e científicas, uma vez que essas representavam a chave do problema social.

Abrir escolas laicas, favorecer a instrução nacional e científica editar livros apropriados a esse fim, editar jornais e revistas, fundar grêmios, promover conferências e palestras destinadas à instrução das classes obreiras. Trabalharemos para isso, pois, companheiros, visto que a instrução nos libertará só a verdadeira instrução nos libertará da tirania dos déspotas, da prepotência dos maus, dos perversos, dos cains sociais, desses que se arvoram entre as multidões para enganá-las com as palavras que se não cumprem, levando-as para o abismo, para a miséria, a ruína! (PENTEADO, 2010, p. 01).

João de Camargo Penteado atribuía a falta de instrução a um problema social. Em outro artigo, João Penteado faz duras críticas à falta de instrução. Com o título *A ignorância* publicado em 1912, o autor atribui os males da sociedade como um crime, ao processo de ignorância. De acordo com Penteado, os prejuízos maiores são causados pela ignorância, sendo esta a maior ameaçadora da sociedade. Este autor chama a ignorância de calamidade e de prejuízo. Devido a isso, os libertários deveriam eliminar essa condição do meio das massas. A ignorância engendra o vício, a escravidão e a miséria nas classes populares.

João Penteado, ainda registra o fato de alguns operários sempre fugirem das lutas, dos comícios populares, repudiando as ideias libertárias. Muitos, na época, detestavam os propagandistas de princípios revolucionários. Portanto, para esses operários imbuídos de ignorância diz João Penteado:

²⁹ São escolas livres de ideologias e autoritarismos centralizadores.

De certo. Basta-lhes um banho de luz, mas dessa luz emanada da instrução racional e científica, que humaniza os corações, ilumina as inteligências e regenera os sentimentos, fazendo reviver nas consciências dos homens os desejos de paz e solidariedade. A instrução faz ressuscitar as consciências, alargando-lhes os horizontes. Ferrer não errou. A Escola Moderna, com as bases que possui, é mais poderosa arma de que podemos lançar mão para combater a ignorância. Tomemo-la por norma e não percamos tempo. Do problema da instrução popular depende a verdadeira vitória das idéias emancipadoras da humanidade. Assim, ao fantasma da ignorância, opúnhamos a luz resultante da instrução – eis o que devemos fazer (PENTEADO, 1912, p. 01).

Os ideais pedagógicos de João Penteado estariam voltado às discussões envolvendo sua formação política, social e filosófica. Sua preocupação em despertar as mentalidades foi notável junto às escolas modernas. Com um vasto campo de produção intelectual e de ação, ele se preocupou com as questões sociais da sua época e da sociedade futura. Além disso, participou das lutas do movimento operário, atuou como diretor e professor da Escola Moderna Nº 01, deixou de fato um vasto legado em relação à construção da história da educação no Brasil. Assim como ele, outros nomes foram importantes para a contemporaneidade de Maria Lacerda de Moura. Mesmo não conhecendo nenhuma leitura sobre a possível aproximação deles, sabendo do ambiente hostil de produção desses escritores e dos temas sobre os quais tratavam.

3.3.2- Primitivo Raymundo Soares (Florentino de Carvalho): As críticas ao ensino oficial

Professores: Educai as crianças com delicadeza de sentimentos, inspirando-lhes nobres idéas, para que no dia de amanhã não sofram as conseqüências dos princípios as vezes errôneos que lhes gravastes nas suas mentes inexperientes; fazei, enfim, com que essas flores desabrochem com a sua candura e propriedades naturais(CARVALHO, 1932, p. 01).

As pesquisas em torno da vida e obra de alguns libertários, desde os anos 80 vêm crescendo. Darei ênfase nesse instante à contribuição de Primitivo Raymundo Soares (1883-1947) com à educação libertária no Brasil. Esse seu nome seria trocado mais tarde devido à repressão política, pelo pseudônimo Florentino de

Carvalho. Ficou conhecido como um importante militante e colaborador do movimento operário na época. O trabalho de Nascimento (2000) aponta as dificuldades em fazer a compilação do material relacionado a Florentino de Carvalho devido ao contexto da sua atuação. No entanto, mesmo com todas as dificuldades, o trabalho sobre Florentino de Carvalho representa uma referência, no que diz respeito à contribuição de um pensamento social.

A dissertação de Nascimento (2000) nos apresenta um cenário amplo, desde a formação da vida e obra de Florentino de Carvalho, até suas concepções sobre a formação de uma sociedade futura. Com mais precisão, o trabalho de Nascimento está dividido em seis capítulos: primeiro, o autor se refere a sua trajetória política e social, sua vida e suas obras; no segundo capítulo, são abordados os principais questionamentos do Brasil República através do olhar desse trabalhador; no terceiro capítulo, são contempladas as reflexões de Carvalho diante da atuação do movimento operário; o quarto capítulo expõe as principais críticas feitas por Florentino, aos principais segmentos da sociedade oficial; no quinto capítulo, são trabalhadas as tendências do anarquismo e aqui Florentino é chamado de sem adjetivos como ele mesmo o definia; por fim, no sexto e último capítulo são expostas as principais indicações para a formação de uma sociedade ácrata e a discussão sobre a importância da liberdade como indispensável à anarquia.

Assim como Maria Lacerda de Moura, Florentino também atuava no campo da educação libertária no Brasil nessa época. Então, Florentino de Carvalho, nascido em 1883, em Campomanes, província de Oviedo na Espanha, chegou ao Brasil em 1889 e fixou residência ficando por toda sua vida. Filho de José Soares e Francisca Alves. A família morou em São Paulo, seu pai iniciou na atividade de comércio. Logo depois, Florentino de Carvalho ingressou os estudos, à indicação do seu pai, numa escola católica. Não muito interessado por essa formação, ingressou em 1898 na Força Pública do Estado de São Paulo. Com a pretensão de seguir carreira veterinária, conseguiu transferência para a enfermagem dos animais. Depois de passar 10 meses, em 1901, seguiu a carreira de sargento, após entrar numa livraria e deparar-se com o livro "*A conquista do Pão*" do anarquista russo Piotr Kropotkin. Esta leitura lhe causou impacto, foi tanto que pediu baixa da Força Pública para dar início a sua militância libertária (NASCIMENTO, 2000).

De volta ao Brasil, começou a trabalhar como tipógrafo e fazer suas construções autodidatas. Ingressou nas lutas sindicais, greves, conferências,

ficando conhecido dentro e fora do Brasil. Com um forte poder argumentativo e de persuasão foi um militante de muito vigor. Sua atuação foi duramente reprimida pela polícia e pela política vigente. Suas deportações, devido ao seu envolvimento com as lutas sindicais e operárias foram muitas. Os maus tratos sofridos ao longo dessas deportações deteriorou a sua saúde, desenvolvendo uma gastrite, sendo um dos motivos de sua morte em 1947.

Participou de muitas comissões entre elas da comissão Pró-Ensino Racionalista, objetivando a disseminação de escolas de orientação anarquista. Nascimento (2000), registra ainda o fato do próprio Florentino de Carvalho ter influenciado toda sua família, criando na sua casa um centro de estudo e de disseminação das práticas anarquistas. Ele ainda dirigiu alguns dias a Escola Moderna nº 01 na ausência de João Penteado. No registro de Nascimento (2000) sobre o depoimento de Jaime Cubero³⁰:

Em depoimento, Jaime Cubero, militante anarquista que conviveu com conhecidos, alunos e familiares de Florentino de Carvalho, afirmou ter ele fundado várias escolas por onde andava: no interior de vários estados brasileiros e mesmo fora do Brasil. Rodrigues (181) registra ter sido ele fundador e professor da Escola Moderna do Brás e da Escola Nova na Móoca, ambas na capital paulista. Em outra obra Rodrigues (184) registra a criação, em 1915, da Universidade Popular da Cultura Racional e Científica pelos professores Antônio C. Pimentel, Saturnino Barbosa, Florentino de Carvalho e o Dr. Roberto Feijó, advogado (NASCIMENTO, 2000, p. 30-31).

A participação de Florentino de Carvalho foi ampla como apresenta Nascimento (2000). Colaborou com a fundação e manutenção da imprensa operária, publicando artigos, escrevendo livros, participando de conferências etc. Suas obras eram escritas em italiano, espanhol e português. Assim como os jornais, também dirigiu as edições de algumas revistas; escreveu vários livros que devido às ações policiais foram destruídos. Nascimento (2000), teve a oportunidade de analisar a obra *Da Escravidão à liberdade: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social* (1927). Nesse livro, foram percebidos, de acordo com Nascimento (2000), questionamentos relacionados à vida do trabalhador, condição social, educação, ciência, Estado etc. Vale ainda ressaltar, segundo Nascimento, as análises feitas por

³⁰Anarquista histórico e secretario geral do Centro de Cultura Social.

Florentino a Karl Marx e Frederic Engels, como importantes leituras para as ciências sociais (NASCIMENTO, 2000).

A atuação de Florentino de Carvalho foi fervorosa e enfrentou muitas resistências para a propagação de um pensamento anarquista. Das suas discussões sociais e políticas, darei ênfase as suas contribuições na educação. Florentino de Carvalho elaborou um pensamento pedagógico, partindo de uma ferrenha crítica ao modelo de ensino oficial. Esse modelo oficial baseado no militarismo, nacionalismo e nos preconceitos religiosos eram alvo das recusas do seu pensamento. Em contrapartida, ele definia os aspectos de uma educação racionalista, oposta ao preconceito e ao obscurantismo atrelado aos dominadores.

A cada segmento da sociedade, como por exemplo, a educação voltada para o militarismo, Florentino criticava, pois dizia ser essa prática um estímulo à violência. Do mesmo modo, Florentino de Carvalho criticava as imposições do segmento religioso com suas imposições dogmáticas. A partir da apresentação de Nascimento, Florentino de Carvalho tinha um posicionamento forte com duras críticas ao Estado e aos princípios autoritários na sociedade. Outro registro importante é sobre o ensino oficial, como principal causador dos preconceitos e instintos de raça na criança.

O Estado procura não educar, mas antes modelar as pessoas de modo a distanciá-las de um “desenvolvimento natural”, melhor preservando o “regime político ou religioso estabelecido”. Além disso, o ensino oficial produz em seus alunos uma série de “vícios e enfermidades” a saber: “pessimismo”, “tristeza”, “temperamento irascível”, “orgulho exagerado”, “presunção”, “ódio e desprezo ao estrangeiro”, “inclinação a ferir com gestos e com palavras a suscetibilidade de outrem, sentido prazer em irritar e humilhar”, inveja dos que gozam melhores regalias”, “falsa comiseração pela extrema pobreza que reflete a diferença de condições” (NASCIMENTO, 2000, p. 136).

Dando continuidade, darei ênfase a dois artigos de Florentino de Carvalho no Jornal A Plebe. O primeiro publicado em 1914, com o título *Necessidade do Ensino Racionalista (1914)*, nos apresenta a importância da educação. Florentino de Carvalho, nesse artigo, aponta a necessidade da criação de novos métodos de instrução e educação. Remete a pouca importância dada aos métodos de ensino. Segundo Florentino de Carvalho, sempre ouvimos muito falar da importância de se aprender, contudo são poucas as discussões sobre os métodos. Faz duras críticas

à maneira como os pais interferem na instrução do filho, direcionando a sua formação, pautada nos desejos deles e não no desejo dos filhos. Isso, conseqüentemente, servirá apenas para adquirir diplomas e aprender uma profissão. Florentino de Carvalho atribui ao Estado o desinteresse em educar um povo aos moldes racionalistas, desenvolvendo sua natureza para o aprendizado. O método racional tenta contemplar todas as espécies humanas. Já o Estado não aceita essas condições com receio de perder os privilégios.

De acordo com Florentino de Carvalho, o ensino oficial se esforça para incutir nas pessoas sentimentos de dever e de obediência. Com base em Auguste Comte, ele remete à influência desse pensamento na educação sob os moldes capitalistas. Diante desse contexto, com uma educação autoritária e exclusivista, surge outro fenômeno, a separação entre as classes. A escola oficial tende a proliferar preconceitos e sentimentos de desprezo, alimentando as más condutas dos alunos. Florentino de Carvalho é incisivo quando fala dos grandes malefícios causados pela escola oficial quando os pais colocam e obrigam seus filhos a receber a educação oficial. A proposta de Florentino de Carvalho era uma escola racionalista para a sociedade, por essa não fazer distinções entre classes e ainda ensinar as ciências a todos, como é proposta na natureza, sem diferenças.

A escola racionalista explica as ciências naturais sem preocupação de espécie alguma sem olhar as conseqüências, por que não há temor de que as verdades científicas venham prejudicar a felicidade humana. O fim da educação, segundo o racionalismo, não é o de favorecer um partido ou um regime político qualquer: seu fim é formar seres aptos para se governarem a si mesmos; não seres aptos para serem governados pelos outros (Spencer). [...] Para formar uma verdadeira cultura é preciso criar ao redor da infância um ambiente de justiça, de independência e de estética que a liberte dos vícios e dos preconceitos que adquire quando está em contato com os elementos de degeneração da sociedade presente. E não há dúvida de que, com esse método de educação se conseguirá formar homens mais equilibrados, mais sãos, mais racionais do que os que possam vir ao nosso campo, passando primeiramente pelas academias da corrupção e do fanatismo, cujos vestígios dificilmente desaparecem de uma forma radical (CARVALHO, 1914, p. 03).

A proposta de Florentino de Carvalho é unir as ciências sem distinções de saberes. Uma vez que a separação acentua as diferenças entre os saberes e os seres humanos. Para ratificar sua ideia, ele ainda cita o exemplo de como ensinar

um simples compêndio de geografia, mostrando aos alunos a fauna e a flora como riquezas dos diversos países, dando a entender que são desfrutadas por todos e não por uma parcela das pessoas. A ideia é facilitar o aprendizado do aluno, como forma de assimilação de conhecimentos, na intenção deles próprios adquirirem sua educação.

O segundo artigo, *Em torno da Educação*, publicado por Florentino de Carvalho em 1926, expõe, com um tom bastante crítico, a educação escolástica. Além disso, faz referência às influências de Auguste Comte na formação de uma educação ou sociologia científica pautada no ensino dogmático. Para ele, as crianças não têm tempo de aprender as verdades, por serem levadas às abstrações do ensino escolástico. Antes das crianças estarem preparadas para suas próprias análises, elas são condicionadas a aprenderem a síntese. Além disso, inculcam-lhes elementos da política, sociologia, teologia, educação cívica, encontrados nas lições dos livros dos ministérios de instrução. De acordo com Florentino, os continuadores da pedagogia escolástica acabam pervertendo os instintos da sociabilidade humana e da justiça. Jamais lembram-se de ensinar.

Veja-se por esse teor, a que Estado de aberração, de cansaço de anestesia intelectual e espiritual, são as crianças, os jovens, a população em geral levados pelas superfetações teológicas e metafísicas, princípios cardeais do tecnicismo pedagógico regente, honra e glória dos nossos chefes intelectuais e espirituais. O ensino, sob os auspícios da igreja ou do Estado, não tem competidor na destruição da natureza humana. O livro e o mestre, (sacerdote ou leigo), fazem mais estragos do que o canhão os gases asfixiantes. Não se pode imaginar maior violência, executada com estudados métodos e maneiras de mansidão e piedade (CARVALHO, 1926, p. 02).

Por fim, Florentino de Carvalho teve uma atuação marcante no início do século XX no Brasil e fora dele. Deixou um importante legado, no que diz respeito, a um pensamento crítico à educação oficial, mostrando a escola oficial como própria para inculcar e cultivar valores preconceituosos na sociedade. Florentino de Carvalho, em seus artigos, nos mostrou, com vigor a dificuldade da sociedade em se recuperar dessa formação tão embrutecida por parte do ensino Oficial. Não somente, João Penteadó e Florentino de Carvalho foram os contemporâneos de Maria Lacerda de Moura, a seguir, será mencionado outro nome importante, também preocupado com a formação educacional da sociedade brasileira.

3.3.3- Adelino de Pinho: professor da Escola Moderna Nº 02

Adelino de Pinho nasceu em Portugal, mas logo cedo veio para o Brasil, começando sua militância anarquista em São Paulo. Foi guarda-livros e depois professor. Colaborou na imprensa operária anarquista, no jornal *A Plebe*. Publicou um folheto intitulado “*Quem Não Trabalha Não Come*”, trabalhou na missão alfabetizadora e de emancipação social, cultural e humana. Tinha uma postura firme e falava com desembaraço, não rejeitava temas nem adversários ideológicos.

Desde a primeira hora impulsionou o movimento para a implantação do ensino racionalista de Ferrer no Brasil. Com João Penteado e outros anarquistas agilizou a campanha pró-escola moderna e em 1913 inaugurou a Escola Moderna nº02, com um vasto e inteligente programa libertário de ensino (RODRIGUES, 1994, p.45).

Adelino de Pinho teve uma participação importante nos meios operários. Entre os militantes que mais escreveram na imprensa anarquista, destaca-se João Penteado e Adelino de Pinho, mais precisamente na década de 1910, em São Paulo. Na breve contribuição de João Penteado, como foi citado, Adelino de Pinho foi professor da Escola Moderna Nº02. João Penteado e Adelino de Pinho foram os mais presentes na participação, fundação e na manutenção das Escolas modernas (SANTOS, 2009). São poucos os registros sobre a trajetória política, social e pessoal de Adelino de Pinho.

De acordo com Santos (2009), Adelino de Pinho e João Penteado ficaram responsáveis pelas Escolas Modernas de São Paulo. Esses ainda trocavam correspondências pessoais falando sobre as questões sociais e ainda problemas de saúde entre eles e amigos. Ainda sobre a contribuição dos registros de Santos (2009) Adelino de Pinho usava um pseudônimo chamado de Pinho de Riga, esse foi usado para a publicação de um artigo, cujo título era “*União e Instrução: Exórdio de uma palestra*”.

Nas correspondências de João Penteado, como citou Santos (2009), existe muitos diálogos com Adelino de Pinho. Esses diálogos tinham como prioridades as trocas de experiências sobre as atuações e as ações anarquistas realizadas por eles. Como por exemplo, quando registram sobre a Nossa chácara, como um

espaço próprio das reuniões desses libertários em prol da discussão sobre questões sociais (SANTOS, 2009).

Ouro registro de Adelino de Pinho é em Antonio Candido na sua descrição sobre “*Teresina e seus amigos*” (1996). Ao falar dos visitantes à casa de Teresina, o referido autor aparece caracterizado por Teresina como uma figura anti-fascista, menciona Adelino de Pinho como o professor da escolinha em Poços³¹, por muitos anos e ainda atuava nas escolas operárias e nas greves no começo do século, particularmente, em Campinas. A referência a Adelino de Pinho era de um português do Norte, explosivo e ainda moço, teria sido torneiro e ainda autodidata. Chegou a publicar diversos opúsculos e colaborar com abundância nos jornais libertários; leitor de Buckle e Spencer, além dos clássicos anarquistas; adotava as concepções da teoria do apoio mútuo e acreditava ser a questão social algo relacionado à moral, e não da luta de classes (CANDIDO, 1996).

Adelino de Pinho fala da educação num artigo publicado no periódico, *A vida em 1915, A Escola, prelúdio da Caserna (1915)*. Nesse artigo, Adelino de Pinho tece algumas críticas ao ensino Oficial, quando menciona o estímulo das escolas oficiais na preparação das crianças para serem soldados. O próprio título já indica a comparação feita a escola como caserna, ou seja, sala de quartel.

De acordo com ele, o ensino oficial se ocupava apenas em encher de fórmulas as cabeças das crianças e ainda ensinar-lhes as fronteiras entre os povos como o estrangeiro e inimigo. “Os professores primários transformaram-se numa espécie de instrutores de soldados e a escola surgiu como uma ante-sala do quartel” (PINHO, 1915, p.01). Sua crítica ainda aparece com um tom de alerta, quando fala do uso da educação pelos governantes para transformar as escolas infantis em instrumentos de domínio. E, nesse instante, Adelino de Pinho clama com urgência a necessidade das Escolas Racionais.

[...] onde as mentes infantis desabrochem e se desenvolvam livres de toda opressão e de toda imposição. E se queremos desejamos e aspiramos um mundo melhor onde todos gozem a alegria de viver, satisfeitos da vida e libertos da fome, da opressão e da ignorância bestial; se queremos edificar esse belo monumento, “a escola, - a Escola Racional – é o Pedestal! (PINHO, 1915, p. 01).

³¹ Poços de Caldas – Minas Gerais.

Logo, depois do governo mandar fechar as Escolas Modernas de São Paulo, Adelino de Pinho publica um artigo com uma crítica ainda mais feroz, apontando outras peculiaridades do seu pensamento. Com o título *A Escola Moderna ou Racional* publicada em 1920, ratifica a importância da instalação das Escolas Modernas, tenta mostrar à sociedade a importância da Escola moderna como veículo de mudança social. Mesmo com essa importância, foi fechada no Brasil pela oficialidade política e religiosa da época.

Um fato curioso mencionado por ele foi sobre a liga Nacionalista, no intuito de acabar com analfabetismo. Não protestou quando quiseram fechar as poucas existentes. Mas, de acordo com Pinho, a Escola só poderia ser aceita, se ela fosse instrumento de fortalecimento da burguesia, caso isso não acontecesse às ordens seriam baní-las. Nesse sentido, Adelino de Pinho chama a atenção dos trabalhadores para lutarem em prol de uma instrução digna. “Do seu próprio esforço, de suas íntimas energias, com o seu único sacrifício é que poderão os operários encaminhar-se para a estrada que os conduza ao ataque e esfacelamento dessa sociedade” (PINHO, 1920, p.04). Essa chamada aos trabalhadores por Adelino de Pinho, aponta para um elogio aos trabalhadores espanhóis, reunidos em congresso da Confederação Geral do Trabalho, para resolver o problema da instrução. Com esse artigo, ele tenta despertar os trabalhadores brasileiros. E essa comissão elaborou alguns pontos necessários para o debate sobre a importância da instrução. Entre eles, podemos citar a preparação de professores ou camaradas para atuarem no ensino libertário, e ainda a ajuda moral e material dos sindicatos.

O congresso, depois de acordar que se executar o já exposto, se encarregue a liga dos professores racionalistas, decide mais: < Que os sindicatos que tenham forças e meios para o fazer, instituem imediatamente essas escolas e que tanto o comitê pró-instrução como os sindicatos ao abrir essas escolas, tenham em conta as normas naturais e lógicas do ensino, devendo limitar o número de alunos; que as escolas reúnam todas as condições de higiene, ventilação e alegria necessárias e que os professores sejam retribuídos de forma que não tenham que recorrer a outras ocupações para poder viver com decoro (PINHO, 1920, p. 04).

Portanto, os elogios feitos por Adelino de Pinho à iniciativa desses trabalhadores na Espanha mostra de fato sua preocupação com a instrução dos trabalhadores e ainda enaltece a clareza e a coesão expressa por esse documento redigido pelos trabalhadores. A leitura dos artigos de Adelino de Pinho, mostra, de

fato, sua revolta e preocupação em deslocar a sociedade. Esse deslocamento seria para a sociedade não se curvar diante dos problemas da época, como por exemplo, o fechamento das escolas modernas.

A falta de instrução na sociedade era uma constante nas críticas feitas pelos três professores mencionados. Essas críticas também estão presentes nos trabalhos de Maria Lacerda de Moura. A falta de instrução, o autoritarismo e o conservadorismo atuavam na condição de vida e de trabalho, da mulher e do trabalhador. Para melhor apresentar essa questão, passarei agora a discutir a situação da mulher no Brasil no início do século XX.

3.4- A sociedade e a mulher

Durante longos anos, a mulher foi impelida à condição de frágil e sem inteligência suficiente para encarar as questões sociais. A história sobre a figura feminina vem tomando proporção. Os estudos são realizados por muitos especialistas no campo do gênero e essas pesquisas sobre as figuras femininas sugerem nomes exaltando essas mulheres colocando-as como a “história de vencedores” ou deixando algumas como Maria Lacerda de Moura fora do campo da oficialidade, como as esquecidas ou as que não venceram.

A história oficial da contribuição feminina nas lutas políticas e sociais omite certas figuras importantes para a constituição das lutas das mulheres. Muitos dos movimentos, instaurados no Brasil no início do século XX, tinham como personagens as mulheres. A contribuição dessas mulheres não deve e nem pode ficar apenas no campo da história, uma vez que trata de contribuições pertinentes para as ciências sociais, como é o caso de Maria Lacerda de Moura.

A falta de visibilidade política e social dada pela história oficial às mulheres libertárias no início do século do século XX omite certos momentos importantes de lutas dessas figuras. Maria Lacerda de Moura é uma dessas figuras desconhecida na literatura oficial. Eram mulheres que sonhavam, experimentavam e lutavam por melhores condições de vida. Devido a isso, existe ainda muito material a ser pesquisado sobre as lutas dos libertários, principalmente com a participação feminina. No entanto, a efetiva colaboração dessas mulheres anarquistas no início do século XX foi possível, apesar de tanta repressão. Essas mulheres foram

exemplos, como Maria Lacerda de Moura, por darem suas contribuições, ideias e atuações junto ao movimento e aos seus companheiros que ajudaram a promover manifestações, greves e outras efervescências no campo das culturas sociais.

A literatura oficial muitas vezes omite a contribuição das mulheres libertárias nos movimentos sociais. Na constituição da história oficial sobre as lutas femininas não faltam nomes como Nísia Floresta e Bertha Lutz, e suas lutas desde o sufrágio universal às conquistas trabalhistas.

Nas primeiras décadas do século XX, mulheres operárias – muitas delas anarquistas – anarquistas lutaram no meio político e sindical, reivindicando seus direitos de trabalhadoras, paralisando fábricas ou mesmo se manifestando politicamente nas ruas, resistindo ao assujeitamento cotidiano em que viviam (SOARES, 1925, p. 284).

Essas mulheres atuantes no movimento operário deixaram sua voz, por meio de seus pensamentos intempestivos, escrevendo artigos e contestando sua situação social. Dentre as diversas mulheres da época, Maria Lacerda de Moura deve ser mencionada por ser uma escritora anarquista fervorosa e crítica. Com ousadia, a escritora teve um papel importante no movimento operário e feminista. A atualidade do seu pensamento é pertinente para as questões sociais. O pensamento de Maria Lacerda de Moura foi importante por denunciar, através das suas obras e artigos, a opressão vivida pelas mulheres em geral. Existem registros sobre a fundação em 1921 de uma federação chamada de FIF – Federação Internacional Feminina (SOARES, 2008).

A mulher, no Brasil, no início do século XX, estava cercada de preconceitos. A condição feminina aparecia associada aos temas como raça, educação, sociedade, entre outros. Esses temas estavam em discussão, em relação ao papel da mulher na sociedade. Esses eram temas relevantes para as mulheres preocupadas com a condição feminina na época. A intenção era dispor de elementos que despertassem a sociedade para perceber os preconceitos e problemas enfrentados pela mulher. Desse modo, a proposta era mostrar à sociedade às questões de submissão enfrentadas pelas mulheres na sociedade (HAHNER, 1978).

A mulher também foi abordada na época por algumas literaturas de modo reducionista. Autores da época atribuíam à figura feminina fragilidade a partir de uma definição da anatomia humana, constituindo, nesse sentido, uma naturalização da condição feminina apresentada como inferior. A sociedade da época tendia a

atribuir à figura feminina comportamentos estereotipados, dando à mulher uma imagem inferiorizada e doméstica, impondo-lhe restrições, uma vez que a sociedade da época e seus ditames tentavam enquadrar a mulher num molde, tendo como referência os valores sociais tradicionais. Algumas Literaturas marcam o início do século XX com justificativas baseadas na concepção biologizante. Alguns atribuíam à mulher uma única função, a de reprodução na sociedade, fazendo, desse modo, uma leitura pautada nas definições da biologia na intenção de atribuir aspectos da sua estrutura orgânica como pontos de inferioridade. No livro de Maria Lacerda de Moura, *“A mulher é uma degenerada”* (1924), ela critica o médico psiquiatra Miguel Bombarda, por mencionar a inferiorização da mulher a partir do seu aparato físico e anatômico. Essa e outras leituras sobre a mulher foram uma constante, principalmente, no período da formação das ciências sociais no Brasil, definindo a mulher a partir de comportamentos estereotipados (SOIHET, 1989).

As formas de experimentos libertários instaurados no Brasil tiveram como foco a condição da mulher na sociedade. O caso da colônia Cecília que apresenta o amor livre e a condição da mulher na sociedade narrada sobre a vida de três personagens: Aníbal, Eleda e Cardias. Com essa história se instaurava a proposta libertária sobre o amor livre na sociedade, (tema discutido por Maria Lacerda de Moura em *“Religião do Amor e da Beleza”* em 1926). Essa colônia tinha como propositor pensar nas novas concepções libertárias de amor. Além disso, era uma reflexão polêmica na época envolvendo temas como o amor livre e as relações familiares (ROSSI, 2000).

Maria Lacerda de Moura se colocava diante desses questionamentos a fim de despertar a mulher para a sua emancipação. Assim como a autora mencionada, outros libertários tinham a preocupação de despertar na mulher novas possibilidades de experimento de vida, deixando de lado o conservadorismo imposto pela igreja (ALBERT, 1980).

Portanto, os libertários lutavam por melhores condições de vida tanto para a mulher como para os operários. A luta era pela emancipação de ambos ou pela emancipação humana. Logo, os laços de conservadorismo, autoritarismo e tradicionalismo eram impostos à sociedade e deveriam ser negados para a libertação da figura feminina (UTOPIA, 2004). Mesmo diante das adversidades, a história política e social da mulher era uma preocupação das libertárias no Brasil.

Continuando essa discussão, centrarei a contribuição de Maria Lacerda de Moura no próximo capítulo, dando ênfase a sua vida e obra.

4 - MARIA LACERDA DE MOURA: VIDA E OBRA

Nunca tive a covardia de esconder o pensamento no côncavo da mão ao invés de deixá-lo escoar-se pela Penna. É possível que eu tenha contradições (como todos têm), que eu erre (nem sou infalível como ninguém é), que eu seja sensível de mais e que a razão me governe menos que o coração, e, posso dizer ainda: todos são governados pelo sentimento (MOURA, 1919, p. 232).

Esse capítulo apresentará a vida intelectual e social de Maria Lacerda de Moura (1887-1945). Citação retirada de uma obra da autora publicada em 1919, pela editora TYP, cujo título é “*Renovação*”. Essa é uma das suas primeiras obras ainda escrita no período em que vivia em Minas Gerais. Essa epígrafe remete, de modo incisivo, as aspirações da professora e militante do movimento operário. O capítulo anterior nos ajudou a situar a efervescência da época vivida por Maria Lacerda de Moura, contudo compreender o período de atuação de um autor ajuda a entender a ambiência vivida e suas influências. Nessa citação percebe-se como a escritora expressa seu posicionamento e se coloca diante das questões sociais. O tema citado explica boa parte das intenções da professora e da forma como ela expõe seu pensamento. A epígrafe demonstra a ousadia de uma figura feminina frente a um período de extremo conservadorismo, autoritarismo e repressão às práticas contrárias à política da época.

O pensamento de Maria Lacerda de Moura é atravessado por uma ambiência de efervescência social. Seu debate se insere num despertar da figura feminina para sua condição de opressão na família, na sociedade e nas fábricas. Não somente a mulher, como também o trabalhador que sofria com o autoritarismo na época.

Diante disso, esse capítulo trata de apresentar um pouco de quem foi Maria Lacerda Moura, incluído sua trajetória política e social, mediante a sua produção intelectual. Logo em seguida, será apresentada, de modo sequencial, a reflexão de algumas das suas principais obras, a fim de proporcionar um conhecimento geral das prioridades de Maria Lacerda de Moura no âmbito da sua discussão social. Essa breve revisitação em algumas das obras da autora ajuda a compreender sua discussão em torno da importância da educação e de outros temas para a formação da sociedade.

4.1– Trajetória social, política e intelectual no contexto Brasileiro.

“A felicidade dos homens depende mais de uma força interior, do esplendor do espírito esclarecido, do que de reformas, de leis, de mudanças de formas de governos” (MOURA, 1925, p.34).

Essa epígrafe retrata bem o posicionamento da professora, escritora e militante do movimento operário no início do século XX. Dessa citação, pode-se compreender como a professora menciona o poder dos homens e incita a refletir sobre a sua própria felicidade. A conduta do homem e suas formas de vivência dependem mais do próprio homem do que das leis, reformas e formas de governos. Mas, de fato, quem foi Maria Lacerda de Moura? Essa é uma pergunta frequente quando nos referimos ao pensamento social da autora (1887-1945). Partindo-se dessa indagação, será exposto em algumas linhas, sua trajetória política, social e intelectual.

Primeiramente, foi filha, irmã, professora e militante contribuinte da imprensa e do movimento operário no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Nasceu em Manhuaçu e aos 4 anos, pai, mãe, irmã e irmão, transferiram-se para morar em Barbacena - Minas Gerais, onde seu pai conseguiu um cargo de oficial no cartório e sua mãe fazia doces para vender. A escolarização de Maria Lacerda de Moura começou pela escola de freiras do asilo da cidade. Aos 12 anos, foi matriculada na escola Normal Municipal de Barbacena. Aos 21 anos casou-se com Carlos Ferreira Moura, mas não teve filhos, por ser estéril. Atuava como professora. Aos 25 anos adotou um sobrinho chamado de Jair e Carminda, uma órfã carente e aos 31 anos lança “*Em torno da Educação*”³², entre crônicas e conferências e aos seus 34 anos marca sua saída de Barbacena para São Paulo (LEITE, 1984, p. 04).

A mudança para São Paulo a inseriu em movimentos feministas e outras associações. Em seguida, colaborou com uma revista chamada Renascença (1923) de São Paulo. Enfim, dos seus 34 anos até os 58 anos, quando vem a falecer, sua atuação foi precisa e muito requerida por intelectuais e movimentos da época. Sua última fase representou o período de maior contribuição intelectual, se colocando diante de diversos temas sociais. Enfrentou governos autoritários e repressivos, como foi o período da Era Vargas (1934-1937) mais efetivamente. A partir desses

³² Esse foi o único livro não visitado, por não ter o encontrado.

breves apontamentos darei visibilidade à história social de Maria Lacerda de Moura nesse período.

Maria Lacerda de Moura não se intitulava anarquista³³, propriamente dita. “Até agora não me filiei a partido algum procuro libertar-me de qualquer entrave para melhor desenvolver em mim largo ecletismo e pregar os meus ideaes” (MOURA, 1919, p. 232). Com um posicionamento típico de alguns anarquistas, recusava ser enquadrada a campos ideológicos, mas é possível compreendê-la como anarquista nas suas veementes críticas aos princípios de autoridade, opressão e as leis. Vejamos a proposta da autora na educação da criança. “Ensinemo-las a pensar na união de todos os povos sem distinção de crenças, de raças, de sexos ou casta sociais” (MOURA, 1922, p.10).

Vivenciou um período de efervescência política, social e econômica, seguido de acentuadas perseguições. Um período marcado pelo autoritarismo e conservadorismo, principalmente em relação à figura feminina. Foi uma importante contribuinte entre os intelectuais brasileiros do início do século XX e hoje é esquecida nas discussões daqueles que contribuem para a formação da sociedade brasileira. Refletir sobre a vida e a trajetória de Maria Lacerda de Moura é pensar nas suas tendências e aspirações difundidas até os dias de hoje. Muito dos temas já abordados por Maria Lacerda de Moura, entre as décadas de 20 e 30 só vieram tomar proporção nos estudos da década de 60 no campo das ciências sociais.

Ela era filha de pai anti-autoritário e espírita convicto, como é narrado no filme, “*A trajetória de uma rebelde*”³⁴. Esse vídeo elaborado por estudantes de antropologia visual da USP foi feito a partir de adaptações da tese de Miriam Moreira L. Leite. Esse vídeo etnográfico contribui com a apresentação da leitura de Leite sobre o pensamento social de Maria Lacerda de Moura.

Contudo, são poucos os registros de pesquisas sobre o pensamento social de Maria Lacerda de Moura, uma vez que traz na sua leitura uma expressiva contribuição sobre a questão social no Brasil no início do século XX. Suas obras, entre livros e conferências eram esperadas em países da América do Sul e na Europa. Foram treze livros publicados e oito conferências com os seguintes títulos: *Em Torno da Educação* (1918), *Renovação* (1919), *A Fraternidade e a Escola* (1922), *A Mulher Hodierna e o Seu Papel na Sociedade* (1923); *A Mulher é Uma*

³³ Nesse estudo, considero os termos “anarquista” e “libertário” como sinônimos, empregando-os sem distinções.

³⁴ Filme de 33 minutos, gravado pelo departamento de antropologia visual da USP, dirigido pela pesquisadora Miriam Lifchitz Moreira Leite.

Degenerada? (1924), Lições da Pedagogia (1925), Religião do Amor e da Beleza (1926) De Amundsen a Del Prete (1928), Han Ryner e o amor no plural (1929), Civilização, tronco de Escravos (1931) Amai-vos e não vos multipliqueis (1932) Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denúcio! (1933), Clero e Fascismo, horda de embrutecedores (1934), Fascismo – filho dileto da Igreja e do Capital (1934), O Silêncio (1944), e outros.

Foi vasta a contribuição de Maria Lacerda de Moura na imprensa operária, pois escreveu diversos artigos, envolvendo as mais variadas temáticas da época. Temas relacionados à raça, à condição da mulher, da criança e do operariado eram discutidos pela autora. Alguns registros no Jornal A Plebe³⁵ marca a sua contribuição na imprensa operária. Foram essas obras como: Espiral (1932), Direitos Civis e Politicos á mulher (1933), As Imunidades do Clero (1932) e A Legião Negra com cinco artigos todos publicados em 1933. Sua contribuição e seu respaldo político e intelectual no Brasil, no início no século XX, é inegável.

O trabalho de Sanchez (1991), com registros sobre as escolas modernas no Brasil no início do século XX, faz referência a participação de Maria Lacerda de Moura com a fundação de uma Escola em Minas Gerais. De acordo com o autor, com o nome escola racionalista moderna, Maria Lacerda de Moura, trabalhou aplicando o método racionalista de Ferrer. Sanchez ainda aponta para a relação de Maria Lacerda de Moura com João Penteadado, ambos com interesses nas discussões pedagógicas. “No cabe duda de que esta mujer fue una profesora por vocación que rechazó hacer carrera burocrática en el magisterio, optando siempre por mantenerse fiel a la defensa intransigente de los menos favorecidos” (SANCHEZ, 1991, p.434).

Outro registro importante sobre a contribuição de Maria Lacerda de Moura foi na participação de uma revista na época. Juntamente outros intelectuais importantes discutiram sobre o tema anti-semitismo. Com o título Por que ser Anti-semita? Um inquérito entre intelectuais, publicado em 1933, pela editora civilização brasileira, retrata discussões sobre o semitismo, tendo inúmeros brasileiros como colaboradores: A. C. Pacheco e Silva, Afranio Peixoto, Alfredo Ellis Junior, Afonso Schimidt, A. Grieco, Americo R. Netto, Antonio Piccarlo, Baptista Pereira, B. Freitas, C. Campos, Coelho Netto, Decio Ferraz Alvim, Evaristo de Moraes, Galeão Coutinho, Gilberto Amado, Humberto de Campos, Hermes Lima, Jayme A., José Mendonça,

³⁵ O jornal A Plebe foi um dos mais reconhecidos entre os anarquistas sofreu várias intermitências, resistindo de 1917 a aproximadamente 1945.

Maria Lacerda de Moura, Menotti Del Picchia, M. Paulo Filho, Nelson T. de Oliveira, Oduvaldo Vianna, Origenes Lessa, Orlando Rocha, Paulo M., Plinio Barreto, Pinheiro G., Raul de Plillo, S. C. Pintaudi, Sampaio Ferraz, Silveira Bueno, Solidonio L. Filho. W. Belfort Mattos.

Dos trinta e cinco colaboradores, Maria Lacerda de Moura é a única mulher com um artigo cujo título é “Escuta Israel!...”. Esse artigo da autora está dividido em momentos sobre a reflexão da Alemanha Nazista e o posicionamento de Hitler. Suas críticas são contra o nazismo e atribuindo à guerra a destruição da humanidade. Esse artigo foi escrito no período que antecede a segunda grande guerra mundial. Nas suas críticas, mostrou as distinções feitas por Hitler para massacrar os judeus. Vejamos como ela retrata o envolvimento de Hitler com um judeu.

Alguns dos últimos telegramas confirmam-no. Nas sindicâncias na casa Morgan, segundo denuncia do senador americano Reynolds, entre os “fregueses privilegiados” está Mussolini... Outro telegrama ainda mais interessante, si possível, é o que se refere às relações de Hitler com judeus milionários: “Berlin, 3 (H.) – O Sr. Adolfo Hitler deixou esse capital para visitar Colonia e Goldenberg. É provável que o chanceler tenha ocasião de se encontrar durante a viagem, com o barão Schroeder, afim de conferenciar sobre questões financeiras referentes à situação interna e externa.” O barão Schroeder é banqueiro judeu barão Stein que voa Papen e os facistas alemães tramaram o assalto ao governo. Está certo. Hitler é contra o “judeu sem dinheiro”... (MOURA, 1933, p.44).

Diante dessa discussão a autora remete à questão da superioridade das raças, um tema discutido nas ciências sociais na época, dando evidência a distinção racial dos indivíduos pregado por Hitler. E o livro de Hitler aparece como o despertar do troglodita na interpretação de Moura. Hitler está a serviço da Internacional Armamentista, e isso estaria associado, de acordo com Moura, ao segredo da supremacia da raça. “O nacionalismo a serviço da Internacional do crime” (MOURA, 1933, p.47). Nisso, Maria Lacerda de Moura afirma a existência de “raças históricas” ou “raças sociais” inventadas por sábios de gabinete preocupados em analisar os judeus como raça inferior, e essa é uma concepção que a autora recusa totalmente acrescentando da seguinte maneira.

A humanidade devia orgulha-se de um povo que se perpetuou por entre rios de sangue e labaredas inquisitoriais, afirmando-se no credo, na sua fé, no seu ideal. E o povo de Israel colocou-se em primeiro plano no mundo das idéias. Os dois nomes mais altos do pensamento científico moderno- Einstein e Freud – desafiam os

séculos e a caricatura servil dos Hitler da ignorância e da crueldade sádica do fascismo – herança ancestral do homem prehistórico (MOURA, 1933, p.51).

Essa revista composta por tantos intelectuais e com a contribuição de Maria Lacerda de Moura mostra como ela compartilhava seu pensamento com muitos intelectuais reconhecidos na época. E, Hoje encontra-se sem nenhuma notabilidade, nas pesquisas sobre a história social brasileira. Visto que, algumas pesquisas já existentes, de um modo geral, só expõem um determinado ângulo dos acontecimentos da sociedade brasileira, nessa época.

A própria pesquisa de Miriam Moreira Lifchitz Leite tem certos pontos de comprometimento quando se refere a análise do pensamento de Maria Lacerda de Moura. Leite menciona o afastamento da autora e o seu silenciamento como uma decisão própria de Maria Lacerda de Moura, sem levar em consideração as adversidades vividas pelo contexto da mesma. Enfim, a trajetória política e intelectual da autora foi marcada por muitas contradições relacionadas ao período. Diante da vasta contribuição de Maria Lacerda de Moura no Brasil, segue uma breve apresentação de algumas das suas obras entre publicadas entre 1918 e 1933 com ênfase na educação.

4.2 – Breve discussão de algumas das suas obras: Atuação intelectual.

Depois de ter mencionado um pouco da vida de Maria Lacerda de Moura, farei breves apontamentos sobre algumas das suas obras. Esse momento será apenas para dar maior visibilidade sobre as temáticas abordadas pela autora. Mulher audaciosa, preocupada com a condição da mulher frente às questões da vida do operário, da mulher e da educação elaborou uma contribuição considerável. Cabe ainda ressaltar não ser possível conhecê-la totalmente a partir de breves apontamentos das suas obras, uma vez que seu pensamento é amplo, não sendo passível de redução.

Essa é uma das preocupações desse trabalho: não limitar o pensamento da autora. Nesse momento, apontarei em ordem cronológica, breves considerações de algumas das suas obras. A autora produziu muito foram mais de treze livros publicados, oito conferências e uma revista chamada de Renascença, além da sua contribuição em vários jornais como: o Combate, a Lanterna, a Plebe, a Tribuna, a

Vanguarda entre outros. Seus livros eram esperados no Brasil, Argentina, México, Uruguai, Espanha, e França. Seus exemplares ultrapassavam mais de 5.000 cópias, reeditados diversas vezes como foi o caso de Amundsen Del Prete. Foram muitos os temas abordados por ela entre tantos estão: educação, mulher, criança, movimento operários, cuidado com os animais, ciência, saúde, religião, política, sexualidade, maternidade consciente entre outros.

Das várias publicações da autora menciono algumas com enfoque na condição da mulher e na educação, em ordem cronológica foram elas: *Renovação*, (Porque Vence o Porvir? ambos publicados em (1919); *A Fraternidade e a Escola* (1922); “*A Mulher é uma Degenerada*” (1924); *Clero e Estado, Civilização tronco de Escravos* ambos publicados em 1931; e *Serviço, obrigatório Militar para mulher? Recuso-me, Denuncio!* (1933).

4.2.1 – Renovação

O primeiro livro publicado pela autora foi *Em torno da Educação* (1918), não sendo possível sua análise por falta de arquivos. Já *Renovação*, publicado pela editora Typ, em 1919, trata-se de um livro com as primeiras críticas da autora em relação aos problemas sociais. É importante levarmos em consideração o período da publicação desse livro, atravessado pela Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918). Além do intenso período antecedente à guerra, eram sentidos os impactos da modernidade e conseqüentemente da ciência na sociedade. Nessa obra em particular, há um enorme apelo à condição feminina e seu despertar, por meio de uma educação racional.

A autora ainda faz nessa obra, duras críticas aos chamados “ícones da modernidade (MOURA, 1919, P.144)”, como por exemplo, o cinematógrafo³⁶. Para a autora, além do cinematógrafo poder reforçar os valores sociais estabelecidos, esse objeto também poderia causar problemas na visão da criança. Nesse instante, ainda são debatidas, de maneira muito forte a condição da mulher na vida doméstica e no trabalho. Procurou a partir desse trabalho, despertar a mulher para sua

³⁶ Sem querer tirar a originalidade da autora cinematógrafo é cinema.

responsabilidade social, vendo o processo educacional como fundamental na sua emancipação.

Nesse livro, são diversos os pensadores citados pela autora, tais como Platão, Spencer, Tolstoi, Kropotkin, Maria Montessori, Ferrer, entre outros. Vejamos como Maria Lacerda de Moura remete a condição da mulher diante da sociedade e da vida operária.

A mulher poderia influir muitíssimo para que as condições do proletariado se modificassem, para que os meios higiênicos robustecessem-lhe o corpo e a inteligência, e a instrução sólida lhe fosse ministrada a fim de fazer desaparecer, o mais rapidamente possível, essa desigualdade social (MOURA, 1919, p. 144).

Notamos a indignação da autora na intenção de tentar despertar a mulher da sua condição de oprimida na sociedade. O despertar dessa mulher passiva seria fundamental para a sociedade, já que a mesma desempenha um papel importante na família e na sociedade. Ela não dá primazia apenas à mulher, mas a percebe como uma figura mais presente, tanto na família como na sociedade. O despertar feminino, segundo a autora, é da sua condição letárgica sob os ditames do patriarcado e da religiosidade no período. A educação já aparece nessa discussão como um dos elementos fundamentais para emancipação feminina. Faz ainda críticas a alguns aspectos da modernidade, tais como o álcool, o tabaco e as doenças sociais. Agora Darei continuidade as breves elucidações falando sobre uma conferência da autora publicada como livro, em 1919.

4.2.2- Porque Vence o Porvir?

Trata-se de uma conferência proferida em 1919, que foi realizada a partir de um tema sugerido pelos operários. Essa conferência foi do mesmo ano de publicação do livro anterior. Nesse opúsculo a autora propõe a recusa de uma sociedade autoritária, tendo como foco principal a figura do operário e o seu cotidiano, procurou assim tentar despertá-lo para a luta em favor da sua emancipação social. Esse texto em especial trata da condição da luta pela existência do operariado. No decorrer da leitura, percebo seu discurso como preocupação principal com as condições de trabalho do operário.

Nesse sentido, a autora aponta a educação como um dos meios primordiais para a libertação social do trabalhador. Além disso, assinala a ignorância do operário como um instrumento chave para a sua escravidão e também para a ambição dos patrões na época. Sua crítica se situa justamente nas péssimas condições de vida e de trabalho, propondo assim um rompimento imediato com os costumes tradicionais hierarquizados. Enfim, a educação vem para a autora como um caminho importante tanto para a classe operária como para a humanidade.

E vence o porvir porque o ideal novo rompe sem que tenhamos tempo de obstar à sua marcha evolutiva. Vence porque o operariado se levanta entoando avante o cântico máximo da liberdade (MOURA, 1919, p.19-20).

A autora nos revela uma sociedade com uma classe de trabalhadores em constante transformação. E essa dinâmica torna os operários mais fortes para atuar perante sua emancipação social. No entanto, devemos levar em consideração a educação como um fator preponderante. Vejamos agora outra conferência e suas expectativas em relação à escola.

4.2.3- A Fraternidade e a Escola

Também trata-se de uma conferência proferida em 1922. O tema de inspiração da autora para a elaboração desse texto foi o da Revolução Francesa: Liberdade, igualdade e fraternidade. Tendo como base as grandes revoluções, a autora mostra fraternidade humana como algo primordial e rompe com a concepção da escola oficial. Vendo a escola oficial como dogmática, sem o estímulo ao pensamento crítico do aluno, permitindo ainda a difusão do preconceito, alimentando conservadorismos e inculcando valores relacionados a preconceitos, nacionalismos e entre outros.

Responsabiliza o atraso na educação ao autoritarismo. Para ocorrer uma mudança seria preciso uma transformação radical na educação. Logo, a autora, assim como outros libertários da sua época, percebiam a educação como elemento propulsor da transformação social. “Só a educação remodelada poderá operar esse fenómeno, acumulando heranças, pacientemente para legado mental de novas gerações” (MOURA, 1919, p.22).

A proposta da autora nesse trabalho é despertar as mentalidades para a luta social. Ao criticar os tradicionalismos tenta despertar a própria sociedade contra os ditames da época. A seguir, mostrarei outro tema abordado pela autora e de grande polêmica por ser uma expressão religiosa.

4.2.4- “A Mulher é uma Degenerada”

Essa obra foi publicada um ano antes do livro Lições de Pedagogia (1925). Livro foco desse trabalho. “A mulher é uma degenerada”, representa um ponto forte no que diz respeito à constituição do pensamento de Maria Lacerda de Moura. Esse texto representa o período de atuação de muitos intelectuais brasileiros em relação às questões sociais, tendo como ponto de partida a crítica a Miguel Bombarda, médico psiquiatra. Em sua obra “A Epilepsia e as Pseudo Epilepsias” (s/a), Miguel Bombarda aborda a mulher a partir da perspectiva positivista lombrosiana vendo-a como inferior. Diante dessa consideração, “A mulher é uma degenerada”, entre aspas é uma refutação ao pensamento desse médico.

Para fundamentar sua crítica, a autora recusa uma série de campos de conhecimentos usados por intelectuais para inferiorizar a mulher. Sua recusa se situa nos determinismos, tanto biológico, como econômico. Esse livro retrata as críticas feitas sobre a concepção de raça e da figura feminina naturalmente subalterna. Sendo esses fatores explicados na época por alguns intelectuais a partir das marcas da anatomia humana. É importante lembrar a constituição das ciências sociais no Brasil, em meio a essa ambiência, marcadamente atravessada pelo cientificismo.

A autora mostra sua indignação em relação às teorias positivistas do psiquiatra. Sua proposta é despertar, não somente a mulher, mas também a sociedade e os próprios intelectuais por projetarem preconceitos sociais. Sua crítica se situa no fato da ciência não ser usada em proveito das diferenças, assinalando nesse sentido, para uma ignorância social. Sua recusa é pelo uso da ciência na propagação de preconceitos na época. A proposta da autora é fazer perceber a existência de um bem universal, o qual faz de ambos os sexos seres universais.

É preciso abrir os olhos da mulher, embora mesmo ela nos queira mal por isso, vendo em nós intelectuais talvez perigosas concorrentes [...]. É preciso sonhar mais alto ainda e abranger todo o

feminino no mesmo laço de igualdade social, no mesmo anseio para a fraternidade universal (MOURA, 1924, p. 12).

Nesse texto a autora recusa qualquer tipo de determinismo fundamentado no cientificismo. Além de recusar a ideia preconceituosa de raça (RODRIGUES, 1988) na época, também negou o uso da ciência para colocar a mulher como inferior ao homem. Para ela, as teorias que fundamentavam a mulher, dessa forma, eram insustentáveis e preconceituosas. A proposta da autora é perceber homem e mulher como complemento e não com assimetrias. Com isso, a educação feminina era fundamental diante desse contexto político social.

4.2.5- Clero e Estado

Esse livro foi publicado pela autora em 1931, aqui a autora dá continuidade a suas críticas ao fascismo, a igreja e ao Estado. Sua proposta era mostrar a igreja e o Estado de mãos dadas executando os mesmos intuitos e propagando o fascismo. É um texto intenso, repleto de críticas à igreja, mesmo sabendo que nesse período o clero exercia grande influência na sociedade, a autora situava suas indignações de modo destemido.

Quando na minha pátria o clero se intromete nos negócios públicos e pretende dominar e tiranizar – devo protestar, devo resistir – em nome do livre pensamento em nome da consciência livre. Somos a ponte entre duas épocas. Somos o marco entre duas civilizações. O silêncio, agora é a conveniência (MOURA, 1931, p.05).

A autora foi bastante criticada pela sua postura e pela suas denúncias. O fascismo muito latente no Brasil, nessa época, é apresentado pela autora como repressor e junto aos ditames da igreja, ela tenta deslocar a sociedade para entender a junção entre esses dois segmentos de opressão social.

4.2.6 - Civilização tronco de escravos

Esse livro que foi publicado pela autora em 1931 representa um marco no seu pensamento em relação à crítica ao cientificismo. Trata-se também de um dos

únicos exemplares em defesa dos animais. Da mesma forma como a autora usou de alguns pretextos e acontecimentos para evidenciar suas críticas nos seus livros “*De Amundesen a Del Prete*”, e “*A mulher é uma Degenerada*”, nesse também ela toma como ponto de partida as pesquisas científicas de Voronoff, um cientista centrado em experimentações com animais na busca de glândulas rejuvenescedoras.

Cada descoberta científica é nova fonte conflitos internacionais, tudo concorrendo para liquidar mais depressa o gênero humano. Nesse momento, todos os grandes laboratórios químicos estão ocupados no fabrico de gases sempre e cada vez mais tóxicos, para a próxima guerra (MOURA, 1931, p.15).

Suas críticas se situam no uso da ciência a serviço da indústria e da guerra. A concepção da autora é de uma ciência como destruidora da humanidade e fonte de conflito entre os seres. No entanto, a autora problematiza os efeitos do cientificismo na sociedade enumerando-os da seguinte forma: guerras, competições, experimentos científicos, uso das teorias para inferiorizar, entre outros. Existe nesse contexto uma recusa de toda e qualquer opressão a sociedade.

Além do mais, surge nesse momento o debate da autora em relação à importância da junção entre o trabalho intelectual (trabalho com a ciência) e o manual (trabalho com as mãos, a prática). “Entretanto, o trabalho intelectual não exclui o trabalho manual e vice-versa; pelo contrário, a harmonia de todo o ser vem da energia física em ação e do prazer de pensar e agir e criar mentalmente” (MOURA, 1931, p.16).

Essa passagem da autora será mais bem discutida quando for apresentar a análise do seu pensamento sobre educação no próximo capítulo, no qual a autora defender a prioridade de uma educação que integre o intelectual, o manual e o moral. Dando continuidade, a autora faz duras críticas à modernização que está a serviço de um capitalismo brutal que oprime a sociedade. Sua recusa está justamente no uso da ciência a serviço do capital.

4.2.7- Serviço Obrigatório Militar Para Mulher? Recuso-me! Denuncio!

Essa última obra foi publicada em 1933 por uma editora anarquista. Aqui a autora questiona alguns problemas sociais da época. O contexto de escrita dessa obra faz parte dos anos de antecedência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e que o Brasil estava se preparando para entrar nessa guerra.

Os projetos de leis apareciam com o propósito de integrar a participação dos indivíduos nesse combate. Uma dessas leis seria sancionar o serviço militar obrigatório para a mulher. Por isso a proposta da autora nesse livro era despertar a sociedade para perceber as intenções dessas leis, chamadas pela autora de fascistas. Tendo como foco a crítica a esse projeto de lei, tenta mostrar à mulher que essa lei é mais um instrumento da classe dominante.

A lei era compreendida pela autora como estritamente a serviço da igreja, do Estado e do fascismo italiano, por ter uma forte influência nos demais países. Seu pensamento recusava uma sociedade passiva por aceitar as condições opressivas impostas a ela. Não caberia à mulher o papel militar, pois de acordo com a autora, a mulher é um ser de perpetuação da espécie. Cuidados como o da maternidade e com a criança eram prioridades da mulher. A mulher não deveria ser cúmplice da “carnificina humana” (MOURA, 1925) ou do extermínio humano em prol de uma pátria feita apenas por alguns preocupados com o poder.

Nessa busca desenfreada pelo patriotismo, o nacionalismo extremado fazia das pessoas um composto de ilusões e autoritarismos, visto que a maior preocupação em tornar os indivíduos nacionalistas era apenas para manter os interesses de uma minoria sob uma maioria. A autora apresenta seu posicionamento anti-fascista, anti-patriótico e anti-clerical, recusando todas as formas de opressão contra o indivíduo.

Não podemos compactuar com o canibalismo desta sociedade de vampiros a sugar todo esforço humano e cuja preocupação absorvente é inventar meios e policiais de repressão a coragem heróica da resistência, é criar científicos e empregá-los legalmente na técnica da maldade oficializada (MOURA, 1925, p.20).

Portanto, o texto propôs uma recusa ao projeto constitucional como um ato de violência à sociedade. Com essa citação, percebo o apelo da autora para aqueles

preocupados com os males do capitalismo exacerbado. Desse modo, sua denúncia estava fundamentada numa busca do respeito à liberdade individual, e cooperar com essa lei, seria ser cúmplice da destruição humana.

5 – LIÇÕES PEDAGÓGICAS DE MARIA LACERDA DE MOURA

A educação é entendida na nossa sociedade como um processo obrigatório para a formação do indivíduo. Esse processo é inserido na criança logo cedo, mais precisamente nos seus primeiros momentos de sociabilidade humana. Os processos sociais de escolarização são instaurados como propício à formação intelectual do ser humano. Primeiramente, cabe pensar sobre o primeiro contato da criança com sua família. A família pode ser compreendida como a primeira fase de contato social da criança, no que diz respeito à assimilação dos valores. Depois de receber influência da família, a criança recebe uma educação mediada pelo Estado e essa tende em maior ou menor grau a mediar às relações e estabelecer modos e regras de conduta humana.

No entanto, pode-se compreender a formação humana como aquela ao longo do tempo constituída por relações de poder. Esse poder tem o objetivo de transformar os indivíduos numa rede homogeneizada. A homogeneização parte da preocupação em tornar as individualidades numa concepção única. Essa unicidade pretende estabelecer por meio da educação individualidades dóceis e favoráveis aos valores de uma época. Entretanto, sendo a família, a igreja, a escola e a religião as principais instituições preocupadas em tecer certas determinações para a conduta humana, torna-se importante sempre refletirmos sobre essas instituições.

A família como uma instituição na sociedade, atua como uma das mais fortes para influenciar na formação do caráter do indivíduo. Sobre a família, Maria Lacerda de Moura tece considerações plausíveis, no que concerne ao poder influenciador dessa instituição. Para a autora, indivíduo nasce num contexto de influências decisivas na formação das suas particularidades, sendo, desse modo, uma das preocupações instauradas no pensamento de Maria Lacerda de Moura.

O tema – a educação, principalmente no contexto do início do século XX, foi de preocupação relevante, quando levamos em consideração a condição da mulher, diante do pensamento de Maria Lacerda de Moura, como fator importante para a formação dos indivíduos. A princípio, sabemos que o Brasil nesse período estava atravessando muitos problemas políticos e sociais. A mulher, aparece como figura importante na formação da criança, por ser ela a pessoa mais próxima da sua educação.

Nesse capítulo, contemplarei uma discussão dentro do debate sobre educação, fora da oficialidade. Trata-se de uma discussão anti-autoritária, e multifacetada. Essas três concepções dizem respeito a um debate próprio daqueles que recusam o princípio de autoridade. Através da religião, política, família ou mesmo pela educação pode-se mediar autoritarismos, sendo essas formas naturalizadas na sociedade e nunca, ou poucas vezes questionadas. As responsabilidades para as chamadas patologias sociais são sempre atribuídas às pessoas. Farei nesse momento breves alusões ao pensamento social de Maria Lacerda de Moura na sua obra *Lições de Pedagogia* publicado de 1925. Uma obra densa no que concerne a apreciação da educação. Com duzentas e sessenta páginas a autora dialoga com as mais variadas concepções sobre a educação do indivíduo. Publicada na época por uma editora chamada de TYP- paulista a autora tinha a proposta de publicar um próximo volume mas, provavelmente não veio a sair, por não termos encontrado essa obra.

Essa é uma das obras de respaldo político e social da autora com uma visão multifacetada das questões sociais. Suas observações são pertinentes para uma reflexão atual. Desse modo, a título de sistematização, farei uma apresentação do debate em formas temáticas, sendo importante levar em consideração que essa decisão é a título de organização, já que a proposta da autora é sempre discutir os temas de modo diluído no texto.

O título da obra de Maria Lacerda de Moura já nos remete a pensar no seu livro como um tratado, ou seja, esse termo é usado para mencionar a densidade dos conhecimentos envolvendo os mais variados campos de saberes. Seu trabalho remete a sua abordagem sobre os diversos temas envolvendo a sociedade e sua formação. As questões mencionadas pela professora no início do século XX se fazem atuais aos debates dos especialistas: psicólogos, sociólogos, antropólogos, pedagogos, médicos, entre outros. Todos esses especialistas estão preocupados com as questões de indisciplina, evasão e insatisfação de modo geral. Diante dessas considerações, apontarei discussões instauradas por Maria Lacerda de Moura como reflexão a essas questões na nossa sociedade atual.

5.1- Pedagogia, Educação, Sociedade

“A pedagogia é o conjunto de theories deduzidas da observação e da experimentação, estabelecidas com o fim de tornar fácil e prompta a acção educativa. A educação é o objetivo da pedagogia” (MOURA, 1925, p.4-5).

A pedagogia tratada por Maria Lacerda de Moura enfatiza as várias dimensões do ser humano. Como um dos temas centrais a pedagogia passa a ser compreendida como um ramo dentro da educação. Uma vez que, a pedagogia e a educação caminham juntas para a autora. Notei com maior ênfase sua preocupação em discutir as diferenças entre essas duas concepções chave para a abordagem do seu pensamento no campo da educação. Essas diferenças fazem parte do contexto social e político que corresponde a cada época em que ela será pensada. Porém, a palavra pedagogo oriunda da pedagogia é remetida por ela, como advinda do período grego “[...] (paidagogos) = pais=criança, ou, pais, dòn =meninos + agein, ou, agôge = direção, conducta. Pedagogo era escravo que conduzia a criança à escola” (MOURA, 1925, p.03).

Diante dessas considerações, notei a intenção da autora em relatar as alterações dessas definições de acordo com o tempo e com o espaço, ou seja, a definição da pedagogia passou por momentos históricos. Esses momentos fazem parte de certos interesses políticos modificando o sentido da proposta educativa. Para enfatizar seu pensamento, ela cita algumas diferenças sobre a questão da educação em países pelas mais variadas definições percorrendo alguns países como França, Alemanha, Suécia, entre outros.

A autora também refletiu sobre a importância de ser eficaz quanto aos meios apropriados ao fim educativo. Por isso, a melhor educação é aquela preocupada com os desejos e com a formação do educando. De acordo com Maria Lacerda de Moura a pedagogia sofreu intermitências e nem sempre existiram suas leis e princípios, como vemos hoje. A pedagogia, segundo ela, foi sempre passível de transformação e acompanhou as mudanças e o desenvolvimento das nações e das gerações.

Quando falamos em educação no pensamento de Maria Lacerda de Moura, podemos entendê-la, inicialmente, como a evolução de um conjunto de esforços agindo no físico, intelectual e moral do indivíduo, preparando-o para a vida em

benefício da própria sociedade. Ao contrário da pedagogia, a educação sempre existiu, sendo compreendida como uma prática antiga, apesar da nomenclatura ser nova. A educação também foi vista com diversas conotações de acordo com cada época. O termo educação, mais precisamente, só foi aparecer com essa nomenclatura no período da Renascença.

De acordo com Maria Lacerda de Moura, os povos culturalmente transmitiram empiricamente em todos os tempos – costumes, tradições, superstições, cultos etc. No entanto, a educação é contínua, enquanto a pedagogia sofreu intermitências. Então, os povos primitivos não conheceram regras, nem preceitos pedagógicos. Seus filhos aprenderam com os pais e com os outros as perspectivas tradicionais, os preceitos e costumes, que por sua vez passavam aos seus descendentes (MOURA, 1925).

A educação varia com os povos, com as épocas e até com os sistemas religiosos e a moral individual. Entre os latinos a felicidade consistia em o indivíduo se submeter ao Estado. Os romanos, os persas, os espartanos, queriam soldados: a felicidade do Estado consistia na educação que dirigia o preparo militar. Em athenas era exigida a subtileza do espírito, o aperfeiçoamento harmônico da beleza do corpo, as delicias e gozos da vida; escolas filosoficas: sophista, cynica, estóica, epicurista, eclética, sceptica, etc (MOURA, 1925, p. 7).

De acordo com a autora a educação da sociedade na época fazia parte de um processo de uniformização que atende a certos segmentos societários que dizem respeito mais aos seus desejos ideológicos do que as aspirações da sociedade. Nota-se uma intensa preocupação da autora em despertar a sociedade para refletir sobre a forma como a educação vinha sendo pensada. Uma educação, de acordo com a autora, nas mãos de pessoas preocupadas com a perpetuação dos preconceitos e regras.

Como foi apresentado até o momento, a autora apontou diferenças entre a educação e a pedagogia, considerando a educação como um processo antigo e a pedagogia como uma teoria aplicada à educação. Na pedagogia, existe uma sistematização de preceitos educativos a serem aplicados no processo educacional. Essa pedagogia aplicada a arte da educação deve ter atributos que envolva as dimensões do indivíduo a fim de criar seres completos para atuarem na sociedade.

Para a autora a pedagogia é a junção da ciência, arte e teoria da educação. Pensar numa pedagogia científica é a maneira que temos de unir elementos que

possam completar a educação do indivíduo. Por isso, Maria Lacerda de Moura fala da contribuição de uma pedagogia moderna que possa unir as dimensões metálicas, físicas e sociais do indivíduo para a formação completa da vida.

A pedagogia moderna, entretanto, pelo seu caráter científico experimental, baseada na *physiopsychologia*, na hereditariedade, na *orthopedia*, e na *orthopherenia* – não pode deixar de dar importância capital à educação física, exclusivamente como meio (e não como fim), para o bem estar individual e social, para a saúde (condição essencial de felicidade) e para o aperfeiçoamento da inteligência (MOURA, 1925, p.22).

Portanto, assim como foram apresentadas algumas diferenças entre pedagogia e educação, existem diferenças entre o papel do pedagogo e do educador. Veremos a seguir as diferenças da postura de um pedagogo e de um educador no seu exercício com a educação.

5.2 – A escola, o pedagogo, Educador

É necessário que a escola permita as livres manifestações naturais da criança para que nasça a pedagogia científica: essa é a sua reforma essencial (s/d, MOTESSORI, *apud*, MOURA, 1925, p.16).

Dando continuidade, apontarei as diferenças entre o pedagogo e o educador. Primeiramente, cabe-me situar o papel da escola perante a sociedade. É possível ressaltar no pensamento de Maria Lacerda de Moura, e em especial nessa obra, não termos um momento particular sobre a escola, mais especificamente. A escola aparece como um espaço de atuação do pedagogo e do educador. Sabendo da naturalização do espaço escolar como uma construção histórica e muito definida como o único espaço do saber. Com Maria Lacerda de Moura a escola é o espaço para as livres manifestações e onde devem ser desenvolvidas as vontades.

Na oficialidade, entendo a escola como um meio obrigatório e um único espaço para a mediação do saber e da “verdade”. Uma educação mediada fora do espaço da escola pode ser vista como sem eficiência ou ineficaz. A escola proposta pela autora deverá ser aquela que tenha a liberdade para atuação do educador. Contudo, darei ênfase aqui às diferenças entre pedagogo e educador. De acordo

com Maria Lacerda de Moura, o pedagogo pode ser um estudioso e não saber transmitir a educação. Um profissional dotado de um arcabouço teórico nem sempre estar preparado para executar a educação.

Para a autora o fato de ser dotado de teoria não é suficiente para ser um bom educador. Então, para ela, o educador é aquele que procura desenvolver as teorias elaboradas pelos pedagogos na prática. Como exemplo, ela cita Jean Jacques Rousseau (1712-1772), que escreveu nobres formulações acerca do papel da educação e ele próprio não conseguiu exercer a função de educador, fracassando na educação dos próprios filhos.

Há também diferença entre pedagogo e educador, pedagogo na acepção actual, é o indivíduo que estuda e estabelece leis e teorias pedagógicas. O estudioso pode ser pedagogo e não saber transmitir a educação, não ser educador. Jean Jacques Rousseau foi extraordinário pedagogo e não soube ser educador, ele próprio o confessa (MOURA, 1925, p. 05).

Diz ainda a autora: “é mais difícil educar que escrever regras de educação” (MOURA, 1925, p.06). O pedagogo se preocupa com a teoria ou até mesmo se apropria dela mesmo não sabendo transmitir a educação. A autora enfatiza a preocupação de muitos com a teoria esquecendo as questões práticas. Ela atribui ao pedagogo a preocupação com a teoria que deverá ser aplicada na prática pela educação.

Já quando me refiro ao educador, esse é um indivíduo mais preocupado em executar na prática o que foi formulado pela teoria. As definições de educação, são subjetivas: a felicidade, o bem, o belo, são palavras abstratas que cada indivíduo exprime de acordo com o modo de encarar a vida. Essa colocação de Maria Lacerda de Moura nos lembra as indagações feitas por Sócrates³⁷ no período da Grécia.

Ninguém é de todo imparcial e dificilmente eleva a consciência se eleva das contingências – para colocar os interesses da criança e das gerações sucessivas além dos interesses individuais ou das próprias. A educação varia com os povos, com as épocas e até com os sistemas religiosos e a moral individual. (MOURA, 1925, p.6).

A cada época sua concepção educacional e o comportamento tanto do educador como do pedagogo dependeria de cada momento. Por isso, a autora remete as épocas, por exemplo, entre os latinos a felicidade consistia em o indivíduo

³⁷ MOURA, Maria Lacerda de. **Platão: Apologia a Sócrates**. São Paulo: Ediouro, 2001.

se submeter ao Estado. Os romanos, os persas, os espartanos queriam soldados, a felicidade do Estado consistia na educação que dirigia ao preparo militar. “Em Athenas era exigida a sutileza do espírito, o aperfeiçoamento harmônico da beleza do corpo as delicias e gosos da vida; escolas philosophicas: sophistas, cynica, estóica, epicurista, eclecticica, scetptica, etc” (MOURA, 1925, p.07).

A preocupação de Maria Lacerda de Moura em relação à postura do educador, quanto à formação do indivíduo. Então, o modo como o professor se habilita na sua função é importante. “Os professores das Escolas Normais! Quanto poderia através das gerações!” (MOURA, 1925, p 29). A autora atribui a responsabilidade das gerações futuras nas mãos dos educadores. É incisiva a preocupação da mesma em despertar a sociedade para as questões relacionadas ao posicionamento do educador e do ambiente escolar. A principal questão seria compreender como o educador tem efetivas responsabilidades com a educação e a formação do indivíduo e como o ambiente escolar deve ser aquele propício para o desempenho do aluno.

Entretanto o que vê por toda parte é um ambiente escolar morto, aonde as crianças vão obrigadas ou com o sentido na vadiação e nos recreios, e aonde o mestre vai com o sentido no ordenadinho do fim do mês... e na aposentadoria. (Moura, 1925, p.29).

Nessa citação compreendemos sua interpretação quanto à época e as condições da atuação da escola. Além da escola, o educador também ocupa um papel central na formação do indivíduo. Sendo assim, não adianta apenas ser um educador repleto de teorias se não for preparado para executar a prática. De acordo com Moura, (1925, p. 29) “Nem sempre o preparo intelectual revela o educador ou qualidade de educador”. Esse seu pensamento faz refletir sobre a condição de especializado do educador, pois não é isto que irá garantir a eficiência do seu trabalho, não sendo o suficiente para ser bom educador.

Para Maria Lacerda de Moura, antes de qualquer coisa o educador deve ser psicólogo, mas, não aquele de laboratório, e sim o adivinho, o observador, o intuitivo. O educador não é aquele que aprende todas as teorias do trabalho humano. “A teoria ensina a vê, porém, não é a própria evidência”. (MOURA, 1925:30). Não é porque ele conhece todas as teorias pedagógicas que irá lhe dar a capacidade de ser um melhor educador. “É questão de tacto. É o fogo sagrado... Em

desacordo com isso está a nomeação de mocinhas de 17 a 20 anos para professores primários” (MOURA, 1925, p.30).

Como entendo na citação, o fato dessas moças jovens assumirem cargos ou funções de muita responsabilidade era comum na sua época. Ela foi um exemplo disso. Começou muito cedo a escrever e ministrar aulas. As questões envolvendo a educação e o papel do educador quanto ao educando, são complexas e passíveis de muito raciocínio, observação e julgamento, e a pouca maturidade das jovens professoras não ajuda a entender certas peculiaridades. “Digo-o por experiência própria – como alumna, e, como ex-professora (de Pedagogia e Hygiene na Escola Normal Municipal de Barbacena - Minas”. (MOURA, 1925, p.30).

Todavia, para a compreensão das questões relacionadas à moral e a arte de educar é preciso ter como objetivo a educação e uma inteligência amadurecida, muita atenção e vontade com um ideal consciente na vida social. Essa é uma das preocupações de Maria Lacerda de Moura, porém, quando somos muitos jovens, de acordo com ela, não temos certas habilidades cruciais para exercer a educação. Os pais e educadores estão inconscientes quando aplaudem ou estimulam de modo precoce as crianças a recitarem poesias, nos palcos das escolas. Não entendem de acordo com Moura, que estão tirando das crianças o seu futuro, a felicidade de ter filhos normais de inteligência e fortes de corpo e vontade. O estímulo a precocidade é algo inconveniente diante do pensamento da autora, chegando a ser crime. Não se ensina a recitar a uma criança. Esses que pensam dessa forma esquecem-se do amplo sentido da educação.

O verdadeiro educador não quer se não cumprir o seu dever e ser agradável a todos os educandos. Exerce, em si mesmo, vigilância constante, fiscalizando-se, observando-se corrigindo-se. A auto-educação lhe deve preocupar mais que a própria educação das crianças ao seu encargo porquanto elle sentiu que os exemplos sobrepujam às regras (MOURA, 1925, p. 33).

Para Maria Lacerda de Moura, o educador seria consciente quanto à importância do desempenho do seu papel, devendo ele compreender o momento de interferir na formação educacional da criança. Sua preocupação em estabelecer um diálogo filosófico para falar sobre educação. Quando a autora remete ao campo da filosofia considera a importância dos ideais de felicidade, do belo e do justo, levando

em consideração como isso vem se alterando ao longo do tempo, mostrando como a cada época suas prioridades são modificadas.

5.3 – Ciências, Filosofia, Artes, educação, Pedagogia

“Rousseau define a educação: “A arte de conduzir as crianças e de formar homens” (MOURA, 1925, p.15).

Partindo dessa citação da obra de Maria Lacerda de Moura, posso concluir que seu debate se configurou em torno da filosofia, educação, pedagogia, arte e estética. A medida que as gerações vão se modificando, as ciências também se desdobram. Os conhecimentos vão sendo acumulados e sistematizados e vão se alterando ao longo do tempo. A ciência da educação surgiu recentemente de forma esboçada. A autora enfatiza uma pedagogia científica composta pela junção de diversos conhecimentos, unindo psicologia, sociologia, antropologia, arte, ética, higiene, medicina, estética, entre outros.

Apoiada em algumas leituras, Maria Lacerda de Moura cita a importância de refletir sobre uma pedagogia como arte da educação. Essa pedagogia entendida como arte, tem a preocupação de unir as várias ciências para educar uma criança. As ciências seriam uma base auxiliadora do processo educacional. A ciência médica está para a pedagogia, assim como está para a psicologia. A junção desses conhecimentos é o que ela define como arte da educação. “A ciência é a Teoria, é a especulação sistematizada; a arte é a prática, é a ação; a primeira é o abstrato, a seguida é a concretização”. (MOURA, 1925, p.20).

Essa consideração da autora me ajuda a entender a junção dos seus campos de saberes, pois é nessa junção que a pedagogia pode se tornar um processo de formação para a vida. A educação não pode receber divisões na sua execução. O Auxílio das ciências ajuda na formação completa da criança. Então, quando mencionamos a pedagogia no pensamento da autora nos deparamos com uma série de ciências para ajudar o conhecimento pedagógico sendo elas: antropologia, anatomia, biologia, estética, ética, fisiologia, higiene, lógica, ortopedia e entre outros. Então, como veremos mais adiante, a própria educação física proposta pela autora não é aquela apenas para o aperfeiçoamento físico e sim deve estar preparada para

o mental e o físico. Sua incursão no campo da filosofia nos apresenta a concepção de Platão quanto a educação.

O ideal da educação se resume na sentença de Platão.” A educação física e a educação intelectual devem caminhar paralelamente como dois cavalos atrelados ao mesmo carro.” Antes, entre os indus o ideal era o misticismo religioso: a felicidade consistia na renúncia da vida terrena. Os sacrifícios constituíam uma sorte de beleza moral e o indivíduo que se sujeitava a maiores rigores considera-se feliz. Budha prega a renúncia de si próprio e ensina a Purna a abdicação da Própria personalidade, entre os Israelitas o ponto de vista era doméstico religioso. Na idade média o corpo foi desprezado como inimigo da alma e o ideal da Grécia pagã foi mutilado pelos dogmas e colocado aos pés a higiene. Entre nós, a felicidade, o bem, o belo, também são sentidos de modo diverso. (MOURA, 1925, p.07).

Além disso, a autora ainda menciona a educação do espírito, pois, essa trata do aperfeiçoamento das faculdades mentais inatas ao indivíduo. Seguindo o desenvolvimento das suas aptidões, uma educação se faz brotar. Isso só acontece com os esforços do educador e do educando. Esse tipo de educação desenvolve as habilidades, aperfeiçoa a moral e ainda fortifica a vontade e dar energia a iniciativa.

A educação estética encaminha o espírito para gozos mais íntimos, nascidos do sentimento delicado, da natureza superior, da instrução, para a compreensão do belo, para o prazer moral, e oferece descanso ao espírito e fortalece o corpo.” (MOURA, 1925, p.25).

O pensamento da autora evidencia elementos importantes como a reflexão de uma educação para a formação completa do indivíduo. Por isso, a junção entre a educação do corpo, espírito e da estética são fundamentais para o alimento da vida do indivíduo. Essa última abrange o campo educativo e deve estar entrelaçada à vida como elemento básico da felicidade.

5.4 - Família, Mulher e Criança

A educação é um conjunto de ações que favorecem o desenvolvimento da criança, já vimos. Essas ações, ou são exercidas pelo ambiente social e são chamados de gerais, ou são conscientes e intencionais, exercidas por determinados indivíduos

educadores, pais, família. As primeiras são indiretas, as segundas são diretas (MOURA, 1925, p.29).

Diante dessas considerações, compreendo sobre a importância da junção de vários elementos para a formação educacional de uma criança. Contudo, os educadores, os pais e a própria família fazem parte da formação da sociedade e agem como parte direta no processo de formação educacional. Sobre a educação, a autora menciona a chamada operação educativa, como o principal agente desse processo. Nesse momento, fazem parte como elementos fundamentais na formação do indivíduo, o agente educador, as condições hereditárias e o meio.

A família é um dos primeiros elementos com o qual a criança mantém contato. Contudo, a família como elemento composto pela criança e a mulher, em especial, é um dos primeiros momentos da formação desse indivíduo. A mulher tem um papel fundamental nessa formação e de fato existe uma preocupação efetiva de Maria Lacerda de Moura em relação à postura feminina com a educação. Então, se considerarmos a família e a escola como os principais elementos de composição para formação do indivíduo, entenderemos a preocupação dos libertários em relação à influência desses segmentos na formação do indivíduo. Levando em consideração o pensamento da autora não devemos compreender esses meios como os únicos, mas como um dos mais importantes para a formação do indivíduo.

E quando se educa uma criança é preciso desde cedo, encaminha-la livremente (Se é possível dizê-lo), leva-lo a escolher a profissão dictada pela tendência pela vocação pelo temperamento e pelo grau de resistência do seu organismo. (MOURA, 1925, p.23).

Cabe à família e ao educador ter os devidos cuidados na orientação educacional da criança, não devendo escolher o caminho para que ele possa seguir e sim esperar as escolhas da vida dele. Quando penso nas habilidades educacionais relacionadas à profissão, de acordo com a autora, percebo as suas predisposições para determinadas atividades.

Por fim, apoiada no pensamento de Maria Montessori, Maria Lacerda de Moura menciona a educação relacionada à vida individual; a disciplina vem da vida interior, da adaptação muscular e física. Assim, auto-educação, a disciplina interior, toda energia, toda atividade, vontade, iniciativa, paciência e perseverança está relacionada com os intuitos individuais.

A criança lucra muitíssimo mais quando constrói sozinha, num cantinho, o seu balão de papel de seda ou o seu papagaio ou quando colá e descola pela milésima vez a sua coleção de sellos do que quando joga o foot-ball ruidoso ou a peteca ou esses inúmeros brinquedos que abafam a energia interior no ruído exterior. Notamos que todas as invenções, as mais bellas obras de arte, de literatura, tudo quanto tem saído dos gabinetes dos sábios – absolutamente tudo é feito no silencio, na vida introspectiva, na solidão de si mesmo (MOURA: 1925, p. 138).

Diante de todas essas considerações, devemos estimular a criança a entender suas vontades e suas realizações para a vida. Porém, o que se faz é totalmente o contrário. A educação oficial impõe o conhecimento ao aluno. “O que fazemos é inteiramente contrario: abafamos na criança o germen desse desenvolvimento, adormecemos as energias que moram nas cryptas interiores do transitório, fútil, dispersivo, leviano e vulgar” (MOURA, 1925, p.139).

5.5 – Co-educação das Classes sociais

A educação das classes foi pensada por Francisco Ferrer Y Guardia (1859-1909). Nascido em Barcelona, trabalhou como agricultor, depois numa fábrica de tecidos, onde conheceu a vida dos trabalhadores. Foi particularmente nesse instante, tocado pelas idéias anarquistas - militou em movimentos anti-clericais, tendo participado do movimento da anti-monarquia em 1886. Viajou pela Suíça, Itália e Bélgica à procura de novas experiências pedagógicas. Munido dessa bagagem de experiências e com uma herança deixada por uma admiradora, retorna à Espanha em 1901 e decide fundar a “Escola Moderna” com a qual sonhava (LIPIANSKY, 2007).

A vida de Francisco Ferrer é importante para sabermos como o pensamento dele influenciou as discussões sobre educação das classes em Maria Lacerda de Moura. As escolas modernas de Ferrer fundadas no Brasil foram importantes, visto que foi o momento de atuação de alguns libertários, tais como Adelino de Pinho, Florentino de Carvalho e João Penteado, no âmbito da educação.

As classes, de acordo com Maria Lacerda de Moura, devem estar relacionadas a uma educação com base para toda sociedade, ou seja, a educação deve ter como objetivo preceitos de igualdade, sem distinções. Uma educação preparada para atender a todos e a todas as classes.

Qualquer que seja a classe social a que pertença o individuo, Ella precisa apprender a amar a natureza, a respeitar os outros indivíduos, a só dizer a verdade, a reprimir paixões grosseiras, as más tendências, a cultivar sentimentos nobres, a vislumbrar preceitos morais a serem observados numa sociedade futura, sempre melhor que atual: não explorar o próximo, ser útil, solidário com os outros homens, ser fonte de amor, de heroísmo, de abnegação, de paciência em vez de respirar irritabilidade e mau humor e ódio; fazer crescer dentro da alma um nobre ideal de equidade em vez de constituir-se em fonte perene de egoísmo individual (MOURA, 1925, p. 10).

A autora propõe uma educação sem diferenças nem de classes nem de gênero. Esse posicionamento de Maria Lacerda de Moura foi influenciado por Francisco Ferrer, no que diz respeito à co-educação das classes. Ferrer pregava a escola racionalista, mista e ainda a co-educação sexual e das classes, sem ser financiada nem pela igreja, nem pelo Estado. Além disso, existia uma preocupação com o conteúdo ministrado para esses alunos. As escolas, de acordo com Maria Lacerda de Moura, deveriam atender a todas as classes, como a dos operários, e a educação deveria ser igual para todos sem distinções de cor, classe ou gênero.

Enfim, uma educação das classes está mais preocupada com a equidade social. Essa preocupação da autora reflete uma época com diferenças, em relação à mediação da educação para as classes. Por isso, sua militância era voltada para uma renovação social, através da educação nova, respeitando a moral, intelectual e física, do indivíduo. Maria Lacerda de Moura almejava uma educação assim para sua época e para o futuro.

5.6 - A educação relacional: junção entre as dimensões física, moral e intelectual

Se o nosso objetivo deve ser a educação geral, o preparo para a vida completa, a educação física deveria construir um dos meios da

educação mental, a qual envolve a inteligência e o sentimento, a razão e o coração. A saúde é a condição da boa disposição do espírito. (MOURA, 1925, p.21-22).

A educação começando pelo corpo é uma das temáticas de visibilidade no pensamento da autora. O corpo é importante para o desenvolvimento dos estímulos na educação. Não podemos ter um bom desenvolvimento educativo se o corpo não responder aos estímulos da aprendizagem. Diante disso, Maria Lacerda de Moura vê o desenvolvimento do corpo para a saúde e o desenvolvimento mental e físico como forma de conservação e bem estar da espécie.

O exercício da faculdade intelectual não deve ser exercitado em separado com os demais elementos do corpo. Por isso, a autora preza pelo exercício físico como aquele composto por um todo orgânico, sem esforços excessivos. “A educação physica é a parte da educação que se encarrega de proporcionar meios para o desenvolvimento harmônico e a saúde de todo organismo” (MOURA, 1925, p. 79).

Maria Lacerda de Moura faz referência à importância da educação física. Uma educação física preocupada não somente com a saúde do corpo, mas também com a saúde mental. A autora ainda chama atenção para a recusa do esforço atlético propagado na Grécia como uma aberração ao corpo. Visto que a educação física proposta por Maria Lacerda de Moura é a que carecemos, uma educação do corpo para a vida, sem excessos.

Educação physica, para a conservação da saúde e para a perpetuação da beleza physica; o desenvolvimento intellectual e moral para alargar as concepções e os ideaes, abrangendo, em largo ponto de vista, a beleza e a majestade da verdade, da justiça, do amor para todos os seres - esse deve ser o ideal da educação nova (MOURA, 1925, p. 10-11).

Os jogos e as atividades físicas devem ser executados como parte do aprimoramento do corpo do indivíduo. Diante dessas considerações, Maria Lacerda de Moura ensina nas suas lições a compreender o aprendizado pela junção de todos os nossos sentidos. E para isso, é importante o educador conhecer bem seu aluno para saber quais são as dificuldades dele para o desenvolvimento da sua educação.

Apprendemos a ver, a observar, a analysar, a ouvir, a comparar, a julgar, a agir, como apprendemos a ler. E os sentidos nos advertem, dão-nos sensações de dor e prazer, mostram-nos o perigo e são guardadas da vida vegetativa e intellectual. Cultivar os sentidos é

exercitar a curiosidade para a instrução e para a iniciativa. Os sentidos são os mais altos instrumentos de perfectibilidade da inteligência (MOURA, 1925, p.147).

Então, cabe ao educador perceber seu aluno como um todo, sem autoritarismo. Noto a autora preocupada com um educador e com uma educação que possa entender o indivíduo em suas mais variadas dimensões, percebendo problemas futuros em relação à audição, olfato, visão, entre outros.

O educador não só deverá conhecer o vigor ou esforço de que é capaz o aluno, como até instruí-lo no seu Estado psicofísico, guiá-lo para as ocupações de que é e poderá ser capaz, ensinar-lhe a saber utilizar-se das suas energias (MOURA, 1925, p. 212).

De acordo com Maria Lacerda de Moura, as diferenças entre as crianças são os aspectos definitivos. Por exemplo, uma criança desenvolvida no físico, nem sempre é proporcionalmente desenvolvida na inteligência, pelo contrário, outra aparentemente pequena, magra e de pouco peso pode ser muito inteligente e já ter preparo além do normal. Uma criança de seis anos não tem as mesmas habilidades de uma criança de oito a dez anos, ou num caso de uma criança especial. A autora atribui essas diferenças de idade como uma das dificuldades na distribuição dos prêmios e castigo.

Entretanto, a criança sem saúde e fraca não aprende e ainda é ruim para a sociedade. O indivíduo deve ter vigor e saúde para seu desenvolvimento físico, moral e intelectual. A criança com problemas de saúde, se não for percebida no início, causará problemas maiores no futuro. É como se uma lesão fosse causar outras fraquezas e lesões. Por isso uma educação imposta e mal condicionada pode causar problemas a sociedade produzindo indivíduos doentes e infelizes, insatisfeitos e sem condições para o aprendizado.

As crianças pobres, mal alimentadas, mal agasalhadas, mal dormidas desenvolvem-se menos, sofrem as conseqüências da desigualdade social e concorrem para a perpetuação desse Estado de civilização a qual permite que o homem seja explorador do próprio homem (MOURA, 1925, p.215).

Essas más condições físicas, morais e de saúde no indivíduo dificultam também a sua ação política. Vejamos em suas palavras:

A geração dos explorados, inculta, doentia, é incapaz de energia orgânica ou protesto e revolta, consciente. São os resignados, cultivada a sua ignorância calculadamente pelas classes parasitas, commodistas, escravos do ambiente e das instituições do passado. Com elles ninguém pôde contar: arrastam-se, vegetam. Essa degenerescência se desenvolve, accentúa-se pela hereditariedade, pela miséria – na ossatura, no peso, na saúde, na mentalidade. (MOURA, 1925, p. 215).

Ainda, segundo Moura (1925, p.216),

É mesmo da escola que deve nascer e crescer o sentimento do respeito as criaturas, da equidade, a ânsia de fraternidade humana e solidariedade internacional. E o estudo do crescimento physico tem, portanto, importância capital no problema da formação do magistério primário (MOURA, 1925, p.216).

Maria Lacerda de Moura sugere uma educação para atender a todos os aspectos da dimensão humana, pois será essa educação que atenderá as crianças formadoras de uma sociedade para as próximas gerações. Enfim, a autora define a sua proposta educativa unindo os elementos físico, moral e intelectual para a formação do indivíduo.

O objetivo da Pedagogia moderna é adaptar o ensino, o trabalho infantil às exigências do desenvolvimento physico e mental da criança. O crescimento physico influe no crescimento mental. Esse crescimento physico não é o mesmo em todos os órgãos e influe na disciplina ou indisciplina e está na razão inversa do crescimento mental. O affrouxamento do trabalho intellectual ou do esforço intellectual quando acompanha a indisciplina – é signal de que a crise se está operando e é a ocasião do organismo se desenvolver em detrimento das faculdades mentaes que descansam, repousam, esperam a sua vez (MOURA, 1925, p. 217).

Esse debate nos ajudou a compreender a amplitude com a qual Maria Lacerda de Moura trabalhou, mostrando-nos a importância da junção entre o trabalho manual, intelectual e moral, onde todos esses elementos estão associados à saúde do indivíduo. Esse bem estar seria fundamental para desenvolvimento das habilidades do indivíduo. A autora nos ajuda a compreender como as irritabilidades dos jovens, atualmente, na escola, podem ser fruto dessa educação, com mal preparo para a vida.

Tanto a família, como o meio e o educador devem se preocupar com a formação completa da criança é preciso percebê-la nas suas particularidades e singularidades, pois é nesse momento que podem desenvolver certas doenças ou predisposições as suas vontades. Vejamos como a autora menciona as questões preocupantes para a formação de uma criança.

Antes da criança nascer já está sendo modelada a sua vida, a sua saúde e até sua tristeza ou a alegria dos seus dias sombrios ou cheios de luz. A alimentação da mãe como o seu estado de calma ou agitação, a vida desregrada do pae – vão plasmando o organismo physico-mental do futuro adulto. Os vícios do progenitor, os tormentos, a lucta pela vida ou a aciosidade da miséria ou da fartura – tudo tem influência do desenvolvimento da criança, na saúde physica e psychica. Mais ainda: o pensamento é uma força, uma das forças mais fataes que regem os destinos do mundo; ora, a vida, o futuro da criança depende da pureza de pensamentos, da serenidade, da belleza moral da família. Os gestos de máu humor, de irritabilidade, de cólera vão como uma auréola em torno dos indivíduos que os teem e causam máu estar e influem de maneira mui, deprimente nas crianças – que são como cera a plasmar... acceitar tudo ou são brigadas a acceitar e estiolam e adoecem sem poder reagir, sem saber porquê (MOURA, 1925, p. 208-209).

Enfim, esses elementos mencionados por Moura têm influencia decisiva na formação da criança como um todo.. São aspectos que perturbam o funcionamento regular dos órgãos e prejudicam a evolução física e mental. As crianças assim como os adultos têm diferenças enormes. Uma pode se desenvolver melhor que a outra por ter habilidades que são mais compatíveis com determinado exercício. Assim, o esforço de uma pode não ser proporcional ao da outra, apenas por que tem a mesma idade; uma pode ser incapaz de fazer o que a outra faz sem esforços. Compreendendo as diversidades e singularidades das crianças entendemos que às punições, recompensas, penitencias, castigos, exigências e as intolerâncias de alguns pais e professores não ajudam no desenvolvimento de uma educação completa para a vida, unindo os aspectos físicos, morais e intelectuais.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação está, pois em relação directa com a solução das questões sociais (MOURA, 1925, p. 216).

A educação na contemporaneidade é tema de intensos debates entre diversos especialistas. São psicólogos, pedagogos, sociólogos, antropólogos, politicólogos, entre outros, envolvidos nesse debate que dialogam sobre indisciplina, violência, educação em tempo integral, reformas, conteúdos etc. Esses e outros temas estão em pauta nas discussões atuais.

Nessa epígrafe de Maria Lacerda de Moura, a educação está associada às questões sociais. Com isso, é possível compreender como a formação educacional de uma criança tem relação direta com o seu contexto social. Para falar de temas como esse, Maria Lacerda de Moura não utilizou apenas um fator para explicar os fenômenos sociais. Ela não definiu o problema da educação, por exemplo, como problema fruto da sociedade. Sua preocupação não era encontrar uma única questão para explicar todas as demais. Além do mais, nessa análise noto a visibilidade da autora em relação à educação infantil. No entanto, não é apenas uma preocupação de centralidade ao processo educacional da criança. Uma vez que a autora se preocupou nessa obra com o posicionamento da mulher, do operário, do professor, da família, da escola etc.

A diferença de Maria Lacerda de Moura é por ela mostrar em seus escritos uma multicausalidade dos fenômenos. Certos intelectuais na época usavam tendências deterministas, essencialistas ou substantivistas para explicar determinado fenômeno social tomavam como ponto de partida a religião, a política ou a economia como causa para explicar esse fenômeno. Então, para os marxistas a causa primeira seria a economia; para os racistas a biologia e a raça; já para os durkheimianos seria a religião. Foi a partir dos modernos embasados pelas teorias marxistas, weberianas e durkheimianas que construíram concepções preocupadas com uma causa para explicar e entender as questões sociais.

Alguns dos anarquistas, assim como Maria Lacerda de Moura, refletiram sobre a sociedade de modo diferente dos deterministas da época. Eles não estavam preocupados com uma causa primeira e nem em remediar uma causa ou fenômeno

social. O próprio anarquismo é compreendido como uma corrente que não é passível de generalizações, já que se trata de um pensamento dinâmico e diverso. Os libertários, adotando essa postura, foram e ainda são chamados de incivilizados, ou anti-modernos. Porém, assim como Maria Lacerda de Moura, Adelino de Pinho, João Penteado, Florentino de Carvalho, estavam preocupados com o fenômeno social, a partir de uma dinâmica relacionada aos âmbitos da sociabilidade humana. Ambos tinham em vista uma composição relacional dos fenômenos sociais, dando aos acontecimentos uma multicausalidade. Maria Lacerda de Moura para falar sobre educação partiu de um diálogo sobre o papel da escola, da religião, da família e do meio. Utilizou-se de uma variedade de conhecimentos, incluindo a sociologia, antropologia, filosofia, política, biologia, geografia, anatomia, poesia, estética, entre outros, para explicar as questões humanas. Todos esses campos de saberes são usados pela autora como um processo relacional para se pensar nas questões da sociabilidade humana.

Muitas vezes nossa formação educacional oficial tendenciosa, centralizadora e universalista impossibilita a leitura de um pensamento como o de Maria Lacerda de Moura, e isso acaba nos impedindo de perceber os diversos elementos de composição de um pensamento, como é o caso da leitura do pensamento da autora. Suas concepções são constituídas num campo que envolve um caldeamento de fatos expressando uma multicausalidade dos fenômenos sociais.

Como foi apresentado no início desse trabalho, o contexto social no qual a autora atuava influenciou na formação do seu pensamento. Um período de intensa agitação de ideias fez da sua escrita o reflexo das suas indignações. Foi um pensamento constituído em concomitância com os acontecimentos da sociedade na época. Uma ambiência de extrema hostilidade para a figura feminina e para aqueles contra as condições políticas estabelecidas na época. Mesmo diante desse cenário, a autora não se intimidou e continuou escrevendo, colaborando e atuando de forma destemida.

Sem medo de perseguições, concentrou suas críticas nas mais diversas formas de autoridade, tanto da autoridade conservadora e patriarcal da família, da sociedade e do Estado, como também recusou as formas de autoridade na relação entre patrão e operário; mãe e filho; professor e aluno. Partindo dessas recusas, seu pensamento social se configura.

No seu período de atuação intelectual, existiram outros intelectuais dialogando com as mesmas propostas. Um exemplo disto foi sua participação na colaboração com o texto *Por que ser anti-semita (1933)*. Sua participação nesse texto com outros colaboradores apresentou a expressiva contribuição da autora. Entre suas diversas contribuições, Maria Lacerda de Moura traduziu do grego para a língua portuguesa, o livro *Uma Apologia a Sócrates (2001)*. Isso ratifica o respaldo político e social da autora na época. De forma audaciosa, falou dos variados temas utilizando-se de títulos chocantes a fim de despertar a sociedade para os problemas da época. A autora mostrou força e vitalidade em suas escritas. A amplitude do seu pensamento não se esgotou nesse trabalho. Nesse estudo, considero como breves apontamentos da amplitude da sua leitura e da expressão do seu pensamento.

Essa talvez seja uma das limitações de algumas pesquisas acerca do pensamento da autora nas últimas décadas, a de não confessar a amplitude do seu pensamento, pois, quando lemos e conhecemos um pouco de Maria Lacerda de Moura, podemos entender como seu pensamento é dinâmico, não sendo possível restringi-lo a apenas uma variável.

Ao remeter à educação, como foi a preocupação da realização desse trabalho, a autora pode ser compreendida como contraditória por se embasar por muitos conhecimentos, ou seja, pela sua forma ampla de abordar as questões sociais. Na sua obra *Lições de Pedagogia*, para falar em educação usou dos conhecimentos da sociologia, antropologia, filosofia (estética, higiene, arte), anatomia, biologia, política, fisiologia, poesia, para apresentar seus debates. No período de escrita dessa obra em 1925, a autora se deparava com uma educação exclusivista. A instrução masculina ainda prevalecia nesse momento. Além do mais, a educação da época se restringia apenas à classe média da época ou mesmo uma educação cívica e religiosa. A leitura feita pela autora sobre a sociedade da época, passiva e obediente aos ditames impostos, ajuda-me a entender sua luta e indignação clamando pelo despertar da sociedade para o que estava acontecendo. A proposta da autora era deslocar as mentalidades através de temas e títulos que chamavam a atenção da sociedade, como percebemos nos títulos de seus escritos “A mulher é uma Degenerada”, Clero e Estado, A Mulher e a Maçonaria etc. Os títulos indicam as perspectivas de Maria Lacerda de Moura para chamar a atenção da sociedade em relação aos problemas da época.

A educação da época homogeneizava a sociedade, anulando as particularidades de seus segmentos, classes e grupos. Tratava-se de uma sociedade inerte diante dos acontecimentos. Maria Lacerda de Moura via a educação como um meio para emancipar a sociedade como transformação social para essa sociedade. Principalmente a autora falava nas suas escritas com a condição da mulher e dos trabalhadores passíveis às péssimas condições de vida na época. No pensamento de Maria Lacerda de Moura, a mulher aparece como personagem importante para a sociedade, tanto na família, como na fábrica, além de ser um dos expoentes fundamentais para a formação da criança e ainda para a educação, por ser uma figura muito presente na formação do indivíduo.

Como proposta para reflexão sobre a educação no Brasil, a autora escreveu "*Lições de Pedagogia*" em 1925, com intensas reflexões sobre a educação, sendo de fato lições para o desenvolvimento de uma pedagogia moderna. Tendo como ponto de partida o próprio título do trabalho da autora compreendo sua obra como um tratado sociológico no que concerne às investidas da formação educacional para a sociedade. Não sendo possível restringir apenas à sociologia, já que, lendo sua obra percebi muito da história, da filosofia, da literatura, da poesia, da biologia, entre outros campos do saber humano.

Maria Lacerda de Moura apresenta os primeiros momentos de vida de uma criança como os mais importantes para a formação do adulto. Esse momento, segundo a análise do pensamento da autora, seria crucial para podermos entender muitas questões hoje no âmbito educacional. Quando Maria Lacerda de Moura remete o despertar da vontade da criança pela educação, permitindo o aflorar das suas habilidades e expectativas, ela nos incita a refletir sobre a proposta da educação atual.

Para discutir sobre educação, a autora passou pelos mais diversos momentos históricos e sociais da formação da história da educação. Sua intenção foi nos guiar para pensar como a educação foi elaborada e naturalizada como percebemos hoje. Seu pensamento é diferente da educação oficial da época. Para ela, a forma como aprendemos a lidar com as perspectivas de aprendizagem não passa de uma visão especializada e técnica, sem corresponder com nossas vontades e habilidades para o processo educacional. A preocupação com a educação hoje é com os manuais de aprendizagem, sem levar em consideração as particularidades das crianças. Na relação entre professor e aluno, da mesma maneira, a centralidade do poder e a

autoridade do professor impossibilita o despertar da vontade de conhecer do aluno. A educação passa a ser transformada num processo mecânico e de imposição à criança. O fato de não levar em consideração muitas vezes o contexto social, a saúde as singularidades tentando universalizar e tornar a educação igual é o que prejudica a formação do indivíduo. Por receber uma educação que não perceba as diversidades de cada indivíduo dentro do seu contexto de aprendizagem, transforma o indivíduo num ser automatizado, acrítico e alheio aos acontecimentos sociais. Essa é uma das críticas feitas pela autora e esse é um fator de visibilidade, quando nos referimos à formação do indivíduo na educação oficial atual. O momento de escrita da autora é o período de antecedência da Era Vargas (1930-1945) quando se estabelece de fato as leis e a LDB (lei de diretrizes e bases) como fundamentação para a educação até os dias de hoje.

Esses parâmetros foram criados como forma de padronizar o ensino, uniformizando os conteúdos a serem ministrados. O diálogo instaurado pela autora é justamente como compreender as particularidades dos indivíduos diante da brutal forma de lidar com uma educação padronizada e única, não reconhecendo as singularidades dos indivíduos, tanto relacionadas ao contexto social, incluído a família, os padrões culturais, as classes sociais etc., como também na parte da anatomia, como problemas relacionados à saúde física e mental que muitas vezes não é percebida ou pode até mesmo ser desenvolvida pela própria escola nos seus primeiros anos de vida educativa.

Na contemporaneidade, existe preocupação em colocar logo cedo a criança na escola, como maneira de adquirir conhecimento. Existe ainda preocupação com a aprendizagem conteudista, onde a criança aprenda uma sistematização de conhecimentos e assim passe mais tempo na escola. Não como a instrução integral pensada por Ferrer que levasse em consideração o físico, o mental e o intelectual, mas sim onde a criança passe mais tempo na escola estudando mais ciências sem ao menos saber do que se trata de fato.

Com essa obra, a autora contribuiu com uma expressiva reflexão sobre a educação atual. Nossa educação tem priorizado as vontades dos indivíduos ou trata-se de uma educação imposta?

No pensamento de Maria Lacerda de Moura conseguimos perceber sua preocupação com as vontades da criança. Sua escrita mostra a importância de desenvolver nos indivíduos suas habilidades vocacionais.

Então, seria papel do educador não projetar na criança o interesse dele, ou seja, mostrar a criança um caminho que é do educador e não da criança. Caberia ao educador, nesse instante, desempenhar o papel apenas de guiar as próprias vontades individuais da criança, deixando brotar suas vontades vocacionais. Além disso, seria importante considerar cada particularidade, não usando de autoridade e opressão. Outra preocupação da autora era de apresentar à criança as várias ciências, na intenção de proporcionar um vasto conhecimento, a fim de confiá-la uma abordagem geral dos conhecimentos para melhor situar suas escolhas, não impondo e nem as mantendo apenas numa visão conteudista como acontece muitas vezes, sem sentido para a criança.

Sobre as definições e conceitos relacionados à educação e à pedagogia a autora diz que é uma criação humana e histórica. E, cada época define a educação. Isso indica como esses conceitos têm a ver com as necessidades de cada momento. Quando vamos refletir sobre a educação, de acordo com a autora, é importante considerarmos o contexto de mediação dessa educação.

O pensamento de Maria Lacerda de Moura nessa obra é atravessado também pela contribuição das concepções pedagógicas da médica Maria Montessori. As reflexões são sobre a formação das crianças “especiais” ou “anormais”, como foram chamadas em *“Lições de Pedagogia”* (1925). O que vem sendo questionado é a maneira como elas podem aprender. O exemplo de do caso de Hellen Keller³⁸ como aquela que aprendeu através dos sentidos. A partir Maria Lacerda de Moura fala-se da importância de uma pedagogia que dê visibilidade ao aprendizado pelos sentidos.

Maria Lacerda de Moura possui um pensamento multicausal nessa obra, ou seja, uma ideia que envolve diversas relações da sociabilidade humana. A sede por conhecimento expressa, de modo singular, sua vasta leitura quando ela se propõe a analisar um os fenômenos sociais. Com um vasto conhecimento e pela sua expressão de autodidatismo, a autora recebeu críticas. Sob a leitura de filósofos, historiadores, médicos, sociólogos, antropólogos, biólogos, linguísticos, entre outros a escrita da autora proporcionou conhecer um pensamento multidisciplinar dando visibilidade a percepção da educação a partir de vários ângulos.

Dentre os mais variados nomes de pensadores, podemos citar Aristóteles, Agostinho de Campos, Ampere, Alvarez, A. Espina, Anatole France, Binet, Bain,

³⁸ Hellen Keller (1880-1968) ficou cega e surda logo nos primeiros anos de vida.

Bacon, Beger, Bunge, Bettiman, Bouillet, Charbonneau, Chasteau, Claparède, Compayré, Condillac, Commenio, Comte, Dufrenne, Emilé Durkheim, Emerson, Freud, Frederico Paulsen, Froebel, Faure, Ferrer, Forel, Fontenelle, Fechner, Faure, Frederich, Flechig, Gustavo Le Bom, Gruchet, Horacio, Helvetius, Jean Jacques Rousseau, J. Mill, Stuart Mill, João Cesca, H, Joly, M., Kant, Kensius, Locke, Ling., Leibnitz, Lacassagne, Laisné, Montaigne, Morion, Maria Montessori, Mottais, Mme. Necker de Saussure, Mme. Pape Carpentier, Napoleão, Negat, Platão, Pessallozi, Quintiliano, Quetelet, Ribot, Roquete pinto, Spencer, Stuart Mill, Sócrates, Springer, Stanly Hall, Sebatier, Varrier, Vasconcellos, Wundt, Weber, William James, Xenophonte, entre outros.

Esses foram alguns dos nomes citados por Maria Lacerda de Moura para sua reflexão acerca da questão educacional na sociedade. Com a diversidade de autores citados, seu posicionamento aparece de forma diversificada, lidando com o conhecimento e com os mais variados campos de saberes. Trata-se de uma forma peculiar da autora e daqueles que se ocupam com as reflexões libertárias. Nas suas lições pedagógicas perpassou o campo da história para situar as definições propostas no que se refere à pedagogia e a educação; revisitou a filosofia para falar da ética, da estética e da arte mediante o aprimoramento humano. Foi na antropologia que discutiu aspectos relacionados à diversidade social e cultural; passou pela sociologia e a definiu como uma ciência preocupada com as questões políticas e sociais do desenvolvimento humano; entrou na biologia para mencionar a importância das espécies humanas. Com o corpo incluiu a preocupação com a anatomia da criança e seu aprendizado, levando sempre em consideração a forma como o professor deve captar possíveis deficiências que possam interferir no aprendizado da criança. Depois passou pelo campo da política, para pensar na formação social do indivíduo e sua atuação como ser crítico diante das questões sociais.

Portanto, a escritora professora contribuiu com uma reflexão pertinente sobre educação preocupada em unir os mais variados aspectos do ser humano. Considerando os aspectos do seu aparato, físico (orgânico), moral (social) e intelectual (educação) como complementos para a vida humana. Então, seu organismo tem relação com o desenvolvimento, com a força, com a saúde e com a vida intelectual. Quando nos referimos à moral, essa está associada aos desejos e anseios de uma sociedade, estando diretamente relacionada à formação intelectual

do indivíduo. Quando temos uma educação completa, como menciona a autora, formamos seres completos, ao invés de indivíduos fragmentados para atuarem em determinados campos. Para Maria Lacerda de Moura, seres frutos de uma educação direcionada, enrijecida e controlada, não estariam preparados para uma transformação social.

Além disso, caberia ao educador também uma auto-educação, ou seja, compreender até onde esse educador poderia interferir no aprendizado da criança, sem dar regras de conduta como acontece, deixando-o compreender-se, diante das suas ações. De todas as discussões estabelecidas nesse trabalho, compreendi que Maria Lacerda Moura tinha uma intensa preocupação com a formação educacional da sociedade como um todo. Devido ao seu contexto social, notei um maior apelo para a condição da mulher e do operariado. Portanto, seu pensamento é atual e permite traçar reflexões acerca das questões sobre a educação, fruto de muitos debates entre especialistas. Partindo das seguintes questões: como hoje em dia os cursos de pedagogia trabalham com a diversidade das crianças? Ou mesmo como vem sendo trabalhado pelos formadores a educação infantil daqueles entendidos como anormais? Outro tema abordado pela autora é a questão vocacional, apresentada por ela no que concerne ao papel do professor. Então, quantos hoje na área pedagógica estão aptos a trabalhar as individualidades das crianças? Reflexões como essas nos ajudam a tentar compreender a nossa atualidade e ainda as reflexões tecidas por Maria Lacerda de Moura na sua época.

Percebemos de fato, na atualidade, uma preocupação maciça com a formação do educador: especialização do trabalho do educador e reformas no campo da educação. Essas preocupações diante do pensamento da professora aparecem como abstrações às questões mais profundas sobre os problemas da educação. Como foi citado sobre o ambiente escolar morto sem o entusiasmo nem para o professor, nem para o aluno (MOURA, 1925).

Diante dessa reflexão, compreende-se como ela situava o ambiente escolar na sua época. Passados quase oito décadas da escrita desse livro, podemos nos questionar sobre nossa atualidade: O que mudou? Em que melhorou? Quais são os principais problemas encontrados hoje na educação? O que é de fato indisciplina? Como é a violência em sala de aula? Para a educação oficial caberia ao professorado conhecer apenas os programas de ensino, ou mesmo as dificuldades

de lecionar, mediante pequenas questões. Será que a partir dessas questões sendo solucionadas os problemas com a educação estariam solucionados? E isso, para Maria Lacerda de Moura seria ao menos importante diante das peculiaridades previstas, tanto com os educadores como o educando. “Nem sempre o preparo intelectual revela o educador ou qualidade de educador” (MOURA, 1925:29).

Esse último momento, sobre a preocupação com a especialização do professor, é um tema constante na atualidade. Percebe cada vez mais, a preocupação com a especialização do educador, considerando apenas a sua formação intelectual como a solução para os problemas apresentados na educação.

Mediante essas colocações, encerro esse trabalho com mais um questionamento, que é recorrente, quando se fala sobre pesquisas ou estudos no campo da educação libertária: como vivenciar uma educação nos planos dos libertários, numa sociedade capitalista? Essa é uma pergunta feita de modo muito corriqueiro para os pesquisadores curiosos em pensar numa educação anarquista. A resposta pode ser que sim, concordo, no que diz respeito às dificuldades em implantar uma educação libertária, enquanto somos obrigados a seguir um programa político educacional. Mas, nada nos impede de pesquisar práticas e discussões pertinentes que nos auxiliem a pensar sobre a formação do indivíduo e ainda refletir sobre os aspectos sociológicos desses, que foram por muitas vezes resistentes as investidas políticas de repressão e autoritarismo.

Contudo, a análise do pensamento de Maria Lacerda de Moura nos ajudou na reflexão sobre a educação da época e também sobre a atual. As considerações sobre as questões atuais restringem a educação em aspectos que visto sob o prisma do pensamento da professora não são importantes para compreender a dimensão da educação. Fala-se muito em aumento da carga horária para o aluno, planos para os educadores, recursos didáticos, indisciplina, além de tantos outros. Esses olhares ficam restritos a questões que não poderia de fato mudar a educação e transformá-la num instrumento de emancipação ou mudança social como coloca a autora.

Enfim, a educação oficial pode ser hoje, reflexo de uma formação enrijecida, eliminando as vontades e as vocações ou mesmo as singularidades humanas. É sobre essa forma de educação que Maria Lacerda de Moura apresenta suas críticas para uma educação que não permite que o indivíduo exponha suas particularidades. Espero que esse trabalho venha a contribuir com as pesquisas subsequentes tendo

como concepção a contribuição de um pensamento libertário que, aos poucos, vem sendo percebido e estudado.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Charles. O amor livre: uma avaliação anarquista da questão sexual. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

BARBOSA, Daniel da Silva. **João Penteadado entre o movimento libertário paulista e o tradicionalismo jauense – Polo Jaú**. Monografia apresentada em 2008.

BARROSO Carmen; COSTA, Albertina Oliveira (org). **Mulher Mulheres**. São Paulo: Cortez: Fundação Carlos Chagas, 1983.

BARBOSA, Andréia. et. al. **Fotografia e Memória**: entrevista com Miriam Lifchitz Moreira Leite. Local: revista anthropológicas, ano 13, vol. 20:339-354 (2009).

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 2ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1967.

_____. Teresina e seus amigos. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

CLIFFORD, Geertz. **O Saber Local: Novos Ensaios em antropologia interpretativa**. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2009.

COMTE, Augusto. **Reorganizar a sociedade**. Coleção grandes pensadores: Editora Escala- SP, 2004.

FAURE, Sébastien. Anarquia- Anarquista. IN: WOODCOCK, G. **Os grandes Escritos anarquistas**. Porto Alegre:L&P, 1977.

FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FERREIRA, Maria Nazareth. A imprensa Operária no Brasil. São Paulo: Vozes, 1978.

FERREIRA, Denise Cristina; NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. **Maria Lacerda de Moura**: Mulher que formulou um novo pensar social feminino. PIBIC/CNPq/UFCG-2007.

_____. **A Mulher Operária: A Contribuição Feminina na Imprensa Anarquista no início do século XX**. PIBIC/CNPq/UFCG-2008.

_____. **Educação e Sociedade: Uma Análise do Pensamento Anarquista no Brasil no início do século XX**. PIBIC/CNPq/UFCG-2009.

GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. **A bibliografia Libertária: o anarquismo em língua portuguesa**. São Paulo: imaginário, 2001.

GUIA DO ACERVO- CEDEM. Organizado por Célia Reis Camargo. São Paulo: UNESP-2008. Disponível em: <http://www.cedem.unesp.br/Home/Acervo/guiadoacervo.pdf>. Acesso em: 25 de Jan. 2012, 00:19:20.

HAHNER, June E. *A Mulher no Brasil*. Tradução de Eduardo F. Alves. Editora: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 1978.

JOMINI, Maria Célia Mazoni. **Uma educação para a solidariedade**. Editora: Pontes, 1990.

KASSICK, Clóvis Nicanor. IN: **Esboço para uma história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.p 85-117.

_____. E KASSICK, N.B. **A contribuição do Pensamento Pedagógico Libertário para a História da Educação Brasileira**. Coletivos de Estudos Anarquistas: <HTTP://insurgentes.vilabol.uol.com.br/passos.htm>, s/d.

LEITE Miriam Lifchitz Moreira **A outra face do feminismo**: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

_____. **Maria Lacerda de Moura (1887-1945)**. *Anuário 96/97 da ABL (SP, 27-8-1996)*. Disponível em: <http://recollectionbooks.com/bleed/Encyclopedia/ArchiveMirror/marialacerda>>. Acesso em: 15 nov. 2011, 11:12:21.

LIPIANSKY, Edmond-Marc. **A Pedagogia Libertária**. Editora Imaginário: São Paulo: 1999.

KROPOTKIN, Pedro. Trabalho Cerebral e Braçal. IN: **Educação Libertária** (Coletânea). MORION, F.G. (org). Rio Grande do Sul: Artmed, 1989. p.51-67.

KROPOTKIN, P. **O princípio anarquista e outros ensaios**. São Paulo: Hedra, 2007. Pág 45.

KNORR, Eliane. **Para Além do Gênero**. Local: Revista Verve n. 09: 293-296, 2006. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5163/3690>>. Acesso em: 10 out. 2011, 15:25:32.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Estórias da Educação No Brasil: De Pombal a Passarinho**. Editora Brasília: Rio de Janeiro, s/d.

LIPIANSKY, Edmond-Marc. **A Pedagogia Libertária**. Editora Imaginário: São Paulo: 1999.

MOURA, Maria Lacerda de. **Renovação**. São Paulo: Teixeira, 1919.

_____. **Porque Vence o Porvir?**(conferência). São Paulo: MG: Liga dos Homens do trabalho, 1919.

_____. **A Mulher e a Maçonaria**. (conferência). São Paulo: Typ. Do Globo, 1922.

_____. **A Fraternidade e a Escola**. (conferência). São Paulo: União dos trabalhadores Graphics, 1922.

_____. **A Mulher Hodierna e o seu Papel na Sociedade Atual e na Formação da Civilização futura**. (conferência). Santos: SP: Estadode São Paulo, 1923.

_____. **"A mulher é uma Degenerada"**. São Paulo: Typ. Paulista, 1924.

_____. **Lições de Pedagogia**. São Paulo: PAULISTA, 1925.

_____. **Religião do Amor e da Beleza**. São Paulo: Typ. Condor, 1926.

_____. **De Amundsen a de Prete**. São Paulo: Secção de Obras d' O Combate, 1928.

_____. **Clero e Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931.

_____. **Civilização – tronco de escravos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931.

_____. **Serviço Obrigatório para Mulher? Recuso-me! Denuncio!** Santos, São Paulo:A sementeira, 1933.

_____. Escuta Israel!...". IN: **Por que ser Anti-semita?** SILVA, A. C. Pacheco e. et. Al. Editora: Civilização Brasileira, 162, 1933. Rio de Janeiro. Disponível em:< <http://ufdc.ufl.edu/UF00023253/00001>>. Acesso em: 09 dez. 2011, 11:30:25.

MALATESTA, Errico. Anarquismo e Anarquia. Editora: Faisca, 2009.

_____. **Anarquismo e Anarquia**. Editora: Faisca, 2009. Disponível em:http://www.alquimidia.org/faisca/arquivosSGC/malatesta_anarquismo.pdf. Acesso em: 10 de Fev de 2012.

MARTIN, Sebastian Sanchez. **La Escuela Moderna en Brasil** (1909-1919). Tomo I, Madrid: 1991.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Educação Integral**: texto referência para o debate nacional, - Brasília: MEC, Secad, 2009. 52p. Série Mais Educação.

NASCIMENTO, Rogério H. Z. **Florentino de Carvalho**: Pensamento Social de um anarquista. Editora: Achiamé, Rio de Janeiro: 2000.

_____. **Anarquia nas humanidades**: perspectiva negativista no estudo da sociedade. Revista: Arius, nº11, 2002.

_____. **INDISCIPLINA**: experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais/Políticas. São Paulo: PUC/SP, 2006.

_____. **Imprensa Anarquista no Brasil (1907-1915)**: indisciplina, experimentos libertários e emergência de saberes 2006. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/agora/pdf/rogerionascimento.pdf>. Acesso em: 12 de Dez. 2011

_____. **Os anarquistas e Marx**: esquerda e direita, liberdade e autoridade no socialismo. Revista: Arius, Campina Grande, v. 13, n2, p.241-248, jul/dez 2007.

_____. **Anarquismo e Sindicalismo**. Imprensa Marginal, 2008.

_____. **Escolas de Indisciplinas**: notas sobre sociabilidades anarquistas no Brasil em inícios do século XX. Revista Espaço Acadêmico, nº 92, janeiro de 2009. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/092/92nascimento.pdf>. Acesso em : 12 de out de 2011.

_____. **Educação Pela indisciplina**: Concepções e experimentos anarquistas registrados na imprensa operária no Brasil em inícios do século XX, IN: II Colóquio Internacional de História: fontes históricas, ensino e história da educação Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) 2010.

_____. **Anarquismo e Anarquia**. Imprensa Marginal, 2010

_____. **Educação Anarquista**. Saberes, idéias, concepções. Vol I. Imprensa Marginal, 2012.

NETTLAU, Max. **História da Anarquia**: das origens ao anarco-comunismo. Frank Mintz (org. e intro). Plínio Augusto Coêlho (trad.). - São Paulo: Hedra: 2008.

PETTA, Nicolina Luiza; DELFINI, Luciano. **Para entender o anarquismo**. São Paulo: Moderna, 2004.

PERES, Fernando Antonio. **Revisitando a trajetória de João Penteadado: o discreto transgressor de limites**. (Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo), 2010.

RODRIGUES, Edgar. **Alvorada Operária**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1970.

_____. **Anarquismo à moda antiga**. Editora: A idéia, Lisboa: 1985.

_____. **ABC do sindicalismo Revolucionário**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1987.

_____. **Os Companheiros** -1 Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1994. V. 1.

RODRIGUES, Nina. **As raças Humanas**. 2ª Ed. São Paulo: Rio de Janeiro: Recife: Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, [1894] 1988.

ROSSI, Giovanni. **Colônia Cecília e Outros Utopias**. Tradução e introdução Marzia Terenzi Vincentini, Miguel Sanches Neto. Curitiba: Imprensa Oficial, 2000.

RAGO, Margareth. **Entre o anarquismo e o feminismo**: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbrì. Disponível em: <[http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/mulher/09marialacerda de moura](http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/mulher/09marialacerda_de_moura)>. Acesso em: 10 de Dez. 2011.

SANTOS, Luciana Eliza dos. **A trajetória anarquista do educador João Penteadado: Leituras sobre educação, cultura e sociedade**. (Dissertação apresentada na Faculdade de Educação de São Paulo, 2009.

SCHPUN, Mônica Raisa. **Maria Lacerda de Moura trajetória de uma rebelde entrevista com Miriam Moreira Lifchitz Leite**. Local: Cad. Pagu, revista scielo no. 2, Campinas Jan 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a12.pdf>>. Acesso em: 12 de nov. 2011.

SOIHET, Rachel. **Condição Feminina e Formas de Violência: mulheres pobres e ordem Urbana, (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOARES, Lúcia. **Mulheres Anarquistas**. Local: revista verve n.13: 282-287, 2008. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5209/3742>>. Acesso em: 24 dez. 2011.

UTOPIA, Revista. **Maria Lacerda de Moura: Uma anarquista Individualista**. Local: n °09. Disponível em <<http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/mulher/09marialacerda>>. Acesso em: 10 de out. 2011.

WOODCOCK, G. **Os grandes Escritos anarquistas**. Porto Alegre:L&P, 1977.

_____. **História das Idéias e Movimentos Anarquistas.** Vol 01. A idéia. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. **História das Idéias e Movimentos Anarquistas.** Vol 02. O movimento. Porto Alegre: L&PM, 2008.